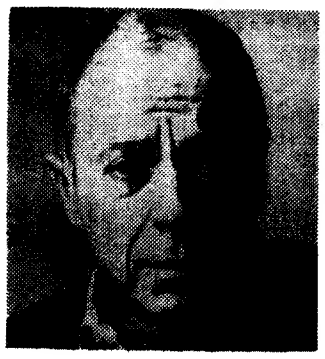


Nobel da literatura para Claude Simon

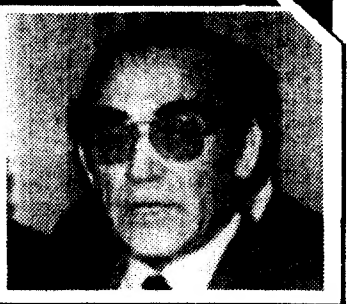
Pág. 24

Correspondendo a "numerosos estímulos"

Costa Brás disponível para Belém

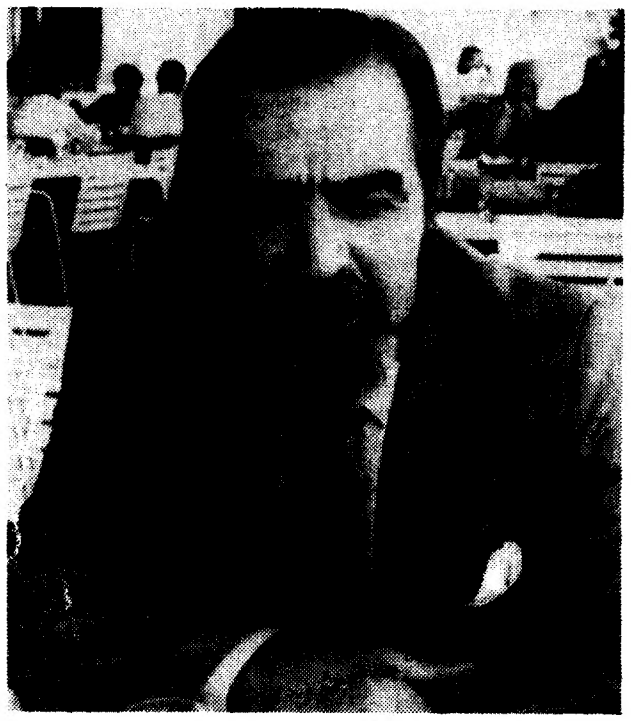
Costa Brás está disponível para se candidatar à Presidência da República, de acordo com informações que veiculou para a agência Anop. A candidatura do alto comissário Contra a Corrupção a Belém poderá ter sido decidida apenas depois de o general Ramalho Eanes ter incentivado o tenente-cronel Costa Brás a dar este passo. Será, disse Costa Brás à Anop, «uma candidatura rigorosamente suprapartidária e independente», viabilizando a presença em Belém de um Presidente da República que possa ser um árbitro que a todos represente.

Pág. 24



Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 887 Quinta-feira, 17 de Outubro de 1985 Preço 40$00



Manuel Alegre à Mesa DL:

O PS já está a mudar

É a primeira entrevista de fundo que um dirigente socialista concede depois do desastre de 6 de Outubro: Manuel Alegre garante que o PS vai mudar, se tiver coragem para extrair todas as consequências políticas deste fiasco nas Legislativas, que foi ao mesmo tempo uma bofetada em Mário Soares e uma punição por os socialistas terem governado «à direita do seu eleitorado e do seu próprio coração». Manuel Alegre acentua que não se pode admitir, como o PS admitiu enquanto foi Governo, uma tão grande contradição entre o «interesse nacional» e o «interesse social da maioria da população».

É a entrevista de um leão ferido, mas que já está, de novo, ao ataque: para ele, o PRD é um partido «sebastianista, populista, messiânico, ao serviço de um projecto de poder pessoal». Para ele, «o fenómeno Manuela Eanes é do domínio do irracional e da telenovela». Para ele, o PCP «perdeu a autonomia estratégica e não conseguirá sair do seu **ghetto** político enquanto continuar a identificar-se completamente com o modelo soviético...»

Págs. 11, 12 e 13

Pelo menos nove mortos

Ataque suicida a rádio falangista do Líbano

Pág. 14

MÉXICO

Um sonho em ombros

Só ele sonhava ou em cada um de nós havia uma secreta esperança da selecção portuguesa de futebol conseguir atingir a fase final do mundial, no México? A verdade é que o sonho-anseio de José Torres acabou por realizar-se, tornado autêntico pela bela exibição de uma selecção superdefensiva que, em Estugarda, também beneficiando do moral ganho com a derrota dos suecos perante checos, derrubou a RFA pela primeira vez na sua história dentro do torneio mundial de qualificação. Torres em ombros: uma legenda de alegria que todo o Portugal viu pela TV.

Págs. 16 e 17

Último acto solene comemorativo do fim da 2ª Guerra Mundial — o dos trabalhadores — II

Alexandre Castanheira

Nascida em 3 de Outubro de 1945, em Paris, a Federação Sindical Mundial reúne no seu seio, pela primeira vez na história do sindicalismo mundial, praticamente os sindicatos de todo o mundo. A FSM consubstancia a unidade dos trabalhadores do mundo, sejam eles dos países capitalistas desenvolvidos, da União Soviética, das jovens democracias populares, dos países subdesenvolvidos e até de países ainda colonizados. Todos se unem porque entedem que **só poderão ser plenamente alcançados** (os objectivos e as aspirações dos trabalhadores) **com o estabelecimento de uma ordem mundial em que todos os recursos do Mundo sejam utilizados em benefício de todos os homens, a imensa maioria dos quais é constituída pelos trabalhadores manuais e intelectuais, cuja protecção e cujo progresso dependem da união de todas as suas forças organizadas no plano nacional e internacional. (1).**

Não havia diferenças de opinião entre os fundadores da FSM? Se havia!... Mas a força do diálogo tinha-as superado. Por isso ela representava unitariamente 67 milhões de trabalhadores de 55 países dos 5 continentes.

Guerra fria-divisão

Havia no entanto forças políticas a quem não sorria esta vitória da unidade, fruto ela própria da vitória da ampla aliança de forças democráticas sobre as forças do nazi-fascismo e de guerra. Eram aqueles que viam com apreensão reduzir-se o campo de acção do imperialismo e criar-se uma nova correlação de forças: adopção do modelo socialista de produção e da via socialista por vários países, a vitória da revolução chinesa, a luta dos povos da Indochina contra a dominação francesa, a libertação da Síria, da Índia, o ruir de colonialismo... e também, não com menor importância, a intensificação nos próprios países capitalistas das lutas reivindicativas — unitárias também elas — por melhores condições de vida e de trabalho. Surgem novas doutrinas (como a de Truman), planos de ingerência (como o Marshall), rompem-se uns após outros os princípios dos acordos de Yalta e de Potsdam, criam-se tratados militares (Pacto do Atlântico-Otan), etc.

Tudo isto se vai repercutir na FSM e nas centrais sindicais nacionais. O combate surge a partir da acção da central norte-americana AFL e agudiza-se com a preparação do II Congresso Sindical Mundial. O espírito unitário desaparece por detrás das novas expressões à moda: o «mundo livre» face à «ameaça soviética»; os «sindicatos livres» frente aos que não passam de «agentes de Moscovo».

Em Janeiro de 1949, em plena reunião do Bureau Executivo da FSM, o TUC (inglês) pede a suspensão das actividades da FSM, por um ano, enquanto o sindicalista americano James Carey (CIO) declara que a FSM já não passa de um cadáver que é preciso enterrar. A maioria dos membros entende que só o Congresso pode resolver. O TUC abandona a FSM. Várias outras organizações fazem-no nos meses seguintes e, em Dezembro de 1949, nasce em Londres a **Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres**. Isto apesar da FSM ter realizado em Junho — Julho desse ano, em Milão, o II Congresso Sindical Mundial, onde foi adoptado um Manifesto aos trabalhadores e sindicatos do mundo exortando-os à luta unida em defesa da paz, dos direitos democráticos e dos interesses económicos dos trabalhadores, e se decidiu criar **Uniões Internacional de Sindicatos** (UIS) por ramo, verdadeiros departamentos profissionais da FSM. Não havia pois enterro nem cadáver: a FSM vivia e ia continuar o seu combate, decidido em unidade. Era de mais para os inimigos da unidade: o governo francês expulsa de Paris a FSM! Passa para Viena, onde, em 1956, o governo austríaco lhe encerra a sede. Acabará por fixar-se em Praga, a convite do Conselho Central dos Sindicatos Checoslovácos.

Obstáculos sempre vencidos

Uma orientação consequente a favor da paz, traz à FSM as complicações inerentes à denúncia que faz da guerra da Coreia (1950), ao apoio que presta aos patriotas vietnamitas, ao povo da Guatemala invadida (1954) por tropas mercenárias às ordens da CIA para se oporem à reforma agrária e às nacionalizações, à solidariedade com o Egipto de Nasser em defesa da nacionalização do canal de Suez que motivou a invasão daquele país por tropas da França, Grã-Bretanha e Israel (1956), etc. etc.

Luta após luta, apoio atrás de apoio, congresso seguindo-se a congresso, a FSM é das forças mais poderosas na luta pela paz, pela coexistência pacífica, pelo fim da guerra-fria, pela unidade dos trabalhadores. Viena (1953), Leipzig (1957), Moscovo (1961), Varsóvia (1965), Budapeste (1969), Varna (1973) são passos (congressos) dados numa grande contribuição à paz, à independência dos povos, aos direitos dos homens a uma vida digna, num mundo que vai caminhando para o fracasso das forças da guerra e para a vitória do desanuviamento, a par com as actividades resultantes de congressos mundiais de partidários da paz, de festivais da juventude e dos estudantes, da conferência de Bandung e do movimento dos não-alinhados.

O VIII Congresso Sindical Mundial, em Varna (Bulgária), em Outubro de 1973 é já um retrato dos bons resultados obtidos pela orientação unitária consequente da FSM: além das 55 centrais filiadas e das 12 Federações profissionais aderentes das UIS estão presentes delegados de 113 organizações não-aderentes e observadores de 4 organizações internacionais e regionais. A conclusão do Congresso afirma: A FSM **multiplicará ainda mais as iniciativas susceptíveis de contribuir para uma aproximação entre todas as organizações sindicais e de alargar a sua unidade de acção na base de uma ampla plataforma aceitável por todos.**

O IX Congresso (Praga) e o X (Havana) provaram a justeza daquela orientação, cada vez mais evidente e necessria face à louca corrida aos armamentos, mísseis, etc. e consequente perigo de holocausto nuclear. Basta verificarmos que na capital de Cuba socialista se reuniram 810 delegados de 328 organizações de 138 países e 23 organizações sindicais internacionais e regionais, representando no total 269 milhões de trabalhadores. Entre aquelas organizações, 214 não são filiadas nem na FSM nem nas UIS!

O 40.º aniversário da FSM

Assim se chegou à data do 40.º aniversário da criação, com a reunião do Bureau da FSM, em Moscovo, seguida de uma sessão solene comemorativa. Ibrahim Zakaria (sudanês), secretário-geral da FSM apresentou um balanço do trabalho realizado e determinou as frentes prioritárias da luta pela paz, contra a corrida aos armamentos, contra a «guerra das estrelas», contra o desemprego, contra a fome, pelos direitos sindicais, pelas liberdades democráticas, contra a nova exploração e dominação de países através dos compromissos com o FMI, contra as sociedades transnacionais, por uma nova ordem económica internacional, etc.

Os presentes — delegados de organizações filiadas ou convidadas (como foi o caso da CGTP-IN) — aprovaram um apelo aos sindicatos do mundo para fazer do XI Congresso Sindical Mundial, a realizar em Berlim, em Setembro de 1986, um verdadeiro espaço de diálogo e de reforço da cooperação sindical internacional. Aprovaram ainda resoluções contra a política do FMI e «a cilada neocolonialista da dívida externa», sobre o desemprego, sobre as lutas pelos direitos sindicais, contra a fome em África e no mundo, contra a militarização do espaço, pela mobilização para se pôr fim ao apartheid na África do Sul, etc., etc.

40 anos depois da sua criação a batalha da unidade decorre com nova intensidade. No final da sessão especial comemorativa, depois de recordar que «**os fundadores da FSM estavam animados de um desejo comum: o de buscar os temas de convergência, conscientes de que a unidade de acção em torno de objectivos comuns era a melhor garantia da sua realização**», a Declaração adoptada afirma: «**Aqueles que lutam hoje pela unidade de acção do movimento sindical, nos níveis nacional, regional e internacional, não pretendem ignorar as diferenças que separam as suas diversas componentes. Cada um tem o direito de definir a acção sindical de acordo com a sua própria concepção. Mas nós insistimos na necessidade de melhorar a eficácia das acções, coordenando-as ali onde existirem objectivos comuns**». Por fim apela «**uma vez mais a todas as forças sindicais do mundo, em particular a CISL, a CTM e os seus filiados, a ouvirem as reivindicações do nosso tempo, expressas também pelos milhões dos seus aderentes e, juntamente com as organizações — membros da FSM e as organizações autónomas nacionais e regionais, procurarem conscienciosamente as vias de cooperação e de unidade de acção, para bem de todos os trabalhadores do mundo**».

(1) — do preâmbulo dos Estatutos da FSM, adoptados em 3/10/45.

O DEPARTAMENTO DAS APOSTAS MÚTUAS SAÚDA A **SELECÇÃO NACIONAL DE FUTEBOL** PELA CONQUISTA DO LUGAR NO MUNDIAL DO MÉXICO

BOA SORTE!

totobola totoloto

EVITE A FADIGA AO VOLANTE!

Divida a viagem em etapas
Pare nos postos de apoio
nas estradas. Eles existem
para sua segurança.

circular é viver

Confusão Política e Confusão Cultural

OUVEMOS a RTP-Antena Um por ter evocado a efeméride. O primeiro número da velha "Seara Nova" foi publicado no dia 15 de Outubro de 1921. Do corpo directivo que lançava a revista faziam parte: Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, Faria de Vasconcelos, Ferreira de Macedo, Francisco António Correia, Jaime Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Câmara Reys, Raul Brandão, Raul Proença.

Aquilino era, na lista dos directores-fundadores, o primeiro nome, mas só no n.º 2 da "Seara Nova" iniciará a sua colaboração com uma "Crónica deselegante da minha aldeia". Está datada de Agosto-Outubro de 1921. O n.º 2 da revista terá saído a 5 de Novembro e refere-se, portanto, aos acontecimentos trágicos de 19 de Outubro pelas penas de Jaime Cortesão, Raul Proença, Câmara Reys. Não é política a "Crónica" de Aquilino. Mas lá vem o remoque ao Terreiro do Paço: "Minha aldeia, pobre célula viva desta terra malfadada, triste, esquecida de todos que não seja o fisco e o letrado da vila, indiferente ao Terreiro do Paço, a quem de resto alimenta..."

"Indiferente ao Terreiro do Paço...", mas queixosa e contestatária do Terreiro do Paço. Nos Anos Vinte não corria a expressão "classe política", nem o "Terreiro do Paço", zona privilegiada da actividade política governativa, se tinha dilatado a toda a área da capital. Com o Conselho da Revolução instalado no Restelo, com a Assembleia da República a funcionar no conventual S. Bento, com o Primeiro-Ministro a ter em S. Bento residência e na Gomes Teixeira serviços, o "Terreiro do Paço" deixou de suportar toda a carga de queixas e revoltas, de lamentações e de sarcasmos que **a política** vem merecendo.

A atitude crítica dos homens da "Seara Nova" vinha impregnada de uma consciência clara da responsabilidade política e cultural dos "homens de **élite**". Transcrevemos: "Muito tempo passaram já os homens de **élite** isolados do povo, fora das realidades sociais, muito para além do plano e do movimento em que se tece o futuro do mundo. É preciso que desçam até à corrente que transporta os gérmens da sociedade futura, e que nela lancem também o seu próprio sangue".

Quando, porque surda às críticas e aos apelos dos "seareiros", o Parlamentarismo republicano sucumbiu sob as espadas dos émulos do "Presidente-Rei" e se abriu no tecido social português a ilusão do "Interregno", os "homens de **élite**" da "Seara Nova" — republicanos, democráticos, socialistas — comprometeram carreiras e vidas, arriscaram na "resistência" o sangue e a liberdade: um Jaime Cortesão, um Raul Proença, um António Sérgio, um Aquilino Ribeiro.

Outros ficaram na sombra do "Estado Novo". Ao culto dos "ocultos" valores sacrificando. Aquilino, não. Na sua obra, a contestação é constante. O romance "Quando os Lobos Uivam" não pode ser considerado uma nota dissonante numa plácida carreira literária, culmina um processo crítico que tem as suas raízes naquela "Crónica deselegante da minha aldeia..." Não cultiva os valores do pitoresco, as peculiaridades rústicas, o pitoresco do arcaico. Trata da vida real dos homens. É a voz das aldeias perdidas, esquecidas, a bradar contra os "Terreiros do Paço", os ministérios, os palácios, os senhores de S. Bento (convento) e o senhor de S. Bento (residência).

Aquilino não vergou sob a derrota das acções armadas, nem amoleceu nas estrangeiras terras de exílio, nem desgastou nos panfletos clandestinos a luminosa força da sua prosa. A sua obra — de que o povo português é a personagem central —, da descrição das paisagens à interpretação da História, é um retrato de Portugal. E diremos que Portugal foi uma paixão dos homens da velha "Seara Nova". Dos escritores que nela colaboraram: um Raul Brandão, um Manuel Teixeira Gomes, um José Rodrigues Miguéis. E dos intelectuais-políticos, dos poetas da acção: um Jaime Cortesão, um Raul Proença. Do "Guia de Portugal" à "Introdução Geográfica" da malograda "História de Portugal" de António Sérgio. E toda a obra de Aquilino.

Parece-nos ser bem expressivo do **deslizar para a direita**, das concessões e dos compromissos deste período complexo (e contraditório) que **uns** valores façam esquecer **outros** valores. Temos presentes, as nobres palavras de David Mourão-Ferreira, na conferência que proferiu no Anfiteatro da Biblioteca Nacional, por ocasião da cerimónia de inauguração das Comemorações Oficiais do Centenário do Nascimento de Aquilino Ribeiro, mas não são só considerações relativas ao valor literário e ao significado cultural da obra de um escritor que determinam que, nestas notas cursivas, com os leitores tenhamos este desabafo.

A tradição republicana — com as suas lacunas e contradições — conduz à "resistência antifascista». Os «seareiros» estiveram na Revolução de Fevereiro (nas duas "revoluções": a do Porto e a de Lisboa) e conheceram as agruras dos exílios e as prisões da "Ditadura" caserneira e do ordeiro "Estado Novo". E um desses revolucionários, um desses resistentes, um desses perseguidos, foi o escritor Aquilino Ribeiro. Dobrado o cabo dos 70 anos, teve honras de «ordem de captura» e de processo no Tribunal Plenário. A dita "Assembleia Nacional" dedicou-lhe sessão de ataque e insultos. Esta Assembleia da República não descobriu que, para Aquilino, não havia monumento a encomendar. Ele olha-nos, do alto da sua obra, directamente. Ali, é Portugal.

Esquecer — a sessenta anos no tempo das nossas confusões nacionais — a fundação da velha "Seara Nova" e a presença do gigante que escreveu "A Casa Grande de Romorigães", que criou o "Malhadinhas", e do Camões-mito fez um Camões-homem, de carne e de sentidos, é um pecado de inteligência. É um desvio cultural. É um aspecto característico dessa confusão política de que recebemos lição nestas "eleições legislativas" e que ameaça perdurar nas prévias campanhas das «eleições presidenciais».

Confusão política que não é só indecisão de ideologia, hesitação de rumo. Que é, pesadamente, confusão cultural.

Estados Unidos da América

Grande défice industrial

Jean Lemperiere

Exclusivo Le Monde/DL

Inversão das relações entre Washington e os países em vias de desenvolvimento que registaram um excedente de 14 mil milhões de dólares no campo dos produtos acabados. Embora as grandes sociedades norte-americanas invadam tudo, as produções nacionais aumentam continuamente.

Em dois anos, de 1982 a 1984, as relações entre os Estados Unidos e o Terceiro Mundo foram marcadas ao mesmo tempo pelos rápidos progressos da produção dos países em vias de desenvolvimento e pela transformação progressiva da economia norte-americana. Com excepção do petróleo, a parte dos produtos manufacturados tornou-se igual nos dois sentidos: aproxima-se de 72% (cerca de 50% nas mercadorias do Sul, sem contar com os quatro grandes países exportadores do Extremo Oriente). A imagem tradicional do Terceiro Mundo fornecedor de matérias-primas e de produtos alimentares e comprador de produtos acabados, está decididamente ultrapassada.

Reforçadas pela grande procura norte-americana e pelo nível elevado do dólar durante o período de recuperação, essas mudanças traduzem também uma evolução a longo prazo. Aliás, economistas norte-americanos lamentam a nova vaga de transferência para a Ásia no sector da tecnologia de ponta o que provocará novos défices.

Reviravolta significativa: o saldo das trocas de produtos manufacturados entre os Estados Unidos e o Terceiro Mundo, tradicionalmente beneficiário em várias dezenas de mil milhões de dólares (18,3 mil milhões de dólares ainda em 1982), tornou-se deficitário em 14,3 mil milhões de dólares em 1984. É claro que importa estabelecer diferenças em função dos sectores e dos países em questão, mas o Terceiro Mundo sublinha desta maneira as suas capacidades de fornecer artigos cada vez mais diversificados.

Bens de equipamento...

Em dois anos, as remessas de produtos manufacturados provenientes do Terceiro Mundo aumentaram dois terços enquanto as exportações dos Estados Unidos para o Sul permaneceram inferiores de um quinto em referência ao nível de 1981, apesar de uma modesta recuperação em 1984. Os progressos na América Latina foram compensados por um recuo nos mercados petrolíferos.

Tornando-se em 1983 o primeiro fornecedor de produtos industriais dos Estados Unidos, o Terceiro Mundo manteve claramente esse lugar em 1984 (27,5%), à frente do Japão e do conjunto dos países europeus (23,4%). Apesar de um acréscimo substancial das suas vendas, a posição dos exportadores europeus está a recuar cerca de 1 ponto. Em 1983, a Formosa preparava-se para igualar a R.F.A.; a Coreia do Sul e Hong-Kong ultrapassavam a Grã-Bretanha, e o México ultrapassava a França.

Por outro lado, os produtos mais elaborados asseguram um lugar cada vez maior nas remessas do Terceiro Mundo e tudo faz antever que esse movimento vai continuar. Os bens de equipamento juntam-se agora aos bens de consumo. Os exportadores do Sul fornecem a metade das importações dos Estados Unidos em equipamento eléctrico e um terço do material de telecomunicação, material de escritório e informática, logo a seguir ao Japão. Progridem claramente em determinados sectores do equipamento mecânico onde conquistaram um lugar apreciável: motores (um sexto), em especial da América Latina; equipamento mecânico em geral; navios.

Estas importações são alimentadas pelo desenvolvimento paralelo de dois tipos de produção: as produções organizadas ou controladas no Sul pelas multinacionais e a concorrência comercial directa dos produtores do Terceiro Mundo. Provocaram protestos dos produtores norte-americanos: foram elaboradas grandes listas de produtos nas quais são pedidas limitações de exportações tanto à Coreia como à Formosa.

Em finais de 1984 foram atribuídos poderes excepcionais ao presidente Reagan (Omnibus Trade Act), permitindo-lhe tomar unilateralmente — e contra os princípios do GATT — medidas de retorsão contra exportadores estrangeiros que se considera não cumprirem as correctas regras comerciais. Estas medidas exprimem como está bem viva a concorrência comercial dos exportadores do Sul, muito sentida em novos sectores.

As multinacionais, no seu conjunto, lucraram com a crise em consequência da sua ubiquidade e das suas capacidades financeiras. A sua posição, dominante em determinados sectores de que conservam o domínio tanto no Sul como no Norte (electrónica, informática, automóveis), não exclui múltiplas iniciativas exteriores. no que se refere ao conjunto das remessas industriais, o seu quinhão é, de acordo com cada país, muito variável: domina bastante em Singapura, é muito grande no Brasil (45%), mas é inferior a 20% na Coreia, na Formosa ou em Hong-Kong e muito fraca na Índia. A parte de componentes norte-americanos nos artigos provenientes dos países da Ásia é agora da mesma ordem que as remessas dos países industriais o que constitui uma indicação significativa no que se refere ao nível das produções locais.

... e matérias-primas

Ao Terceiro Mundo cabe menos de 30% do fornecimento aos Estados Unidos de matérias-primas e metais não ferrosos, e o Estados Unidos são fornecedores, sem margens para dúvidas, do Terceiro Mundo em matérias-primas. Esta situação não é nova, mas sobressai mais no momento em que todos os grandes sectores de produtos manufacturados, excepto a química, e em todos os mercados, os défices se agravam e os saldos beneficiários diminuem: défice duplicado para as matérias-primas transformadas, acrescido de metade para os bens de consumo e sobretudo excedente reduzido a metade para o equipamento e os materiais de transporte, apesar da estabilidade no que se refere à América Latina.

As exportações dos Estados Unidos dividem-se cada vez mais entre artigos de tecnologia de ponta e produtos primários, com perspectivas futuras que não estão isentas de inquietação. As revistas norte-americanas recentes não deixam de sublinhar a importância dos produtos de alimentação e das matérias-primas para as exportações norte-americanas: com os produtos de tecnologia de ponta, o trigo, o milho, as conservas, as bebidas, os alimentos para animais, o carvão, o couro, virão a constituir a maior parte das vendas para a Ásia e América Latina.

Emigrantes: abstenção sempre a aumentar

O escrutínio dos votos dos emigrantes, ontem realizado em Lisboa, demonstrou o contínuo aumento da abstenção, que este ano atingiu cerca de 70 por cento. Dos 180 mil boletins de voto enviados para os emigrantes só cerca de 55 mil regressaram preenchidos.

O apuramento dos resultados das eleições, que começou no próprio dia 6 com a votação de Macau, acabou ontem com os restantes resultados da emigração.

Dos quatro deputados agora eleitos, só um é estreante: Luís Geraldes (PSD), emigrante na África do Sul, corretor de seguros marítimos e presidente da Comissão Política do PSD de Joanesburgo.

José Gama (CDS) foi reeleito deputado pelo círculo de Fora da Europa.

Manuela Aguiar, secretária de Estado da Emigração, foi, desta feita, eleita pela Europa, mas será substituída no Parlamento, enquanto estiver no Governo, por Fernando Figueiredo (que assim pode conservar o seu lugar na Assembleia).

O deputado Rodolfo Crespo (PS), eleito pela Europa, poderá ser substituído (se e quando for designado para o Parlamento Europeu) pelo homem que já na anterior legislatura representava os socialistas portugueses da Europa na Assembleia: Vítor Caio Roque.

O escrutínio dos emigrantes, que teve lugar às 19 horas de ontem no moderno edifício na zona da Junqueira, em Lisboa, foi feito em 70 mesas de voto que mobilizaram perto de 450 pessoas.

Os funcionários do Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (STAPE) e da Comissão Nacional de Eleições (CNE) prestaram assistência aos escrutinadores.

A secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, e os deputados Caio Roque, José Gama e Fernando Figueiredo estiveram na Junqueira para assistir ao escrutínio.

Hoje, na sede do STAPE, terá lugar o apuramento definitivo oficial dos votos dos emigrantes.

Em relação às eleições de 1983 a APU subiu na Europa, o CDS subiu nos dois círculos, o PS subiu fora da Europa e desceu na Europa e desceu no Resto do Mundo (embora continue a ser aqui o partido mais votado).

A composição final da Assembleia da República

Partido Social Democrata (PSD)

Aveiro (6) – Ângelo Correia, José Manuel Casqueiro, Brito Lhamas, Adérito Campos, Portugal da Fonseca, Joaquim da Silva Martins.
Beja (1) – Álvaro Barreto.
Braga (6) – Eurico de Melo, Marques Mendes, Fernando Dias da Conceição, Joaquim Barros Domingues, António Barbosa de Azevedo, Virgílio de Oliveira Carneiro.
Bragança (2) – **Casimiro Pires, Duarte Lima.**
Castelo Branco (3) – Vítor Crespo, José Pereira Lopes, Antunes da Silva.
Coimbra (4) – Fernando Nogueira, Dias Loureiro, Manuel Pereira, Costa Andrade.
Évora (1) – Luís Capoulas.
Faro (3) – António Capucho, Mendes Bota, Cabrita Neto.
Guarda (2) – Marília Raimundo, Arménio Matias.
Leiria (5) – Mário Raposo, Silva Marques, Licínio Moreira da Silva, Reinaldo Gomes, Belarmino Correia.
Lisboa (15) – Cavaco Silva, Pinto Balsemão, Rui Machete, Correia Afonso, Rui Almeida Mendes, Pedro Santana Lopes, Afonso Moura Guedes, Arménio Santos, Pedro Pinto, José Manuel Barroso, Rui Carp, José Luís Ramos, Rui Oliveira e Costa, António Machado Lourenço, Carlos Coelho.
Portalegre (1) – Malato Correia.
Porto (12) – Montalvão Machado, Valente de Oliveira, José Augusto Seabra, Amélia de Azevedo, Alípio Dias, Leonor Beleza, Rui Amaral, Manuel Maria Moreira, José da Silva Peneda, António Lopes Tavares, Guido Freitas Rodrigues, Lacerda Queirós.
Santarém (4) – Cardoso e Cunha, Fernando Condesso, Abílio Rodrigues, Mário Mendes dos Santos.
Setúbal (3) – Carlos Pimenta, Joaquim Eduardo Gomes, Fernando Cardoso Ferreira.
Viana do Castelo (3) – João de Deus Pinheiro, Henrique Rodrigues da Mata, José da Silva Domingues.
Vila Real (3) – Amândio de Azevedo, Daniel Ferreira Bastos, João Ferreira Teixeira.
Viseu (5) – Fernando do Amaral, Figueiredo Lopes, Luís Martins, Álvaro Marques de Figueiredo, José de Almeida Cesário.
Açores (3) – Mota Amaral, José Melo Alves, José Vargas Bulção.
Madeira (4) – Correia de Jesus, Virgílio Gonçalves Pereira, Cecília Catarino, Francisco Jardim Ramos.
Europa (1) – Manuela Aguiar.
Fora da Europa (1) – Luís Geraldes.

Partido Socialista (PS)

Aveiro (4) – Carlos Candal, Ferraz de Abreu, Frederico de Moura, José Mota.
Beja (1) – Helena Torres Marques.
Braga (4) – Raul Rego, António Vitorino, Magalhães Silva, Agostinho Domingues.
Bragança (1) – Amadeu Pires.
Castelo Branco (1) – António Guterres.
Coimbra (3) – Manuel Alegre, António Campos, Santana Maia.
Évora (1) – António Barreto (independente).
Faro (2) – Luís Filipe Madeira, António Esteves.
Guarda (2) – Veiga Simão, Abílio Curto.
Leiria (2) – Carlos Melancia, Rui Rabaça Vieira.
Lisboa (12) – Mário Soares, Manuel Tito de Morais, Jaime Gama, Rui Mateus, Jorge Campinos, Valter Rosa, Torres Couto, Lopes Cardoso (UEDS), Teófilo Carvalho dos Santos, Alfredo Barroso, Mário Sottomayor Cardia, António Janeiro.
Portalegre (1) – Miranda Calha.
Porto (10) – António Macedo, Mário Cal Brandão, Almeida Santos, José Luís Nunes, Carlos Lage, Rosado Correia, Fernando Gomes, Narciso Miranda, Gonçalo Ribeiro Teles (PPM), Carlos Pinto.
Santarém (2) – Pedro Coelho, Jorge Lacão.
Setúbal (3) – Eduardo Pereira, Maldonado Gonelha, Mata Cáceres.
Viana do Castelo (1) – Oliveira e Silva.
Vila Real (2) – Coimbra Martins, Aloísio Fonseca.
Viseu (2) – Armando Lopes, Raul Junqueiro.
Açores (1) – Simas Santos.
Madeira (1) – Mota Torres.
Europa (1) – Rodolfo Crespo.
Fora da Europa – Não elegeu.

Partido Renovador Democrático (PRD)

Aveiro (2) – Aníbal Campos, Rui Sá e Cunha.
Beja – Não elegeu.
Braga (3) – António José Fernandes, Sérgio Machado dos Santos e Eurico Lemos Pires.
Bragança – Não elegeu.
Castelo Branco (2) – Fernando Dias de Carvalho, António Marques Mendes.
Coimbra (2) – Arménio Ramos de Carvalho, Carlos Sá Furtado.
Évora (1) – Carmelo Lobo.
Faro (2) – António Feu, João Barros Madeira.
Leiria (2) – José Alberto Paiva Seabra, António Lopes Marques.
Lisboa (13) – Correia Gago, Medeiros Ferreira, José Carlos de Vasconcelos, Vasco da Gama Fernandes, Magalhães Mota, Carlos Lilaia, Ivo Pinho, Vasco da Silva Marques, Jorge Pegado Liz, Manuel Messias Silvestre, Maria Cristina Cardoso Albuquerque, Alexandre Manuel, Carlos Narciso Martins.
Portalegre – Não elegeu.
Porto (8) – Maria da Glória Padrão, Silva Lopes, Bártolo da Paiva Campos, José Maria Dias de Carvalho, Francisco Barbosa da Costa, José Costa Carvalho, Jaime Coutinho, António Sousa Pereira.
Santarém (3) – Hermínio Martinho, Francisco Fernandes, Paulo Guedes de Campos.
Setúbal (4) – Marques Júnior, Ana Gonçalves, José Passinhas, Carlos de Carvalho Ganopa.
Viana do Castelo (1) – Agostinho Correia de Sousa.
Vila Real – Não elegeu.
Viseu (1) – João Leão de Meireles.
Açores (1) – Roberto Amaral.
Madeira – Não elegeu.
Europa – Não elegeu.
Fora da Europa – Não elegeu.

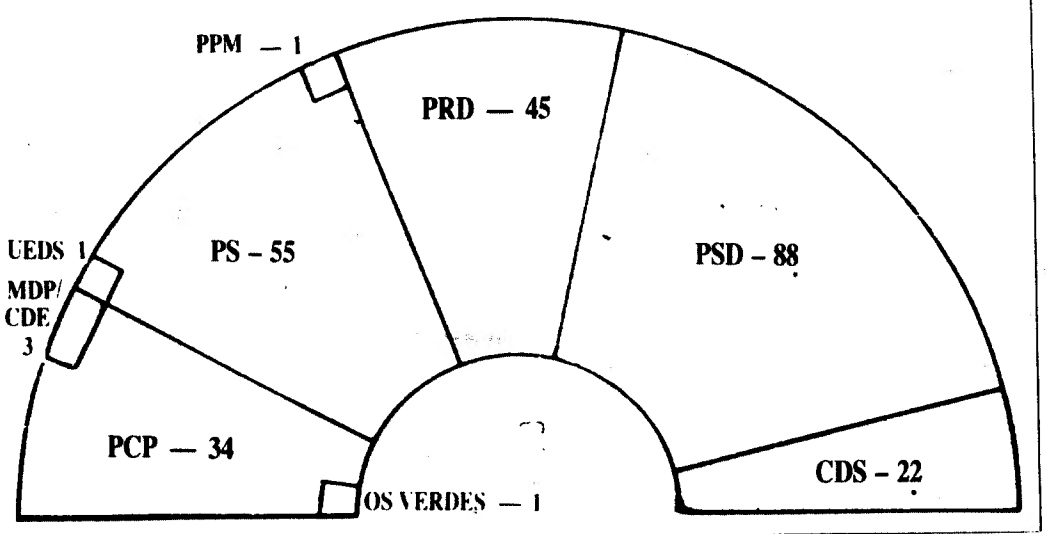
Aliança Povo Unido

Aveiro (1) – Zita Seabra.
Beja (3) – Bernardina Sebastião, Francisco Miguel, Belchior Alves Pereira.
Braga (1)– António Lopes.
Bragança – Não elegeu.
Castelo Branco – Não elegeu.
Coimbra (1) – Jaime Serra.
Évora (2) – António Gervásio, Custódio Gingão.
Faro (2) – Carlos Brito, Margarida Tengarrinha.
Guarda (1) – Não elegeu.
Leiria (1) – Joaquim Gomes.
Lisboa (12) – Álvaro Cunhal, José Manuel Tengarrinha (MDP), Octávio Pato, Anselmo Aníbal (independente), Jerónimo de Sousa, Alda Nogueira, Carlos Carvalhas, João Amaral, Maria Santos (Os Verdes), Rogério Moreira, Jorge Lemos, João Corregedor (MDP).
Portalegre (1) – Joaquim Miranda.
Porto (5) – Carlos Costa, Ângelo Veloso, Raul Castro (MDP), António Mota, Ilda Figueiredo.
Santarém (2) – António Dias Lourenço, Álvaro Brasileiro.
Setúbal (7) – Domingos Abrantes, José Vitoriano, José Manuel Maia, Odete Santos, Rogério Brito, Carlos Manafaia, Jorge Patrício.
Viana do Castelo – Não elegeu.
Vila Real – Não elegeu.
Viseu – Não elegeu.
Açores – Não elegeu.
Madeira – Não elegeu.
Europa – Não elegeu.
Fora da Europa – Não elegeu.

Centro Democrático Social (CDS)

Aveiro (2) – Vasco de Melo, Girão Pereira.
Beja – Não elegeu.
Braga (2) – Nogueira de Brito, Cruz Vilaça.
Bragança (1) – Hernâni Torres Moutinho.
Castelo Branco – Não elegeu.
Coimbra (1) – Manuel Queiró.
Évora – Não elegeu.
Faro – Não elegeu.
Guarda (1) – José Maria Andrade Pereira.
Leiria (1) – José Miguel Anacoreta Correia.
Lisboa (4) – Lucas Pires, Nuno Abecasis, Narana Coissoró, Luís Beiroco.
Portalegre – Não elegeu.
Porto (4) – Adriano MOreira, José Vieira de Carvalho, Joaquim Rocha dos Santos, Cavaleiro Brandão.
Santarém (1) – Henrique Soares Cruz.
Setúbal – Não elegeu.
Viana do Castelo (1) – Abreu Lima.
Vila Real (1) – Francisco Oliveira Teixeira.
Viseu (2) – Gomes de Pinho, João Morgado.
Açores – Não elegeu.
Madeira – Não elegeu.
Europa – Não elegeu.
Fora da Europa (1) – José Gama.

Distribuição de deputados



Três anos para encontrar solução

Freitas do Amaral escreveu livro a pedido da mulher

Freitas do Amaral convidou ontem os outros candidatos à Presidência da República a pronunciarem-se sobre as propostas incluídas no seu livro «Uma Solução para Portugal».

O candidato à presidência da República falava na cerimónia de apresentação do seu livro, que decorreu numa livraria de Lisboa.

Freitas do Amaral, numa curta intervenção, revelou que a ideia de escrever um livro lhe foi sugerida pela sua mulher, a quem agradeceu publicamente, afirmando que «foi a melhor maneira de ter ocupado os três anos que decorreram entre 1982 e 1985».

O livro, segundo Freitas do Amaral, parte de uma ideia básica, segundo a qual «Portugal tem todas as condições para ser feliz, mas não o é».

A respota a esta afirmação é o objectivo do livro, segundo afirmou Freitas do Amaral, que acrescentou não ter a pretensão «de descobrir a verdade» mas «o direito de contribuir para a encontrar».

Na livraria estiveram presentes diversas personalidades ligadas à política nacional, nomeadamente Manuela Aguiar, secretária de Estado da Emigração e militante do PSD e hoje eleita deputada pelo círculo da Europa.

Presentes também os sociais-democratas Luís Fontoura e António Maria Pereira e os centristas Morais Leitão, Ribeiro e Castro, Rui Pena e Oliveira Dias.

Macau

O candidato presidencial Freitas do Amaral é a «favor de um rápido início da negociação» e não da «rápida negociação» do problema de Macau, esclareceram ontem os serviços da sua candidatura.

O esclarecimento foi prestado a propósito das declarações proferidas terça-feira pelo candidato no «Rotary Club de Lisboa».

Freitas do Amaral disse, a propósito da questão de Macau, que é favorável ao «rápido início da negociação, a qual poderá ter de ser demorada».

«Finda esta — afirmou — será necessário prever um período de transição até se processar a transferência de poderes, período este que terá de ser relativamente longo.

"Mesmo disfarçado num paisanismo de oficial na reserva"

Intelectuais contra candidato militar

Cerca de três centenas de escritores assinaram um manifesto rejeitando uma candidatura militar às eleições presidenciais «por mais que se apresente com atractivos civilistas». No documento, os escritores, pertencentes a vários quadrantes políticos, reclamam, «como interpretes e agentes activos e criadores da cultura», uma personalidade civil à Presidência da República.

O manifesto é assinado, entre outros, por João Gaspar Simões, Norberto Lopes, Natália Correia, Herberto Hélder, Alçada Baptista, Teolinda Gersão, António Vitorino de Almeida, Eduardo Cortesão, Lindley Cintra, Eduardo Lourenço, Fernando Dacosta, Olga Gonçalves, Isabel Barreno, Luís Francisco Rebello, Guilherme de Melo, Alexandre O'Neil, César de Oliveira, Rogério Bracinha, Dórdio Guimarães, Beja Santos, Fernando Silvan, Emília Lello, Cecília Barreiro, Eduardo Jorge Brum, Luís Cajão, Maria Armanda Passos, Regina Louro, Noémia Salgado, Paco Bandeira e Vasco.

Os escritores afirmam que «na coisa pública, a honra do escritor obriga-o a só escutar a voz com que o povo pede o futuro».

Nesse pedido — adiantam — «não há lugar para reiterar a militarização da Presidência da República, que ultrapassando as situações revolucionária e política que as legitimaram, só poderá ter cmo referentes espectros que queremos esquecer».

Os escritores afirmam não ter «qualquer antipatia pelos militares, nomeadamente por aqueles a quem, sem esmorecimento, sempre agradeceremos a ibertaçiao com que iluminaram a pátria em Abril».

Mas — adiantam — «não aceitamos que os sinais de mudança sejam capializados pela tradição carcomida do provi-

Alexandre O'Neil, Natália Correia, Alçada Baptista, Herberto Helder são alguns dos subscritores

dencialismo castrense que coadjuvou decénios de ditadura».

«O recurso do modelo castrense teve o seu tempo», mas — adianta o manifesto — «outro é hoje o enquadramento político e outra a sensibilidade cultural da nação que, em eleições, nos veio anunciar ser doravante a mudança a categoria dominante».

«Reincidiremos nesse serôdio paradigma de militarieação da chefia do Estado, mesmo disfarçada num paisanismo de oficial na reserva?» — perguntam os escritores.

Uma sociedade uue «na mais alta magistratura da República hasteia no símbolo da tutela militar, a noção da sua menoridade civil, não está a salvo de ser vulnerável a qualquer sedução paternalista que a desvia da democracia» — consideram os escritores no manifesto.

Presidenciais na agenda do C. N. do PSD

A posição do PSD sobre as próximas eleições presidenciais vai ser debatida este fim-de-semana no oitavo Conselho Nacional dos sociais-democratas, cuja ordem de trabalhos foi hoje divulgada no «Povo Livre».

A convocatória, assinada por Pinto Balsemão, presidente da mesa do Congresso, indica como primeiro ponto da ordem de trabalhos a análise dos resultados das eleições legislativas e deliberações quanto ao próximo Congresso.

O Conselho Nacional, órgão máximo do PSD entre Congressos, reúne-se pela primeira vez após as eleições de 6 de Outubro e nele deverá ser anunciado o nome do candidato presidencial a apoiar pelos sociais-democratas.

O secretário-geral do PSD, Dias Loureiro, disse entretanto que a Comissão Política do seu partido se reúne amanhã para preparar o Conselho Nacional.

Dias Loureiro disse que é «previsível que Cavaco Silva avance já com o nome de um candidato», mas frisou que essa decisão será tomada na reunião da Comissão Política.

Aquele dirigente social-democrata disse ainda desconhecer quaisquer contactos do líder do partido com eventuais candidatos à Presidência da República.

Quanto à formação do Governo, Dias Loureiro afirmou que Cavaco Silva «está a aperfeiçoar a estrutura do executivo».

Mário Soares sobre a sua candidatura

"Mais difícil depois das legislativas mas mais necessária do que antes"

O candidato presidencial Mário Soares admite no semanário da sua campanha, que os resultados do PS nas eleições legislativas «anunciam dificuldades acrescidas» para a sua candidatura, embora a considere «mais necessária» que antes.

Em «A coluna do candidato» do quinto número do semanário «Belém», Mário Soares escreve que «no rescaldo das legislativas voltam a surgir aos olhos dos portugueses as presidenciais como eleições decisivas».

Para Soares, «não é de bom augúrio nem com certeza sinal de estabilidade» o país correr o risco de «ter um Executivo apoiado pela menor minoria de sempre em substituição da maior maioria».

O candidato analisa a hipótese de uma coligação entre o PSD e o PRD para concluir que «a dificuldade reside em que são partidos concorrentes, com opções radicalmente diferentes, embora populistas».

Soares considera a derrota do PS como a vitória do Partido de Eanes, «saudada por Cunhal e pela agência TASS como uma grande vitória da democracia».

Mário Soares escreve que «mais que nunca é necessário, no vértice do Estado, um árbitro» que dialogue com os partidos, «porque os conhece intimamente», que suscite os consensos mais alargados possível e que «tenha experiência e coragem».

Nova Esquerda: vitória foi do populismo

Em 6 de Outubro «a vitória foi do populismo», proclama a «Nova Esquerda» que se integrou nas listas do PS.

Em comunicado, a «Nova Esquerda» afirma que os resultados das eleições «exprimem a incapacidade do PS em combater eficazmente a ofensiva populista desenvolvida pela ascensão de Cavaco Silva no PSD e pela fundação do partido eanista».

«Na oposição — sublinha — o PS tem de ser, em todas as situações, tão responsável como o foi no poder quanto à questão do equilíbrio financeiro externo, mas tem de ser inconformista e solidário como não conseguiu sê-lo no poder».

A «Nova Esquerda» candidatou, sem êxito, Eduardo Ferro Rodrigues, Afonso de Barros, Eduardo Graça, Agostinho Roseta, na lista de Lisboa, e Victor Wengorovius, na lista de Santarém.

PS de Viseu: de que lado a razão?

O coordenador da Federação Distrital de Viseu do Partido Socialista (PS), José Junqueiro, afirmou à Anop confirmar recentes declarações relativas à direcção política da referida direcção.

Entretanto, a Federação Distrital de Viseu do PS manifestou solidariedade com a direcção nacional do partido e repudiou afirmações veiculadas pela Imprensa atribuídas ao coordenador José Junqueiro, que teria sugerido a demissão da direcção política.

«O coordenador da Federação de Viseu do PS desmente total e categoricamente tais afirmações» refere o comunicado que manifesta ainda «pública e inequivocamente a sua solidariedade política e pessoal com o secretário geral do PS Mário Soares».

Embaixador português em Helsínquia pode ser expulso da Finlândia

O embaixador de Portugal em Helsínquia, António Cabral Moncada, que esteve esta manhã no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Finlândia a explicar o incidente que protagonizou na noite de sábado, aguardará agora a tomada de posição do governo de Helsínquia, que lhe deverá ser transmitida dentro de uma semana.

O caso conta-se da seguinte forma: aquele diplomata português chamou a atenção de uma patrulha da Polícia ao «conduzir de forma insegura», quando regressava a casa, na noite de sábado e apesar da matrícula diplomática, os polícias ordenaram-lhe que parasse — segundo o relato do conselheiro do Ministério finlandês dos Negócios Estrangeiros, Mikael Pikanvaara.

O automóvel «prosseguiu, sem fazer caso» das sirenes da Polícia, que «disparou contra um dos pneus» traseiros, para deter a viatura de matrícula diplomática, o que conseguiu.

O embaixador «fecho as janelas do carro» e recusou-se a sair do automóvel, alegando imunidade diplomática e permanecendo no interior do automóvel «até às primeiras horas da manhã» — ainda de acordo com a mesma fonte.

O incidente é considerado «muito grave», porque as autoridades de Helsínquia alegam que o diplomata «violou a convenção de Viena» sobre o respeito pelas leis do país de destino, ao conduzir em estado de embriaguez, desobedecer à Polícia e obrigá-la a utilizar a força — disse o mesmo informador.

O incidente que «custaria a liberdade» a um cidadão finlandês «não será resolvido com um simples pedido de desculpas» — afirmou Pikanvaara.

Neste contexto, o ministério decidirá se o embaixador português, acreditado em Helsínquia há cerca de um ano e meio, deve ser declarado «persona non grata» embora subsista também a possibilidade de Lisboa tomar a iniciativa de o retirar do seu posto.

STAL SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

(DELEGAÇÃO REGIONAL DA GUARDA)

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA REGIONAL

Ao abrigo do disposto nos Artigos 64.°, n.os 3 e 66, n.° 3 alínea A) ambos dos estatutos do STAL e dos Artigos n.os 4 e 5 do regulamento eleitoral em vigor, se convoca a Assembleia Regional da Guarda, para funcionar por secções no dia 19 de Dezembro de 1985, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO — Eleição da Mesa da Assembleia Regional e Direcção Regional para triénio de 1986/1988.

As assembleias e secções de voto começarão a funcionar às nove horas do dia indicado e encerrarão às dezassete horas do mesmo dia. As assembleias e secções de voto com menos de cem votantes encerrarão às catorze horas. As assembleias e secções de voto onde haja votantes que trabalhem em regime de turnos encerrarão às vinte e uma horas.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL
José Manuel Morgado Guerra

«A CARAVANA — COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E BRINQUEDOS, LIMITADA»

— Certifico que é fotocópia parcial, composta de três folhas, extraída para efeitos de publicação da escritura de dezanove de Setembro do ano corrente, exarada de fls. trinta e seis a fls. trinta e sete verso do livro de notas para escrituras diversas número noventa e três-F do Sexto Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada, Maria do Carmo Antunes dos Santos, pela qual foi constituída entre os senhores Semi Maron Saad e mulher Nawal Nammour Saad, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, e que se regerá pelo pacto constante dos artigos seguintes:

1.°

— A sociedade adopta a denominação «A CARAVANA — COMÉRCIO DE CONFECÇÕES E BRINQUEDOS, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida dos Bombeiros Voluntários, lote cento e dezoito, primeiro piso, loja três, em Algés, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.°

— O seu objecto é o comércio de confecções para criança, brinquedos e artigos de papelaria e tabacaria.

3.°

— O capital social é de quinhentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas iguais de duzentos e cinquenta mil escudos, uma de cada sócio.

4.°

— A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada pela sócia Nawal Nammour Saad que, desde já, fica nomeada gerente, sendo necessária e suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em juízo ou fora dele, nomeadamente em actos e contratos.

§ 1.° — É vedado à gerente o uso da denominação social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual não social a responsabilidade assumida.

§ 2.° — A gerente poderá delegar noutro sócio ou em qualquer pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes de gerência, mediante o respectivo mandato; podendo, também, a sociedade constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

5.°

— A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência, em primeiro lugar e, em segundo lugar aos sócios não cedentes na proporção das respectivas quotas.

6.°

— A sociedade reserva-se o direito de amortizar — pelo valor apurado no último balanço — a quota de qualquer sócio no caso de ter sido penhorada, arrestada, ou por qualquer motivo sujeita a apreensão judicial.

7.°

— As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme ao original.

Lisboa e Sexto Cartório Notarial, aos vinte e quatro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Escriturário-Superior
Silvina Mora Coelho

D.L. 17/10/1985

visita obrigatória

Visite a **Lartécnica** e descubra a melhor resposta para as necessidades da sua casa.

Um mundo de sugestões numa visita à Lartécnica.

DC3 PUBLICIDADE

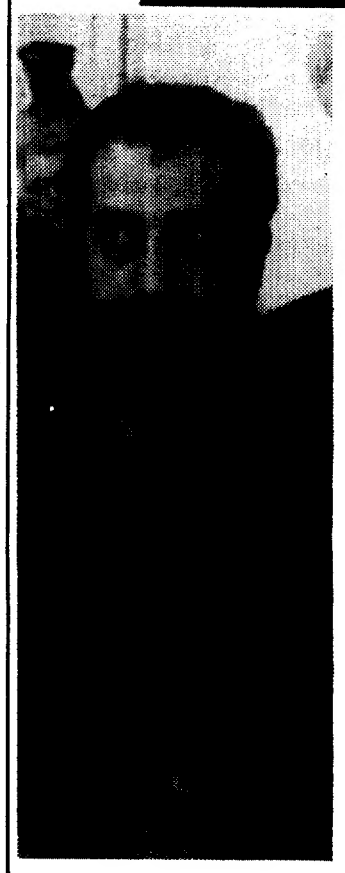
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

LARTÉCNICA/85

PROFISSIONAIS - De 18 a 20 de Outubro - das 15 às 23 horas

PÚBLICO - De 21 a 27 de Outubro das 15 às 23 horas



Interrogatório de Pedro Goulart já começou ontem

Julgamento das FP's continua segunda-feira

Otelo vai começar a ser interrogado

A sessão de ontem do julgamento das FP's 25 foi suspensa cerca das 20 e 50 para recomeçar segunda-feira, pelas 9 e 30, com a audição de Otelo Saraiva de Carvalho.
A suspensão foi anunciada logo após um interrogatório de cinco minutos feito a Pedro Goulart, o primeiro réu a ser ouvido neste julgamento.
Goulart afirmou ao juiz que «não pretendia, neste momento, prestar declarações», reservando-se para o fazer «quando achar oportuno». Escusou-se igualmente a confrontar-se com documentos apensos aos autos como lhe foi proposto pelo representante do Ministério Público.

Goulart, que se limitou a responder às perguntas feitas pelo juiz relativas ao seu modo de vida, morada e habilitações, disse ainda que apenas uma vez fora presente a Tribunal, em 1978, no âmbito do caso PRP, tendo sido absolvido.

O interrogatrio foi feito na ausência dos outros réus, que tiveram que abandonar a sala — procedimento que será igualmente adoptado nas sessões que se vão seguir, uma vez que o Tribunal decidiu ouvir os réus um a um. Uma vez interrogados os réus poderão, contudo, permanecer na sala, como acontecerá segunda-feira com Goulart, que declarou querer assistir ao interrogatório de Otelo.

bentretanto, o juiz-presidente Adelino Salvado determinou que a partir de hoje, quinta-feira (na prática a partir de segunda-feira) não serão permitidos na sala de Imprensa do Tribunal, aparelhos de gravação de som ou imagem. Um fotógrafo oficial da Direcção-Geral de Comunicação Social fará fotografias de todos os réus quando estiverem a depor, caso exista autorização dos respectivos advogados.

Música

A sessão de ontem, de resto como as anteriores, foi preenchida, pachorrentamente, pela leitura de documentos que a acusação entendeu por bem requerer (cerca de 40).

Apenas no princípio e no final, as 'coisas' animaram um pouco: primeiro, com um protesto-requerimento da advogada Marinela; depois com a audição de uma cassete que tinha muita música — dizia respeito à greve geral de Fevereiro de 82 e nela se ouviam, entre outros, Zeca Afonso e Sérgio Godinho.

No protesto-requerimento da advogada Marinela esta solicitou as certidões necessárias para á instauração de um processo contra a procuradora Cândida de Almeida, relativo ao célebre caso dos cartuchos, para se «ressarcir de danos morais e patrimoniais» e ainda por violação do segredo de justiça por parte da magistrada.

Marinela considera-se profundamente ofendida pelo procedimento da dr.ª Cândida, afirma que se tratou de uma tentativa para «desacreditar a defesa» e sublinha esperar do Tribunal «o desagravo» a que tem direito.

A sessão de ontem começou, como na véspera, com um incidente relativo à ausência de dois réus sob prisão, desta vez José Moutinho Teixeira e Manuel Jorge de Magalhães.

O patrono de ambos, Artur Marques, depois de referir que as ausências se ficaram a dever ao desgaste em ambos provocado pela greve da fome que, como outros réus, prosseguem na cadeia, declarou imprescindível a presença em Monsanto de um e de outro.

O juiz-presidente, como se esperava, despachou em contrário, ordenando o procedimento da audiência em nome do princípio da celeridade do julgamento.

Protestando contra as condições prisionais

Dos réus em greve de fome já há nove no hospital

Dos detidos do caso FP's 25 que se encontram em greve de fome desde o passado dia 30 de Setembro, nove estão já a ser tratados no hospital-prisão de Caxias, dado o estado de debilidade em que se encontram.

São eles: Mouta Liz, Humberto Dinis Machado, José Manuel Moutinho Teixeira, Jorge Alves Magalhães, Alberto Querido, Frederico Benjamim, João Martins de Castro, Hélio Salgueiro e Júlio Vitorino.

Uns, já não se apresentam no Tribunal, tal o estado em que se encontram. Outros — e como os jornalistas têm podido ver — têm aparecido a assistir ao julgamento com sinais de grande debilidade. Vários desses réus — que protestam pelas condições de detenção a que estão sujeitos — tiveram que ser assistidos pelo médico em serviço no Tribunal, por se sentirem mal, sendo depois autorizados a continuarem na 'gaiola' de vidro à prova de bala mas deitados nos bancos.

Entretanto, familiares dos presos em greve de fome distribuíram ontem no Tribunal um comunicado no qual perguntam às autoridades se «será necessário que um deles morra para que seja reposta a legalidade no que respeita às condições prisionais».

«O médico do estabelecimento prisional de Lisboa recomendou o internamento imediato de alguns dos detidos» — indica o documento, que acrescenta que irá ser denunciada à Amnistia Internacional a situação «arbitrária e ilegal» dos presos.

Os familiares dos réus afirmam ainda que «comunicaram a 28 de Setembro ao Primeiro-Ministro, Ministro da Justiça e Provedor de Justiça a situação que se vive na Penitenciária de Lisboa, mas que até agora não receberam qualquer resposta».

Cancro mata preso em Caxias

Um recluso do Hospital-Prisão de Caxias faleceu anteontem naquele estabelecimento vítima de cancro, informou a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Trata-se de Fernando António Rodrigues dos Santos, de 50 anos, solteiro, que cumpria 14 anos de prisão por furto classificado.

O recluso esteve internado num hospital do Porto de 29 de Julho a 30 de Outubro, período em que fez tratamento de cobalto. No dia 15 foi transferido para o Hospital-Prisão de Caxias, onde agora veio a falecer.

Vale de Judeus: 37 presos isolados

Trinta e sete reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, acusados de serem os responsáveis pelo motim aí ocorrido em 22 de Setembro último, continuam isolados dos restantes 504 presos.

Segundo uma fonte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, estão a ser alvo de um processo bastante longo e, com o decorrer das averiguações — ainda segundo a mesma fonte —, têm sido detectadas cumplicidades de outros reclusos.

Ex-marido profana sepultura para embalsamar corpo da esposa

Dois indivíduos da Ribeira Grande, concelho da Costa Norte de S. Miguel, profanaram anteontem a sepultura da jovem micaelense Oriana de Jesus Faria.

Os dois profanadores, o ex-marido da morta e o coveiro do cemitério, desenterraram a urna de zinco e destruíram-na para, posteriormente, embalsamarem os ossos da jovem Oriana.

Enterrada há cinco anos, o corpo encontrava-se em adiantado estado de putrefacção, mas não estava totalmente desfeito.

PCP acusa o Governo de tentar asfixiar capacidade financeira das autarquias

O Governo tenta asfixiar a capacidade financeira das autarquias através «da imposição sistemática de novos encargos sem a contrapartida de equivalentes transferências financeiras», acusa em comunicado o PCP.

A nota da secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista sublinha que «ao transferir para os municípios a iniciativa de programas de realojamento das populações residentes em barracas e grande parte do seu financiamento, bem como a manutenção de cerca de 12 mil quilómetros de estradas hoje a cargo da Junta Autónoma das Estradas, e em geral muito degradadas, o governo PS/PSD, além de fugir às suas responsabilidades, prossegue as suas tentativas de asfixiar a capacidade financeira das autarquias, através da imposição sistemática de novos encargos sem a contrapartida de equivalentes transferências financeiras».

Em causa, de acordo com o comunicado, está a aprovação, duas semanas antes das eleições, de dois decretos-leis — 366/85 e 380/85 — que estipulam uma transferência de cargos que visa «imputar fraudulentamente às autarquias responsabilidades que não lhes cabem e que, no actual quadro legal e financeiro, não estão em condições de assumir sem afectar o investimento noutras áreas actualmente a seu cargo».

Deste modo, não se trata de implementar medidas descentralizadoras, mas sim de «novas formas de estrangulamento do poder de intervenção das autarquias no desenvolvimento local e na melhoria das condições de vida das populações».

SPGL SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

REUNIÃO DE PROFESSORES DO CPES/ES COLOCADOS COMO PROVISÓRIOS NO CONCURSO DO PRESENTE ANO LECTIVO

Para divulgação e análise dos erros e irregularidades detectados na 1.ª Fase do concurso, da ilegalidade com que está a decorrer a 2.ª fase e decisão sobre as medidas a tomar, a direcção do SPGL convoca

REUNIÃO DE TODOS OS PROFESSORES INTERESSADOS

Dia 18 de Outubro, 21 horas

Local: Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços
Rua Almirante Barroso, n.º 3 (à Estefânia) — Lisboa

Foi uma portuguesa que atirou ao mar o corpo do americano assassinado

— afirmam os serviços de informação israelitas

Uma mulher da limpeza, de nacionalidade portuguesa, e o barbeiro do «Achille Lauro» foram obrigados, sob a ameaça de armas, a atirar ao mar o corpo do norte-americano assassinado (Leon Klinghoffer) no ataque do comando palestiniano àquele paquete.

Uma nota oficiosa do governo israelita afirma que os sequestradores obrigaram primeiro, apenas a portuguesa a atirar o corpo borda fora, mas que ela, sozinha, não conseguiu. «Sob a ameaça das armas o barbeiro do navio foi obrigado a ajudar a mulher da limpeza e os dois conseguiram atirar à água o corpo de Klinghoffer», afirma a nota.

«Os piratas do 'Achille Lauro' fizeram, então, os dois empregados no paquete mudar a roupa, que estava manchada de sangue, e lavar o convés e os lados do navio, num esforço para encobrir o crime», acrescenta.

O corpo de Leon Klinghoffer foi encontrado na costa síria e será, autopsiado em Roma, para onde ontem foi transportado.

O general Ehud Barak, chefe da espionagem israelita, afirmou à televisão israelita que a sua agência tinha também reunido informações sobre a morte do judeu norte-americano, mostrando que «a missão de o matar foi entregue ao mais jovem dos (quatro) terroristas». Acrescentou que Klinghoffer foi escolhido «porque o seu nome soava a judeu».

O general Barak acrescentou que o refém foi alvejado a tiro na cabeça uma ou duas vezes, mas não disse como ou quando obtivera as informações acerca do crime.

Barak afirmou que o material disponível mostra «sem dúvida que Abu Abbas (líder da Frente de Libertação da Palestina) está envolvido até ao pescoço» no caso do sequestro do «Achille Lauro».

Disse ainda existir a mais elevada probabilidade» de que o Líder da organização para a libertação da Palestina, Yasser Arafat, também tivesse conhecimento antecipado do plano que Israel diz existir para um ataque dos sequestradores ao porto israelita de Ashdod.

Mas o general Barak declarou que Israel não dispõe de provas ligando o plano a Yasser Arafat, que condenou o sequestro e desmentiu qualquer ligação com os assaltantes.

Quatro brasileiros detidos na Portela com cocaína

Três raparigas e um indivíduo «travesti», todos de nacionalidade brasileira, foram detidos no aeroporto da Portela sob a acusação de terem feito escala em Lisboa com 14 quilos de cocaína, destinada ao mercado de Amesterdão. A droga, avaliada em 140 mil contos, era transportada atada à cintura das três raparigas (duas com o apelido Adiers e outra Sousa). Quanto ao «travesti», de apelido Sidney, não trazia consigo droga, mas pelos documentos encontrados em seu poder as autoridades policiais suspeitam que ele seja o «controleiro» da quadrilha de passadores.

Amnistia Internacional criou núcleo na Guarda

A Amnistia Internacional acaba de constituir um núcleo na cidade da Guarda. Em comunicado ontem divulgado, o novo núcleo da Amnistia Internacional afirma exigir «julgamentos rápidos e imparciais para todos os prisioneiros políticos», opondo-se «incondicionalmente á tortura, è pena de morte e a qualquer outro tratamento ou punição cruel».

Inspecção Económica nos mercados de Lisboa

A Direcção-Geral de Inspecção Económica, que desde o passado fim-de-semana começou a desenvolver acções de esclarecimento dos consumidores nos mercados de Lisboa e da periferia, afirma ter detectado casos de vendedores que marcam os produtos com determinados preços e depois praticam valores muito superiores. A campanha irá procurar esclarecer os consumidores sobre problemas relacionados com preços, peso e qualidade dos produtos.

Alfazema falsificava cartas de condução

Um passador de cartas de condução foi detido pela GNR da Baixa da Banheira, após um dos portadores de um desses documentos falsificados ter sido preso. Em poder do burlão, de apelido Alfazema, foram encontradas três cartas já devidamente preenchidas, cada uma das quais iria ser vendida por 140 contos..

Multados em Setembro 26 barcos estrangeiros

Vinte e seis barcos estrangeiros foram multados em Setembro último por pescarem ilegalmente nas nossas águas territoriais. Nesse período foram fiscalizadas duzentas embarcações, tendo sido apreendidas 7,8 toneladas de peixe e a traineira «Senhor da Atalaia», que transportava 500 caixas de tabaco de contrabando.

Aconteceu com o coronel Varela Gomes

Serviços Sociais do Exército exigiram-lhe 'dívida' de há 25 anos

Manuel Geraldo

O coronel na reserva Varela Gomes, militar que no posto de capitão conspirou contra o regime de Salazar, tendo participado activamente, e sido ferido e preso, na chamada intentona de Beja, na madrugada de 1 de Janeiro de 1962, e que já depois do 25 de Abril, promovido ao posto actual, teve um papel preponderante na evolução dos acontecimentos, sobretudo ao nível da 5.ª Divisão, até ser afastado do activo no pós-25 de Novembro, de 1975, recebeu recentemente uma nota dimanada dos Serviços Sociais das Forças Armadas, na qual lhe é exigido o pagamento da importância de 2275$00, respeitante a um empréstimo que lhe teria sido concedido em 21 de Julho de 1960.

Varela Gomes

Confrontado com a nota assinada por um responsável daquele departamento, coronel de Infantaria Mário Jesus Ferreira, o coronel Varela Gomes, em carta a que tivemos acesso, dirigida ao director dos SS das Forças Armadas, general João António Pinheiro, confessa «ter ficado deveras impressionado» «com o zelo e a diligência» de tais serviços burocráticos que «necessitaram de 25 anos para detectarem uma dívida de tal montante».

Varela Gomes que, no pós-25 de Novembro, escreveu três livros de reflexão e «memória» sob os acontecimentos em que participou no antes-25 de Abril («Tempo de Resistência») e no pós-25 de Novembro («Contra-Revolução de Fachada Socialista») e «Contra-Revolucionários do 11 de Março e do 25 de Novembro»), tendo ainda colaborado activamente na elaboração do «Livro Branco da 5.ª Divisão», refere que o subscrevente da citada nota, coronel Mário Jesus Ferreira, «O ameaçava com procedimento judicial, se, no prazo de quinze dias, não satisfizesse o pagamento», certamente levado «pela euforia da descoberta de semelhante buraco contabilístico», deixando-se arrebatar por uma «dívida que de tão provecta idade certamente já deveria ter prescrito».

Dizendo não recordar-se da origem de semelhante «dívida», o coronel Varela Gomes chama a atenção do general José António Pinheiro para o tempo de que os serviços que dirige «necessitaram para indeferir um pedido de empréstimo por ele apresentado a 23 de Dezembro de 1979, tendo a pressa sido tanta que a nota de recusa de 9 de Janeiro de 1980 vem datada do ano anterior».

Empréstimo em «tempo difícil»

«Sem querer relacionar um caso com o outro — escreve Varela Gomes — ambos revelam que, de sociais os SS das Forças Armadas apenas devem ter o nome, pois os beneficiários, como lhes chamam, não são seguramente encarados como casos individuais (como pessoas)».

O autor de «Tempo de Resistência» refere depois que, a um cidadão com a sua biografia e perfil, não se exigiria para repor, sob ameaça, «uma fantasmagórica dívida de 2275$00, velha de 25 anos». Sobretudo quando se trata de um «beneficiário», prossegue Varela Gomes, a quem S.E. (o general José António Pinheiro) «recusou um empréstimo, em momento difícil de vida; a um militar antifascista que esteve doze anos privado de vencimentos por acto de revolta contra o Governo fascista, não tendo recebido um centavo de indemnização; a um oficial a que o Estado-Maior do Exército «democrático» (pós-25 de Abril de 1974) negou a aplicação dos efeitos administrativos de uma lei da República», ficando a dever-lhe «mais de quatro anos de soldo».

A concluir a sua carta, o coronel Varela Gomes, que esteve preso seis anos na sequência dos acontecimentos de Beja e que, no pós-25 de Novembro, foi obrigado a exilar-se em Angola e Moçambique (no seu regresso foi passado temporariamente à situação de «coronel miliciano» — ele que frequentou o Colégio Militar, a Academia Militar, a Faculdade de Ciências e o Curso de Estado-Maior» — refere preferir, realmente, acreditar que «esses SS são apenas um serviço burocrático, como outros quaisquer, sofrendo das respectivas taras», sendo levado a concluir, pelo seu caso, que esses SS «se entretêm em exercícios de perseguição política».

Com a «ironia cáustica» que o caracteriza, face a situações como a atrás descrita, Varela Gomes informa o general João António Pinheiro que, em anexo, envia um cheque na importância de 2275$00, para que se tal como julga, a dívida da Caixa Económica dos SS das Forças Armadas já prescreveu, se digne S.E. «promover a que tal quantia seja destinada ao auxílio dos beneficiários, a quem o derrubamento do regime fascista, em 25 de Abril de 1974, privou das gratificações que auferiam nos serviços de Censura, na Legião, e nas várias polícias de vigilância e defesa do Estado».

Ao referir-se a tais beneficiários, o coronel Varela Gomes, não citou (exemplificou) com nomes, mas pelo que dele conhecemos, estamos certos que na sua memória estavam certamente personagens tão sinistras como o alferes Cirne, dr. Góis Mota, ou Barbieri Cardoso!...

RELIGO DE FUNDO

Mário Castrim

Julga-se um grande mano
o macaco. É humano...
Tanto e bem
fornecido de caco
que até se diz de alguém
«é um grande macaco...»
Ora às vezes, porém,
acontece o buraco.

Certo mono bisnau
mas um tanto liró
nutria grande pó
ao picapau.
Coisa miúda. O bronco
chateava-se à brava
com o bico que estoirava
em cada tronco.

Fartinho do batuque
— zuque, zuque —
o macaco inventou
truque certeiro
e assim falou

ao marceneiro:

— A vida é um castigo
metido no caixote.
Anda daí comigo
num passeio de bote...

O picapau pausado
não se fez mais rogado.
Tosse com sangue frio
amável como um beijo:
— Um passeio no rio
foi sempre o meu desejo!

Lá entra o passarão
no bote de alto mar
tratado com carinho.
Feliz como um pavão
a remar, a remar,
— o macaquinho...
Parecia — que beleza! —
um passeio em Veneza.
Até pra dar ali
mais sonho ao sono
Ri, palhaço, ri,
cantava o mono...

Na outra margem, certo
branco e real,
estava o deserto
infernal.
E o macaco marau
já se via na ideia
dizendo ao picapau
deserto fora:
— Anda, pica na areia
agora...

Nisto, o macaco vê
o quê?,
vê o picapar
do picapau
a trote
a debicar
tau, tau,
o bote.
E diz-lhe já
com um temor profundo:
— Ó compadre, vê lá,
pára com isso, tá?
se não, vamos pró fundo...

Responde o gabiru
a picapar:
— Nós vamos, não: vais tu
que eu sei voar...
Depois o que se deu
não o digo eu
a própria vida o disse:
jamais prémio venceu
a vigarice...

Eleições autárquicas

Tribunal Constitucional rejeitou todas as coligações do PSD

Reunido em plenário o Tribunal Constitucional rejeitou as coligações que o PSD tinha firmado com o PS e o CDS para as próximas eleições autárquicas. Perante esta decisão, as 75 coligações que o PSD assinou com os socialistas, centristas e monárquicos, não poderão concorrer às eleições de 15 de Dezembro, embora os partidos signatários dos acordos tenham já começado a assinar protocolos que vão permitir incluir «independentes» de um dos parceiros constituindo, assim, listas conjuntas.

Foi o voto do presidente do Tribunal Constitucional, Marques Guedes, que fez pender o plenário do TC no sentido da rejeição das coligações. De facto, votaram contra o provimento dos recursos apresentados pelo PSD, rejeitando, deste modo, as coligações, Vital Moreira, Magalhães Godinho, Martins da Fonseca, Monteiro Diniz e Mário de Brito, e a favor Luís Nunes de Almeida, Cardoso da Costa, Messias Bento, Mário Afonso, Costa Mesquita e Raul Mateus.

O voto de qualidade do juiz presidente, Marques Guedes, levou a que os membros do Tribunal que recusaram o recurso vissem a sua decisão derrotada.

Entretanto, e como o «DL» tem vindo a noticiar, na previsão de uma decisão desfavorável ao recurso interposto pelo sociais-democratas, os partidos signatários dos acordos com o PSD têm vindo a firmar protocolos que vão permitir reconstituir as coligações sob a forma de listas de um partido em que os elementos do parceiro coligado aparecem incluídos a título de independentes.

Recorda-se que a decisão do Tribunal Constitucional se prende com a inexistência nos registos do TC de prova de que Dias Loureiro é secretário-geral dos sociais-democratas, e de que as coligações se encontravam autorizadas pela Comissão Política Nacional do PSD.

Dias Loureiro, em declarações ao jornal do seu partido, «Povo Livre», apesar de discordar das decisões do Tribunal Constitucional, não as comentou, e anunciou a conclusão de protocolos com os outros partidos que possibilitem a formação de listas conjuntas.

Entretanto, no Município de Cascais, onde à partida, sociais-democratas e centristas ressuscitariam a «AD autárquica», dificuldades de última hora parecem estar a inviabilizar a formação de uma lista que integre elementos do PSD e CDS.

De acordo com o «Correio da Manhã» na sua edição de hoje, o PSD terá exigido ser a paridade da lista concorrente de 4 para 2, quando o anteriormente acordado apontava para uma distribuição igual entre sociais-democratas e centristas, cabendo a presidência da Câmara ao PSD e a da Assembleia Municipal ao CDS. Esta questão, contraria as directrizes emanadas pelas direcções dos partidos de que, os acordos para as autárquicas, assinados antes das legislativas, deviam ser integralmente cumpridos.

Helena Torres Marques candidata a Lisboa

Helena Torres Marques, actual secretária de Estado da Administração Autárquica, é, a cabeça de lista do Partido Socialista para a Câmara Municipal de Lisboa, confirmou esta manhã ao «DL» uma fonte socialista.

A mesma fonte adiantou que Miranda Calha, actual secretário de Estado dos Desportos, apontado como a aposta forte do PS para Lisboa, embora tenha estado sempre disponível, não estaria muito interessado.

Entretanto, em Faro, o Partido Socialista decidiu desligar-se de todo o processo de formação de listas para os órgãos autárquicos do concelho. A decisão tomada na terça-feira, com sete votos a favor e duas abstenções prende-se com a recusa do cabeça de lista para a Câmara de Faro, Joaquim Belchior, convidado para o cargo por Mário Soares, em negociar com os restantes nomes e impedir a inclusão de «pelo menos um elemento da secção entre os quatro primeiros». Recorda-se que Joaquim Belchior pôs como única condição para aceitar o convite «vir a escolher os restantes elementos que irão compor a lista», o que o Secretariado da estrutura local do PS, afecto à linha do ex-Secretariado, não parece disposto a aceitar.

No distrito de Viseu, o PS vai concorrer às Câmaras Municipais de 23 dos 24 concelhos, apresentando como candidato à presidência do Município viscense, Jorge Carvalho, director regional de uma instituição bancária. Em Nelas, o candidato à presidência será Rui Neves, enquanto que em Mangualde e Cinfães, se recandidatam os actuais presidentes, respectivamente Mário Videira Lopes, e Américo Gonçalves. Em Lamego, o cabeça de lista será Henrique Camine, enquanto que Acácio Santos encabeça a lista para a Câmara de Sátão, Augusto Paraíso concorre para a de Vila Nova de Gaia e Vítor Pires é o candidato socialista à presidência do Municípios de Penalva do Castelo. Para Mortágua, Carregal do Sal, Santa Comba Dão e Tondela, foram designados, respectivamente, Afonso Abrantes, Luís Figueiredo e António Carvalho Mendes. Finalmente, para São Pedro do Sul, Vouzela, Resende, Tarouca e Penedono, foram indicados os nomes de, respectivamente Ferreira Gomes, Paulo Amaral Figueiredo, António Silvano Moura, Vasco Lima e Basílio Ferreira Marques. Os socialistas não apresentam candidatura ao Município de Tabuaço uma vez que elementos tidos como afectos ao partido integram as listas autárquicas do PSD.

Por parte dos sociais-democratas, o seu cabeça de lista à Câmara de Viseu é Figueiredo e Silva, enquanto que o CDS apresenta o provedor da Santa Casa da Misericórdia, Engrácia Carrilho, e o PSD propõe Herculano Lopes.

Não há aliança PRD e PSD na Covilhã

O dirigente e deputado eleito do PRD na Covilhã, Marques Mendes, em declarações à Anop indicou defender que o seu partido e o PSD concorram em listas separadas para as autárquicas. Marques Mendes pôs assim cobro a rumores que indicavam a possibilidade de apresentação de uma lista conjunta PRD/PSD para os órgãos autárquicos naquele concelho. No entanto, a mesma fonte precisou poder haver acordo com o PS ao PSD no sentido de discutir princípios e homens, a fim de ser possível a constituição de uma equipa,

Teatro Nacional de S. Carlos

E.P.

apresenta

BALLET DE MINSK (URSS)

Director Artístico: V. ELIZARIEV

COLISEU DOS RECREIOS

OUTUBRO

dias 18 e 19, às 21 h

SPARTACUS

bailado em 3 actos
coreografia e encenação: V. ELIZARIEV
música: A. KHATCHATURIAN
dia 20, às 16 h

LAGO DOS CISNES

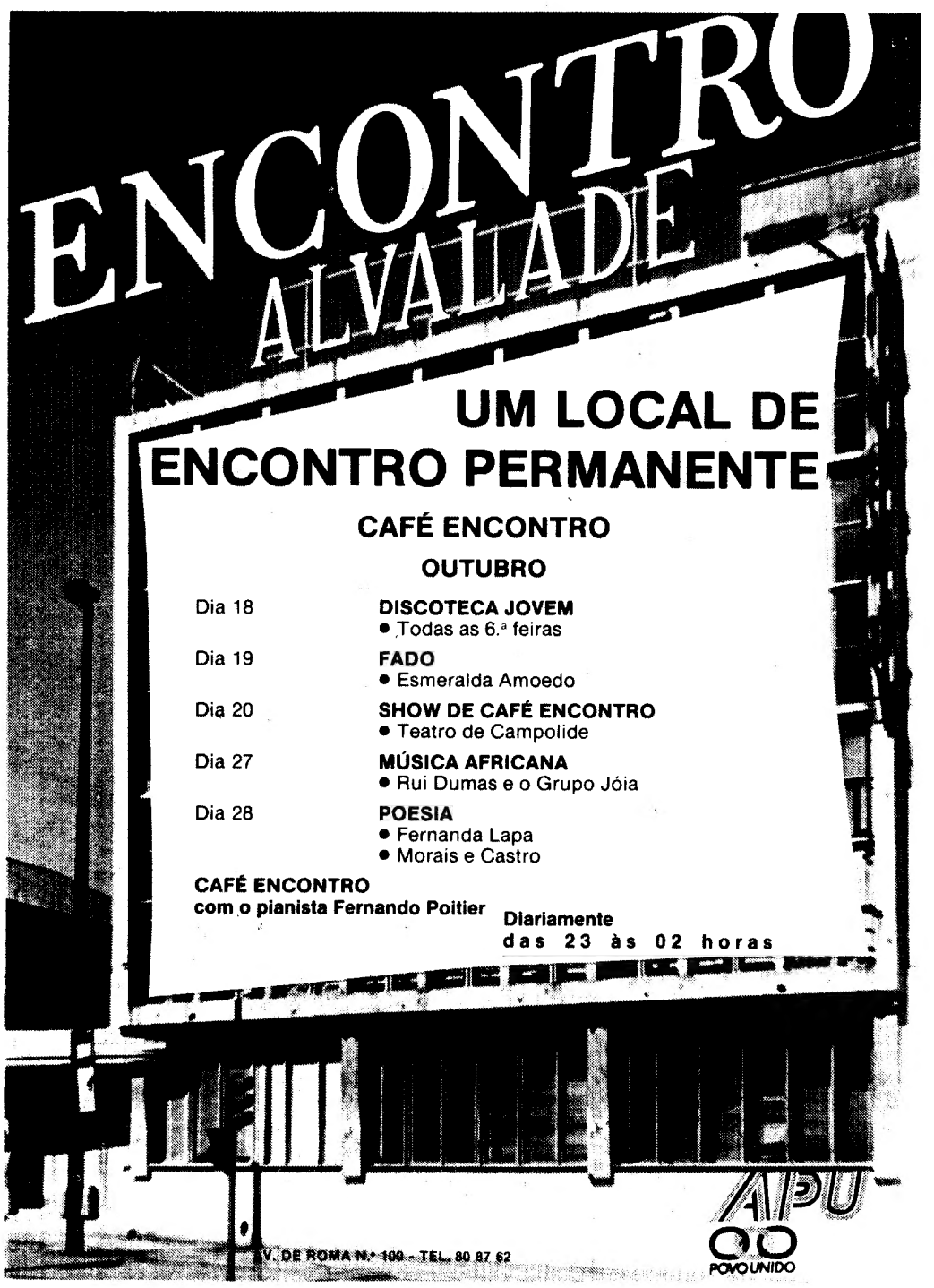
bailado em 4 actos
coreografia: L. IVANOV, M. PETIPA, A. GORSKI e A. MESSERER
música: P. I. TCHAIKOWSKI

ABERTURA DA BILHETEIRA: 11 de Outubro

com a colaboração da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

apoios: RÁDIO COMERCIAL • RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA • RADIODIFUSÃO PORTUGUESA – Programa 2

maiores de 3 anos



No próximo dia 27 em Évora

Eanes vai encerrar Congresso do Alentejo

Dada a «natureza controversa» das cem comunicações escritas apresentadas, o I Congresso sobre o Alentejo, que irá decorrer em Évora nos próximos dias 25, 26 e 27, não irá ser «uma conversa morna, mas antes um debate bastante aceso como se deseja», afirmou esta manhã em conferência de Imprensa, realizada em Lisboa, o dr. Andrade Santos, na qualidade de porta-voz da Comissão Promotora da iniciativa. A mesma fonte revelou que o Congresso deverá ser encerrado pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, a quem o convite que lhe foi endereçado nesse sentido mereceu o melhor acolhimento. O dr. Andrade Santos disse esperar-se também a presença, durante os debates, de deputados alentejanos de todas as forças políticas com assento na Assembleia da República, igualmente convidados para o efeito.

Dos diferentes temas em debate aquele que acolheu um maior número de comunicações foi o subordinado ao tema «Regionalização e Desenvolvimento Económico», sendo de realçar, por exemplo, uma comunicação assinada pelo pai de Adelino Amaro da Costa, Manuel Rafael Amaro da Costa, com o título de «Novo Alenço-Raízes». Como observadores irão estar delegações espanholas da Estremadura e da Andaluzia.

No campo cultural irá haver exposições de fotografia, artesanato, arqueologia naval e pintura, a exibição dos filmes «Cerromaior» e «Moura Encantada», teatro com a peça «O Semeador», folclore e música coral e a apresentação da Orquestra Sinfónica de Lisboa.

No domingo, dia 27, decorrerá nas ruas de Évora um desfile e a actuação de grupos corais e de folclore de todo o Alentejo e da zona da Grande Lisboa, estando neste momento a ser organizadas excursões, com partida do Rossio pelas oito horas. As inscrições poderão ser efectuadas na Casa do Alentejo, pelos telefones 369231 e 321254.

Lisboa → Porto

Porto → Lisboa

TECAM

O comboio que dá Kms baratos à sua frota de carga.

Tecam. O comboio da sua frota de carga.
Um serviço especial da CP no eixo Lisboa-Porto.
Para máxima rendibilidade, maior segurança e comodidade dos seus transportes.
Faça as contas aos custos: O Tecam oferece-lhe Lisboa-Porto sem gastos em combustíveis. Lubrificantes. Pneus. Mecânica. Horas extraordinárias do pessoal. Etc.. Mais rentável. Em todos os aspectos. Sem perdas de tempo no trânsito congestionado. Diminuindo os riscos de acidentes e avarias.
Com o Tecam os seu veículos de carga viajam durante a noite. E logo de manhã estão prontos a fazer a distribuição na cidade de destino.
Para todas as informações envie-nos o cupão anexo. Ou contacte os serviços comerciais da CP.
E dê luz verde à economia da sua frota de carga.

Comboio, a opção de carga

Aos Serviços Comerciais da CP
Departamento Comercial - Serviço Comercial de Mercadorias
Lisboa (Sta. Apolónia) — Tel.: 86 61 01
Queiram enviar-nos informações detalhadas sobre o serviço TECAM
Nome:
Empresa:
Morada:
Código Postal:
Localidade:
Tel.:
Telex:

Contencioso entre radiologistas e Ministério da Saúde

Os médicos radiologistas da Secção Regional do Norte responsabilizaram ontem o ministro da Saúde pelas «graves consequências» para a saúde decorrentes da degradação dos serviços ambulatórios de assistência face à suspensão da convenção com a Ordem dos Médicos.

Os radiologistas, que estiveram reunidos segunda-feira para «analisar a evolução da suspensão de prestação de serviços aos beneficiários das Administrações Regionais de Saúde», emitiram um comunicado em que lamentam que o Ministério da Saúde «não tenha ainda recebido o Conselho Nacional Executivo da Ordem dos Médicos para renovação da convenção, conforme compromisso anterior».

Fonte do Ministério da Saúde disse à ANOP que as convenções «já não deverão ser alteradas durante a vigência do governo de gestão», pois «as circunstâncias não são propícias para a tomada de medidas».

Face à situação actual, a mesma fonte considera «as notícias veiculadas pela Ordem dos Médicos como um recado ao próximo governo», para que tome medidas logo a seguir à posse.

Violador frustrado detido na Guarda

Elementos da Subinspecção da Judiciária na Guarda detiveram na última segunda-feira um indivíduo de 25 anos, que poucas horas antes havia tentado violar uma jovem de 17 anos num sítio, ermo quando findo o trabalho regressava a casa.

O detido teria feito propostas à jovem e perante a recusa terá procurado obter pela força o que lhe fora negado. No entanto, e apesar de ser no princípio da noite, um popular ouviu os gritos da jovem e por sua vez clamando por socorro levou a que o potencial violador fugisse.

A PJ pelos indícios recolhidos conseguiria prender o frustrado violador um indivíduo casado que reside nas proximidades do local onde tentara o acto.

Agricultor agredido na PSP de Viseu

A PSP de Viseu vai proceder a averiguações acerca das circunstâncias em que ocorreu o espancamento na esquadra desta cidade de Armando Jesus Santos, agricultor, afirmou à Anop o comandante distrital da PSP, Costa Sousa.

Em declarações, Armando Jesus Santos, de 37 anos, casado, residente em Moselos, afirmou ter sido agredido terça-feira na esquadra de Viseu durante um interrogatório, depois de ter sido detido num café sob a acusação de ter furtado um rádio.

«Apesar de negar as acusações que me eram feitas, fui espancado pelo subchefe da esquadra da PSP que me chamava gatuno sem eu nada ter feito», acrescentou.

Segundo Armando Santos, depois de ter sido reconhecido por um guarda morador na área da sua residência como «pessoa idónea», foi posto em liberdade, tendo o chefe da esquadra concluído que se tratava de um erro e convidando-o a tomar café nas instalações da Polícia.

O agricultor teve de receber tratamento no hospital de Viseu a escoriações na cabeça, enquanto o gabinete de relações públicas da PSP de Viseu afirmava desconhecer o facto.

Jogos florais no Barreiro

O Grupo Desportivo e a Casa da Cultura Municipal dos trabalhadores da Quimigal organiza, em colaboração com a Câmara Municipal do Barreiro os «Jogos Florais Quimigal// 85», soube a Anop junto da organização.

A iniciativa, que se enquadra numa prática cultural retomada há quatro anos, está aberta a todos os cidadãos portugueses bem como aos dos países de expressão portuguesa à excepção dos elementos do júri e da organização.

Serão admitidos a concurso trabalhos literários em prosa e verso nas modalidades de conto, poesia temática, soneto, poesia livre, quadra popular.

À excepção da poesia temática, todas as modalidades deverão versar a cidade do Barreiro, em facetas como os pescadores, as indústrias, o caminho-de-ferro, a cultura, o desporto e a sua participação activa «na construção de um país melhor».

O prazo para entrega dos trabalhos termina às 24 horas do próximo dia 18 de Dezembro.

Antibioterapia dirigida

Realiza-se no próximo dia 19, às 18 horas, na Sala de Conferências da Reitoria da Universidade de Lisboa, uma conferência internacional sob o tema «Antibioterapia dirigida».

Esta conferência, que é dirigida principalmente à classe médica, tem a presença, além do prof. F. Carvalho Araújo e do prof. Armando Porto, de Portugal, dos professores Richard Greenberg, Richard Sykes, Friman e H. van Landuyt, entre outros.

Texto de João Mendes
Fotos de José Tavares

É assumindo a atitude do leão ferido em combate, mas desejoso de provar que a sua ferida não é mortal, que Manuel Alegre aceita sentar-se connosco à mesa do "Faz Figura". Dirigente histórico do PS, ele que, nos últimos anos, recusou cargos de governo e na direcção do grupo parlamentar, critica acidamente a "governamentalização" e a "tentação situacionista" a que o partido se submeteu, colocando-se, através da sua prática política, "à direita do eleitorado, do ideário e do próprio coração" dos socialistas. Em relação ao PRD, o seu ataque é feroz: "a lógica do PRD é a do populismo, do sebastianismo e do poder pessoal".

O fenómeno Manuela Eanes "é da ordem do irracional e da telenovela". Nesta primeira entrevista de fundo concedida por um dirigente socialista depois do "desastre" de 6 de Outubro, Manuel Alegre garante-nos que o PS vai mudar profundamente, e admite que, nas "quase inevitáveis" legislativas do ano que vem, estará em jogo, numa batalha de vida e de morte, a sobrevivência do partido na vida política nacional.

MANUEL ALEGRE

Futuro do PS decide-se nas Legislativas de 86

■ Mário Soares pode vir a ser o presidente do PS

■ O PS cedeu à tentação situacionista, à governamentalização e fez uma política à direita do seu eleitorado e do seu próprio coração

—Manuel Alegre, é verdade que o dr. Mário Soares está decidido a não se recandidatar ao lugar de secretário-geral do PS, independentemente do resultado das presidenciais?

— Suponho que é de facto essa a sua intenção, independentemente do resultado das presidenciais. Mas ele é um ponto de referência central, uma figura histórica do partido. A relação que há entre ambos é intensamente afectiva, apaixonada. Ele terá sempre um lugar especial e particular no PS. Mesmo que se retire desse lugar e não se queira recandidatar a ele, penso que... não quero fazer futurologia, mas penso que ele poderá passar a ser, com outro estatuto, o presidente do partido.

— Pensa que o dr. Soares ainda pode vir a ser eleito Presidente da República?

— Bom, evidentemente que ele está numa posição mais difícil do que se tivéssemos obtido uma grande vitória nas legislativas. Mas penso que está numa situação melhor do que estaria se tivéssemos vencido ou perdido por uma unha negra, por mais absurdo que isto pareça. Porquê? Porque a punição a que o eleitorado sujeitou o PS foi excessiva, e isso cria um problema sentimental e remorsos, e deve levar o eleitorado à necessidade de compensação política, de reequilíbrio. Além disso, tenha-se a ideia que se tiver sobre as suas qualidades e defeitos, é uma figura histórica, quer para o PS que para o País. E tem biografia que é uma coisa que conta na política. Dá-me vontade de rir quando tentam apresentá-lo como candidato da direita — por exemplo o meu amigo major Tomé, que até nem tem biografia que lhe permita fazê-lo. Queira-se ou não, Soares é uma grande figura da resistência antifascista — coisa que ainda está na memória colectiva — e um dos fundadores da democracia portuguesa. E tem o seu carisma, que tanto dá para bem como para mal. O eleitorado tem com ele uma relação intensa. E é um homemn de combate, como se sabe.

A direita desejaria vencê-lo e humilhá-lo

Encaro com apreensão o resultado dessas eleições, porque seria um traumatismo para o PS que ele sofresse uma derrota como a que acabámos de sofrer. Se ele fosse derrotado por um candidato de direita, isso libertaria algumas forças cegas da sociedade portuguesa, parte da direita perderia este verniz democrático e europeu e mostraria o seu verdadeiro rosto.

Há uma direita portuguesa — o próprio Mário Soares talvez esteja a compreendê-lo agora, e nem sempre o compreendeu — que continua igual a si mesma, e a quem daria imenso prazer derrotá-lo e humilhá-lo em eleições presidenciais. O revanchismo está no sangue dessa direita.

Em todo o caso, nós vamos bater-nos como leões pela sua candidatura. Não tenho dúvidas de que o partido se vai mobilizar na sua totalidade para o proteger e para conseguir aquilo que neste momento parece impossível, que é levá-lo à vitória. Este é um país estranho, onde não há impossíveis. Tudo depende de como funcionar o remorso e a vontade de reequilíbrio do eleitorado, de quem forem os outros candidatos e do que for a nossa campanha. A bandeira do PS não está no chão. Houve uma tentação situacionista no PS, muitos dos melhores militantes afastaram-se, muita gente foi atrás da sedução do poder, mas esta derrota também vai funcionar como chicotada, como duche escocês.

Não se cortam cabeças enquanto as feridas sangram

— Foi por isso que a Comissão Política adiou o debate de fundo no seio do partido para depois das presidenciais?

— Bom, compreenda: como disse a jornalista Margarida Viegas, nós somos um partido "decente". Vai haver um debate, haverá confrontos, mas não é na hora em que as feridas estão a sangrar, em que estamos todos a sangrar, que vamos cortar cabeças ou desatar à bordoada uns aos outros, ou fazer como no PSD, em que se muda de líder e de casaca como quem bebe água. Temos laços que vêm de muito longe, muitas vezes na luta antifascista, há ligações afectivas, pessoais, respeito mútuo. Por outro lado avizinham-se mais duas eleições. Admitiu-se a hipótese de um Congresso extraordinário, mas só o poderíamos fazer depois de realizados os congressos federativos, e o calendário não o permitia. Além disso as coisas têm de sedimentar, e depois das presidenciais o Congresso far-se-á com outra profundidade, com outra serenidade.

Neste momento somos um partido sem programa

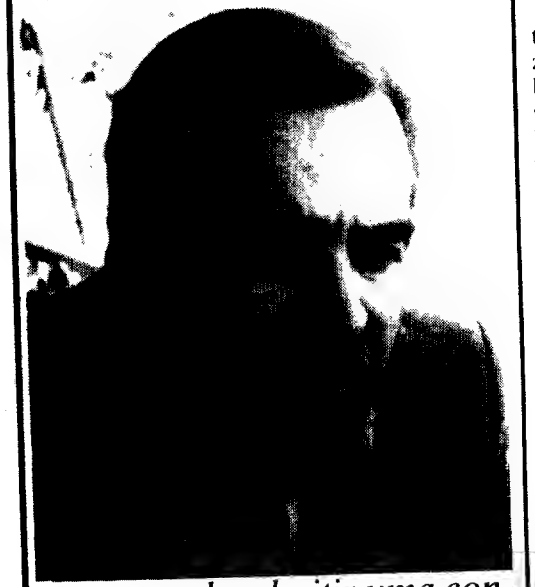
— Que vai então passar-se, de imediato, no seio do PS?

— A Comissão Política decidiu reconstituir, reformular a Comissão Permanente, que dará já a ideia de uma mudança e de uma nova imagem do partido nas autárquicas e nas presidenciais. Esse sinal de mudança tem de ser rápido, portanto, e na nova Comissão Permanente deverão estar representadas as diferentes sensibilidades do PS. Mas também vai ser preciso dar, sem populismo, a palavra às bases e às federações, para se criar um novo estado de espírito para o Congresso.

"Precisamos de mudar de liderança, precisamos de uma nova equipa para mudarmos de prática política, e precisamos de um projecto. Neste momento, o PS é um partido sem progra-

Continua na pág. 12

MANUEL ALEGRE



Não se pode admitir uma contradição tão grande como a que o PS admitiu entre "interesse nacional" e "interesse social"

Continuação da pág. 11

ma. Houve uma deliberação do Congresso para se criar uma comissão que o preparasse, mas a síntese ainda não foi feita, por esta ou aquela razão. Estamos portanto sem documento base, sem **Carta.**

— A nova equipa de que fala passa pelo entendimento entre Jaime Gama e Vítor Constâncio, e também por si?

— É altamente desejável que se entendam. São das figuras mais qualificadas do PS. Mas tem de haver um entendimento que vá para além deles. O deles é importante, mas nenhum deles é dono de ninguém. Tem de haver um entendimento mais vasto entre as sensibilidades do partido quanto ao projecto, quanto ao nosso funcionamento interno e quanto às próprias regras de convivência entre nós.

"A elite do partido — e falo em elite sem qualquer espécie de complexos, porque nós temos até dos melhores quadros que há na vida política portuguesa – tem de fazer um pacto de qualidade e de transformação. Os principais dirigentes têm de se encontrar com os sindicalistas, e todos eles têm de se reencontrar com o pulsar profundo do PS.

— Jaime Gama e Vítor Constâncio não são, exactamente, cada um a seu modo, figuras que encarnaram a governamentalização do partido?

— Não. São quadros jovens, de indiscutível capacidade política e técnica, e quando foram ministros foram bons ministros, quer um quer outro. E têm tido, em graus e em momentos diferentes posições críticas em relação ao funcionamento do partido, posições de distanciamento em relação ao pior lado das coisas. nenhum deles, portanto, se identifica com o **status quo,** ou com aquilo a que se chama governamentalização do PS. Eles identificam-se, sim, com a possibilidade da **mudança** no PS com a sua transformação num partido moderno.

O "povo socialista" é melhor que o partido.

"Há duas realidades a considerar: há as estruturas do partido e há o povo socialista. E estou a pensar no meu distrito (Coimbra), que continua a ser o baluarte do socialismo em Portugal. Ora aí verifica-se que o povo socialista é melhor que o partido. As estruturas não estão à altura. A mudança de que precisamos tem de ser mudança de estrutura e de funcionamento do partido.

— Que quer isso dizer?

— Quer dizer menos personalização, mais colegialidade na direcção e muito maior descentralização. As federações têm de ter outra autonomia, meios que lhes assegurem essa autonomia financeira e política. Há centralização a mais.

— Os dinheiros das federações não tendem a ser sugados pelas campanhas eleitorais em clima de super-show, por exemplo?

— Há centralização a mais...

— É realista pensar que vão bater o pé ao dr. Soares, por exemplo quanto a gastos na campanha presidencial?

— A reivindicação de mais dinheiro por parte das federações tem sido constante. E têm razão. Os quadros também têm de ter outro gabarito, e então um maior financiamento é inevitável. Os quadros locais administrativos e políticos têm de melhorar, e o partido, que foi governamentalizado em excesso, tem de se abrir para fora, para a vida, estar mais inserido na realidade nacional.

— Tinha-lhe perguntado se a nova equipa não o incluía inevitavelmente a si.

— Eu tenho vivido sempre entre a literatura e a política, e os últimos anos mantive um grande distanciamento em relação a certos tipos de actividade: recusei cargos de governo, na direcção do grupo parlamentar, na própria direcção do partido. Mas agora vivemos em situação diferente, e não sou homem para recusar os combates, gosto da política como acção e como combate.

O PS liderou mal a coligação

— Que percepção tem das causas da derrota do PS a 6 de Outubro?

— As causas da derrota são fundamentalmente a política do Governo e a do próprio partido. A política de austeridade ultrapassou os limites do suportável pelo nosso eleitorado. Mas depois no partido foi o discurso, o estilo, o excesso de governamentalização, a tentação situacionista, a quebra de autonomia em relação ao Governo. Numa palavra, uma prática política que nos colocou à direita do nosso eleitorado, do nosso ideário e, como eu tenho dito, do nosso coração.

— Quer dizer que o PS poderia no Governo ter feito outra política?

— O PS liderou mal, administrou mal a coligação. Fez uma política de coligação por si e pelos outros, enquanto o PSD mantinha um pé na oposição e fazia chantagem.

— Chantagem?

— Olhe o caso dos salários em atraso: nas jornadas parlamentares do Algarve tínhamos decidido apresentar um projecto sobre a questão. O ministro do Trabalho, Amândio de Azevedo, ameaçou demitir-se e provocar o rompimento da coligação. No meu entender, o PS deveria ter avançado com o seu projecto como fez na altura da discussão da lei de despenalização do aborto. Nessa altura avançou e não houve ruptura nenhuma. Além disso, sendo previsível a ruptura, o PS devia ter-se precavido com uma estratégia de alternativa e não o fez. Em tudo isto como disse o meu camarada Cardia, houve subestimação da sensibilidade socialista do nosso eleitorado. O PS não foi capaz de perspectivar a austeridade em função da esperança, considerou mal o que é o interesse nacional — porque não se pode admitir uma contradição tão grande entre o interesse nacional e o interesse social... O interesse nacional foi abstractamente sobreavaliado, em detrimento do interesse social concreto da grande maioria do povo português.

— E que alternativa devia o PS ter preparada? Um Guverno minoritário socialista?

— Sim. Um Governo minoritário do PS que tivesse em conta o interesse social e as aspirações do nosso eleitorado. Mas é a altura de dizer que o que se passou connosco se inscreve no contexto da crise generalizada do socialismo europeu: estamos a gerir uma crise de que não fomos responsáveis. Só que o pS, como os outros partidos socialistas, não tem tido imaginação, criatividade e capacidade para criar soluções próprias. Têm optado por soluções resignadas semelhantes às de qualquer Governo conservador. Ora, tem de haver uma diferença entre a prática política de um Governo conservador e a de um Governo socialista em situação de crise: o socialismo também tem de servir para as situações de austeridade, mas nem nessas se pode descaracterizar.

O voto no PRD é «reversível»

— E então o voto no PRD foi um voto de protesto contra essa descaracterização...

— ... Em muitos casos, não confessado e decidido no segredo da cabina de voto, sim. Mas esse voto é reversível, o eleitorado do PRD não está consolidado. Repare que é um voto de esquerda contra os grandes partidos tradicionais da esquerda, PS especialmente mas também PC. É um voto de desencanto da esquerda, e da gente mais inconformada, contra os bloqueamentos criados pela esquerda tradicional. Ele traduz-se numa aposta no desconhecido, que exprime de facto um grande desejo de mudança. É por isso que o PS tem de mudar, não através de mais uma operação de marketing nem de cosmética, mas reencontrando-se consigo próprio. A crise exige de nós pragmatismo, mas nós temos de ter um projecto socialista de transformação da sociedade. A crise hoje é civilizacional, estrutural, moral e a resposta socialista não pode ser a que era no princípio do século. No entanto a inspiração, a tradição, o impulso socialista têm de se manter, e são a luta contra a exploração, contra a desigualdade e contra os privilégios.

A esquerda já não tem **modelos** de acordo. O socialismo não é um modelo é um **processo** de combate e de transformação permanente. Ora Portugal precisa de uma esquerda **nacional** com raízes nacionais e com um projecto claro. E esse projecto altera a própria ideia de poder: já não o podemos pensar em termos napoleónicos ou jacobinos: temos que o pensar em termos de muito maior partilha, muito maior democratização. Não é por acaso que estamos a sair de uma era de massificação e a entrar noutra em que a pessoa, a individualidade, as pequenas comunidades voltar a contar muito.

De que se alimenta o PRD

— Crê então que é da crise do socialismo, na sua versão portuguesa, que se alimenta o PRD?

— O PRD alimenta-se especialmente de grandes equívocos. Alimenta-se de uma tradição populista, sebástica e messiânica que existe de facto e que a esquerda tem de combater. Alimenta-se do papel de Ramalho Eanes, da sua posição de Presidente e da força, do carácter majestático que tem a função. Ora ele nunca teve as responsabilidades executivas e situou-se sempre habilmente numa posição de distanciamento — até em relação aos seus próprios Governos —, capitalizando nos diferentes momentos o descontentamento provocado pela acção governativa. E agora não se envolveu directamente, antes deixou que o envolvessem. O PRD beneficia de todas essas ambiguidades.

— Mas não lhe parece que é a própria esperança nascida com o 25 de Abril que renasce agora com o PRD?

— Há aí um facto decisivo que tem sido ignorado: o 25 de Abril criou uma esperança enorme, e muito difícil de cumprir porque ele já veio atrasado, veio com os choques petrolíferos e com a generalização da grave crise internacional. Porém essa esperança subsiste! E em muitas zonas do País o PS é o próprio 25 de Abril. Há muitos sítios como em Coimbra em que a esquerda começa e acaba no PS. É o «lisboetismo» político jornalístico, etc., que nos torna cegos a estes factos.

O povo é abrilista. O povo socialista é profundamente abrilista. E eu não quero esquecer que o PS cometeu alguns erros porventura dos mais graves no seu relacionamento com alguns militares de Abril. Estou a recordar-me do que se passou com a extinção do Conselho da Revolução — não o facto em si, mas o método e o estilo da extinção — das questões relativas à Associação 25 de Abril, das comemorações do 25 de Abril do ano passado, etc. Penso que foram erros de palmatória que criaram uma relação emocional e desagradável com o PS.

Mas eu vinha à esperança criada pelo 25 de Abril: ora, existindo essa identificação em muitas zonas do País, a exigência em relação ao PS é também muito grande. Porquê essa punição eleitoral contra o PS e não contra o PSD? Não é apenas por causa da imoralidade política do PSD, que muda de líder e lava as mãos de responsabilidades no Governo, é também o facto de a exigência ser maior em relação ao PS.

A herança abrilista pode mudar de mãos

— Por isso mesmo insisto: a herança abrilista não está exactamente em risco de mudar

Manuel Alegre com João Mendes à Mesa "DL" no "Faz Fi
Ramalho Eanes nunca teve responsabilidades execu

O PS tem d e o PCP pe

- Precisamos de mudar de liderança nova equipa para mudar de polí projecto
- O PS tratou mal a tradição abril Abril
- O PRD vive da tentação populis messiânica que a esquerda tem
- O fenómeno Manuela Eanes é telenovela
- O PCP não se define face ao reg vive tudo como avanços e recuo
- Do mesmo modo que o PRD ent entrar muito mais no eleitorado

de n

o "Faz Figura"
es executivas e distanciou-se habilmente dos seus próprios governos, capitalizando o descontentamento

de liderar o projecto da esquerda erdeu a sua autonomia estratégica

lerança, precisamos de uma
política e precisamos de um

abrilista e alguns militares de

opulista, sebastianista e
tem de combater
es é da ordem do irracional e da

o regime democrático porque
ecuos da Revolução
O entrou na área do PS, poderá
rado do PCP.

de mãos? Irreversivelmente, porventura?

— Ela pode mudar de mãos, mas sujeitando-se a uma lógica que já é perigosa e pode tornar-se numa lógica de derrapagem. O PRD é um partido sem ideologia e sem história. Não pode reivindicar a história do 25 de Abril, porque ela é partilhada. Independentemente das boas intenções e das pessoas excelentes algumas que lá tem um partico que surge duma situação de desencanto — que até certo ponto até foi fomentado —, da tentação populista e seb stica tem uma lógica irrefragável: é a lógica do poder pessoal. Na melhor das hipóteses será um gaullismo à portuguesa, na pior uma versão latino-americana, independentemente da vontade de algumas pessoas que constituem a sua direcção actual...

Isto para não falar no fenómeno Manuela Eanes, que pertence ao domínio do irracional e da telenovela. Quem não percebeu isto, não percebeu os riscos que há num projecto desta natureza. Eu sei que a minha querida amiga Natália Correia explicou que as mulheres não falam pela boca dos maridos, mas Manuela Eanes não apareceu como mulher autónoma... Apareceu como imagem da mulher tradicional: boa esposa, boa mãe, ocupando-se de obras de caridade. Aqui, foi o marido que falou pela boca da mulher, e não o inverso.

Mas quero acrescentar que o PRD nasceu também por culpa dos outros partidos, e, no que toca ao PS, pelo divórcio que se instalou entre a sua direcção e as suas bases. Se tal não tivesse acontecido, o PRD não teria entrado em nossa casa como entrou.

Legislativas de 1986 serão decisivas para o PS

— Considera que o, PS apesar da vontade de mudança de que dá agora indícios, ainda poderá fazer frente à «vaga» PRD?

— Para além das autárquicas e das presidenciais eu estou já a pensar nas quase inevitáveis legislativas do próximo ano. E essas sim serão fundamentais, serão uma batalha de vida e de morte para a sobrevivência do PS como grande força na vida política nacional.

Decide-se aí a italianização ou...

— Eu não diria assim, diria antes que então nós não poderemos perder mais nada, e temos de recuperar alguma coisa. Não nos podemos deixar «laminar» nessas eleições. Serão as eleições mais importantes que já terá havido, para o Partido Socialista. E temos de ir para elas noutro estado de espírito, com outro partido, com outra equipa e com um projecto capaz de mobilizar aqueles que resolverem, desta vez, punir-nos. Capaz de fazer regressar à sua família natural aqueles que resolveram agora votar contra o PS.

O PS deveria obrigar o PC ao debate

— Como dirigente socialista e homem de esquerda, que pensa do posicionamento do PCP na actual fase da vida política nacional?

— O PC está hoje a reboque do que fizer o general Eanes. Penso que muitos comunistas já o compreenderam. E no que respeita ao PRD, talvez estejam a cometer um grande erro: é que o PRD, assim como entrou na área do PS, também começou a entrar na do PC, e pode vir a entrar mais. Não me parece que a lógica futura do PRD seja a de permitir ao PC o acesso ao poder. Será, sim, a de hegemonizar de tal modo a sociedade portuguesa, que remeta definitivamente o PC a um «ghetto» político, social, cultural.

«Mas a questão-chave é a de que o PC continua a identificar-se absolutamente com as posições soviéticas, e com o próprio modelo soviético. E enquanto essa posição não se alterar, dificilmente o PC poderá ter outro papel na vida portuguesa, por mais força organizadora que demonstre, porque essa questão bloqueia e condiciona todas as outras, e o conduz à «autoghettização».

«Por outro lado, se o PC perdeu toda a autonomia estratégica e bloqueia o desenvolvimento de alternativas nacionais de esquerda, por outro tem empurrado o PS para a direita quanto pode, e o PS — o que é um erro imperdoável — tem-se deixado empurrar. É um erro que o PS não tenha mantido a iniciativa ideológica face ao PC. O PS deveria obrigar o PC ao diálogo ideológico e político, desafiando-o no seu próprio terreno.

— Mas o PS não acusa igualmente o PCP de não colocar com clareza a questão do regime propriamente dito?

— Sim. Como diz um camarada meu, a filosofia do PC nessa matéria é a do «não-regime». O PC não tem uma posição clara e transparente em relação à democracia. Ora, a tradição histórica da esquerda é a de defender a tradição parlamentar, contra componentes que quase sempre redundam em variantes do poder pessoal. É assim em Espanha, na França e na Itália, por exemplo, e não vejo porque é que, em Portugal, se hão-de repetir os erros que levaram, por exemplo, ao fenómeno Sidónio Pais: uma parte do movimento operário teve uma grande responsabilidade no seu desenvolvimento, como se sabe...

O sonho de novo assalto ao Palácio de Inverno

«O PC não tem tido, nesta matéria, uma posição pedagógica, pelo contrário. Vive no sonho de repetir aquilo que é irrepetível, que é a Revolução Russa de 1917, e talvez no sonho, já mítico, de um novo assalto ao Palácio de Inverno. O PC continua a ver a situação como um conjunto de avanços e recuos, fluxos e refluxos de um processo revolucionário. Por isso, não tem uma posição clara em relação à estabilização e fixação de um quadro democrático transparente e claro. E como por si próprio não gera alternativas de esquerda, o que seria possível, inclusive com o PS, se o PC resolvesse algumas questoes fundamentais, aposta em projectos híbridos. Só que esses projectos híbridos já lhe custaram 7 ou 8 deputados... O PC pode divertir-se muito com a derrota do PS, mas tem de pensar no futuro, e na lógica desse projecto híbrido. E eu penso que esse projecto, se é que há outro que não seja puramente pessoal no PRD, pouco ou nada terá a ver com qualquer projecto de esquerda em Portugal. Mas esta confusão resulta da posição do PC em relação ao próprio regime. Como pensa que continuamos em revolução, tudo o que levar ao enfraquecimento do PS ou à confusão dentro do regime, favorece as suas posições. Ora, a longo prazo, não favorece. É um engano.

— E o PS pode assumir um projecto para a Esquerda em Portugal?

— Pode e tem de o assumir, senão a sua posição estará gravemente, e historicamente comprometida em Portugal. Espero que esse projecto novo, moderno, europeu mas de raiz portuguesa, e mesmo pioneiro em relação a alguns aspectos, poderá a médio prazo influenciar o próprio PC.

MESA DL

É preciso modificar a Lei Eleitoral

— Sabemos que o Manuel Alegre está apostado numa alteração profunda da Lei Eleitoral. Em que sentido deseja vê-la alteradda?

— A actual Lei Eleitoral serviu, de início, para afirmar os partidos como forças da democracia. Mas penso que se tornou indispensável reforçar o vínculo entre o deputado eleito e o eleitor, criar condições para uma maior responsabilização e mais iniciativas do deputado. Os EUA terão muitos defeitos, mas o sistema deles pode servir de modelo para muitas das nossas democracias. Eles têm um sábio equilíbrio entre poderes, e o sistema baseia-se na liberdade e na responsabilidade de cada eleito, muito mais do que em disciplinas partidárias ou em «aparelhos». Em Portugal, a excessiva personalização (em torno das principais figuras de cada partido) das eleições para deputados acaba por degradar o significado do acto eleitoral, e irresponsabiliza os deputados. À excepção dos cabeças de lista, os deputados vão ocultos, quase anónimos, debaixo do símbolo do partido, ou atrás dos cabeças de cartaz. Isto acarreta gravíssimos riscos: agrava o predomínio dos «aparelhos» dentro dos partidos, torna medíocre a própria Assembleia. Penso que a auto-regeneração dos partidos, e a regeneração do sistema, passa pela adopção de um sistema como, por exemplo, o alemão. Não se trata de alterar o sistema proporcional, mas de adoptar uma solução mista: uma lista nacional e outra por eleição nominal. Eu gostaria, no Parlamento, de responder pelo que fiz e não pelo que fez, por exemplo, o ministro das Finanças!

Ataque suicida a estação de Rádio no sul do Líbano

Nove pessoas morreram hoje, quando muçulmanos com explosivos amarrados à cintura fizeram ir pelos ares uma estação de Rádio no sul do Líbano, pertencente a missionários norte-americanos.

Um guarda da milícia «Exército do Sul do Líbano» morreu neste ataque suicida contra a emissora denominada «Voz da Esperança», próximo da localidade de Marjayoun.

Os atacantes morreram também na explosão, juntamente com cinco outras pessoas que se encontravam no interior da estação de rádio que ficou totalmente destruída.

A emissora atacada estava localizada em Marjayoun, onde fica o quartel-general das milícias apelidadas «Exército do Sul do Líbano» (SLA).

O edifício, de dois andares, que albergava a estação de rádio situava-se a norte da fronteira israelita e no interior do chamado «cinto de segurança» — controlado pelo SLA e as forças israelitas.

Foi o décimo terceiro atentado contra o SLA ou posições do Exército israelita, desde que foi estabelecida uma «zona tampão» no sul do Líbano.

O atentado de hoje foi o primeiro envolvendo comandos com explosivos atados aos seus corpos. Onze dos ataque anteriores envolveram carros armadilhados.

Na esteira do "Achille Lauro"

Governo italiano poderá cair

O presidente do governo italiano, Bettino Craxi, fez esta manhã um pré-anúncio da sua demissão antes de iniciar no Parlamento uma comunicação sobre o caso do barco italiano «Achille Lauro».

Esta decisão surge na sequência do abandono da coligação governamental pelos republicanos, por discordarem do modo como Craxi conduziu o caso do paquete italiano, cujo sequestro por um comando palestiniano, na semana passada, produziu a sequência de acontecimentos dramáticos que envolveram a Itália, o Egipto, os Estados Unidos, Israel e a Organização de Libertação da Palestina.

Ontem a administração Reagan afirmou que Bettino Craxi assistirá à Cimeira Aliada de Nova Iorque, não obstante as divergênicas entre os dois países sobre a libertação do líder palestiniano Mohamed Abbas.

Ronald Reagan convocou a reunião como preparação para a Cimeira de Genebra com o líder soviético, Mikhail Gorbachev, a 19 e 20 de Novembro.

Com excepção do presidente francês, François Mitterrand, que declinou o convite, preve-se que compareçam em Washington os líderes da Alemanha Federal, Canadá, Grã-Bretanha, Itália e Japão, convidados para assistir ao encontro, disse o porta-voz da Casa Branca.

Espera-se entretanto que o primeiro-ministro socialista apresente ao presidente Francesco Cossiga a demissão do seu governo de coligação, em funções há 26 meses, depois de se dirigir ao Parlamento.

Fontes partidárias citadas pela AP falaram de uma noite de negociações febris durante a qual os democratas-cristãos, maior partido da coligação, convenceram Craxi a não pedir um voto de confiança no Parlamento, como pretendia.

A crise do governo italiano foi provocada pela contestação, pelo Partido Republicano, da decisão governamental de permitir que o dirigente da OLP, Mohamed Abbas, deixasse a Itália apesar dos pedidos apresentados pelos Estados Unidos que solicitavam a sua prisão em ligação com o sequestro do navio.

O americano morto

Um magistrado italiano revelou entretanto que investigadores descobriram quem assassinou o norte-americano Leon Kinghoffer, um dos passageiros do paquete «Achille Lauro» sequestrado por guerrilheiros palestinianos durante um cruzeiro no Mediterrâneo.

Dolavio Favi garantiu que pelo menos dez pessoas presenciaram o assassinio de

Klinghoffer, 69 anos, quando o paquete se encontrava ao largo da Síria.

Os Estados Unidos, por seu turno, garantiram ter provas concretas de que o líder da Frente de Libertação da Palestina (FLP), Mohamed Abbas, planeou e controlou o sequestro do «Achille Lauro».

Especialmente anti-SIDA

Preservativos para "homos"

Um novo preservativo especialmente destinado a homossexuais irá ser posto à venda na Holanda antes do final do ano, anunciou ontem a Fundação Holandesa para a Reforma Sexual.

A fundação informou que o novo preservativo, com a marca «Gay Sex» e «Safe Sex» (este destinado a relações de pares heterossexuais) protegerá os dois parceiros sexuais de infecções do tipo do SIDA.

O preservativo é três vezes mais espesso e flexível e foi estudado para ser utilizado em relações sexuais anais que originam frequentemente infecções através de pequenas feridas. O virus do SIDA reproduz-se por contacto sangue-sangue ou sangue-esperma.

Assembleia da NATO apoia "Guerra das Estrelas"

A aprovação de uma moção de apoio à iniciativa de defesa estrategica pela trigesima primeira Assembleia Parlamentar do Atlântico Norte e qualificada como um «exito diplomático dos Estados Unidos» por fontes oficiais norte-americanas.

A moção, apresentada pelo britânico John Cartwight e pelo senador norte-americano Charles Mathias, que foi eleito presidente da AAN para os dois próximos anos, foi aprovada por 91 votos a favor, 12 contra e 28 abstenções pela assembleia que rejeitou cinco emendas apresentadas por um grupo de deputados da Alemanha Federal, Dinamarca, Grécia e Grã-Bretanha.

As emendas pretendiam dar ao projecto de «Guerra das Estrelas» um carácter «mais consentâneo com as diversas ideologias» representadas na AAN, falando da necessidade de um «consenso» ao respeito no seio da NATO e de «concessões mútuas» dos Estados Unidos e União Soviética em matéria de desarmamento.

A aprovação da moção sobre a «iniciativa de defesa estratégica» era aguardada com enorme expectativa em Washington, já que a Administração Reagan tinha o maior interesse em obter o «apoio dos aliados europeus» antes da Cimeira Reagan-Gorbachev de Novembro próximo

De referir que o representante da Holanda disse que a chegada ao poder de Mikhail Gorbachev pode significar «uma enorme mudança» nas relações entre os dois blocos, abrindo boas perspectivas de intervenção à Europa, pelo que considera inoportuno «pressionar demasiado» Moscovo com um salto tecnológico que os soviéticos não estão em condições de acompanhar em matéria de armamentos.

Shultz ameaça demitir-se

Entretanto o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, considerou a hipótese de se demitir se os Estados Unidos não desenvolverem o seu programa «Guerra das Estrelas» à luz dos tratados existentes, informou a cadeia de televisão americana CBS.

Shultz, segundo a mesma fonte, comunicou «a amigos próximos de que a menos que fosse autorizado a ter uma maior influência nas decisões cruciais sobre controlo de armamentos, a sua presença na Administração seria posta em questão».

Internacional Socialista apela ao desarmamento

A Internacional Socialista condenou a iniciativa de defesa estratégica norte-americana e apoiou a criação de uma zona desnuclearizada no Pacífico Sul e outra livre de armas químicas no centro da Europa.

As resoluções estão contidas num apelo ao desarmamento acordado no final de uma reunião de dois dias da Internacional Socialista, que se realizou em Viena, e que servirá como base para uma conferência de desarmamento que esta organização realiza hoje na capital austríaca.

Ao mesmo tempo, o presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt, anunciou ontem em conferência de imprensa que o próximo congresso da organização decorrerá em Junho de 1986 em Lima, a convite do Presidente peruano Alan Garcia.

A resolução sobre uma zona desnuclearizada no Pacífico Sul, baseada numa iniciativa do governo trabalhista australiano, foi acolhida com agrado por todas as delegações participantes, à excepção da delegação do Partido Socialista francês, que se absteve de a apoiar.

Em relação ao projecto norte-americano «guerra das estrelas», Willy Brandt assinalou que a sua concretização só contribuiria para desestabilizar ainda mais a situação mundial.

O sismo na URSS

As operações de salvamento e apoio às pessoas afectadas pelo terramoto registado no passado domingo na República Soviética do Tadjiquistão prosseguem com normalidade, informou hoje a agência TASS.

A imprensa soviética não forneceu até agora indicações sobre as vítimas e os danos materiais causados pelo sismo que atingiu 6,1 graus da escala de Richter, com epicentro situado na localidade de Kalrakkun, que foi parcialmente destruída.

Movimento internacional pela vida de Moloise

O embaixador da Grã-Bretanha na África do Sul, Patrick Moberly solicitou clemência para Benjamin Moloise, o poeta revolucionário condenado à morte pelo Governo sul-africano.

Moberly apresentou ontem o pedido do seu Governo durante uma audiência com o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha.

O México, por seu turno, pediu também a comutação da pena que o governo sul-africano ditou contra Moloise.

Em mensagem enviada ao secretário-geral das Nações Unidas e a Pretória, o Governo mexicano «expressa, uma vez mais, a sua oposição à pena de morte» e o seu «repúdio pelo sistema de apartheid».

Entretanto, a França pediu à presidência da Comunidade Económica Europeia que interceda a favor de Benjamim Moloise.

Na sequência desse pedido, aguarda-se que seja emitido hoje um apelo dos «Dez», pedindo a clemência para o poeta Moloise, junto das autoridades sul-africanas.

Também o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, solicitou ao Governo da África do Sul que suspenda a pena de morte, cuja execução está marcada para amanhã.

Moloise foi considerado culpado de ter morto em 1982 um polícia negro e, não obstante os apelos da comunidade internacional, Pieter Botha rejeitou na terça-feira a comutação da pena.

Entretanto prosseguem os confrontos entre a Polícia e manifestantes, que em dois dias já provocaram sete mortos.

Observadores são de opinião que a concretizar-se a execução de Moloise, nova onda de violência irá registar-se na África do Sul.

Miterrand no Brasil

Mal-entendido provoca incidente rocambolesco

O presidente da França, François Mitterrand, chegou hoje a São Paulo, no quarto dia de uma visita oficial ao Brasil depois da acidentada escala no Rio de Janeiro, onde teve de cancelar parte do seu programa.

Os incidentes começaram durante a inauguração de uma escola-modelo.

A seguir, jornalistas e encarregados da segurança confrontaram-se com socos e empurrões, durante uma visita a uma favela, quando os guarda-costas de Mitterrand reagiram ao fogo-de-artifício puxando dos revólveres, por pensarem que se tratava de um atentado.

Intersindical apresentou condições ao novo Governo

Combater a fome e o desemprego entre as prioridades imediatas

O Conselho Nacional da CGTP- Intersindical divulgou ontem as conclusões da sua reunião plenária, tendo dito que «o sentido do voto popular das últimas eleições retira legitimidade à eventual continuação da política de direita que vinha a ser desenvolvida e que foi claramente derrotada». Por isso a CGTP-IN alertou para «os perigos, fragilidade e limitações dum eventual Governo PSD sozinho ou com o CDS, porquanto esses partidos são também responsáveis por essa política e além disso não constituem base parlamentar sólida nem possuem capacidade para mobilizar o conjunto das forças nacionais e suscitar os consensos necessários para enfrentar e vencer a grave crise que afecta o País».

Para a CGTP-IN frisaram os esus dirigentes em conferência de Imprensa «qualquer solução a ser encontrada no plano governativo terá de ter em conta as aspirações e interesses dos trabalhadores e consequentemente a CGTP-IN como seu legítimo e autorizado porta-voz.

No encontro com os jornalistas José Luís Judas, Kalidas Barreto, Manuel Lopes, Carvalho da Silva e Maria do Carmo Tavares do Executivo da CGTP-IN, expuseram a análise do conselho nacional sobre os resultados das eegislativas, concluindo que estes «constituem indiscutivelmente a confirmação no plano eleitoral da dinâmica da luta das massas trabalhadoras» e que «as eleições de 6 de Outubro pelas alterações qe provocaram no quadro político e partidário provocaram uma sensível modificação na correlação de forças na sociedade portuguesa, a favor dos trabalhadores e do conjunto das forças democráticas».

A CGTP-IN definiu como prioritárias as questões do combate à fome, à miséria e à degradação das condições de vida, a promoção do desenvolvimento económico, a salvaguarda da independência nacional, a reposição da legalidade democrática e o combate à corrupção.

Concretamente a Intersindical considerou imprescindível que o novo Governo a salr das eleições dê prioridade ao pagamento dos salários em atraso, à defesa dos postos de trabalho, contra os despedimentos, o desemprego e o encerramento das empresas, a medidas contra a carestia de vida, em especial contra o aumento das rendas de casa, a revisão dos contratos colectivos e o aumento de tabelas salariais, a extensão de subsídio de desemprego a todos os trabalhadores e jovens à procura do primeiro emprego, à aplicação total das verbas orçamentais e à actualização dos salários mínimos, pensões e outras prestações da segurança social.

Defende também o Conselho Nacional da CGTP-Intersindical que no plano económico se impõe a defesa do sector nacionalizado o não desmantelamento das empresas, pela sua reestruturação e modernização, pela entrada em funções dos gestores eleitos e a defesa da Reforma Agrária, contra a entrega de terras, máquinas e gados aos latifunciários, pelo cumprimento dos acórdãos do STA.

Banqueiros de 26 países reúnem-se no Estoril

Banqueiros de todo o mundo vão reunir-se no Estoril, de 28 a 30 de Outubro, para analisarem de perto e obterem um melhor conhecimento da economia portuguesa em vésperas de integração na CEE.

Organizado pelo Banco Português do Atlântico, o décimo quinto seminário para banqueiros estrangeiros vai atrair a Portugal cerca de 200 executivos bancários, em representação de 167 instituições de crédito de 26 países.

Durante o seminário serão apresentadas comunicações sobre as perspectivas da economia portuguesa, o papel do Banco Europeu de Investimentos após a adesão à: Comunidades e a modernização da indústria e da agricultura nacionais, no âmbito da integração na CEE.

O governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, será o principal orador das sessões, falando sobre a situação actual da economia portuguesa e suas perspectivas a curto prazo.

António Marta, presidente da Comissão para a Integração Europeia, abordará o tema da integração de Portugal na CEE.

O seminário deste ano, que teve forte apoio do Banco Europeu de Investimentos, é subordinado ao tema da integração na CEE, facto que, segundo os seus organizadores, originou um número recorde de inscrições de banqueiros estrangeiros em relação aos seminários realizados em anos anteriores.

ENIC abriu ontem em Lisboa

A Primeira Exposição Nacional de Intormática, Comunicações, Burótica e Microfilme (ENIC) foi inaugurada ontem à tarde no Forum das Picoas, em Lisboa, pelo secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro. A exposição, a maior do género até hoje realizada entre nós, conta com a participação de 66 expositores que exibem uma diversificada gama de equipamentos e serviços.

A organização da ENIC coube à Editora Socedite, empresa propritária da revista de informática «Cérebro», e teve o apoio da Associação Portuguesa de Informática e do jornal «Expresso». Entre as empresas representadas encontram-se os maiores construtores mundiais de informática e as mais destacadas sociedades portuguesas de serviços informáticos.

A feira estará patente ao público até ao próximo sábado entre as 14 e as 21.30.

Investimentos de Macau procuram-se

Viana Baptista e Sousa Gomes, do Instituto do Investimento Estrangeiro e do Instituto de Participações do Estado, concederam uma conferência de imprensa em Macau para explicar as vantagens do investimento em Portugal. Estes dois gestores públicos deslocaram-se ao território a convite do Governo local e participam sexta-feira num seminário dirigido aos empresários de Macau e de Hong-Kong. Viana Baptista e Sousa Gomes seguem, depois, para o Japão, onde visitam a feira em Osaka.

Dúvidas e receios dos produtores

Mercado de cereais agita-se com as adaptações à CEE

Os produtores de cereais pretendem saber como vão ser utilizados os 700 milhões de ECU's (cerca de 94 milhões de contos) a conceder a Portugal pela CEE para o PEDAP — Programa Específico de Desenvolvimento da Agricultura.

Luís Abreu, da ANPOC (Associação Nacional de Produtores de Cereais), disse à Agência NP que os produtores desconhecem a forma como se irá processar a adesão à CEE e a forma de utilizar os meios à sua disposição durante as etapas da adaptação da agricultura à comunidade.

A única certeza reside no facto de durante a primeira etapa de adesão os preços de cereais evoluirem de acordo com a desvalorização do estudo de forma a aproximar os preços dos cereais portugueses aos do mercado comunitário.

A ANPOC pretende saber qual a política do Governo para a contenção dos custos pois conforme declarou Luís Abreu «os agricultores estão receosos de que a taxa de crescimento dos custos dos factores de produção evolua mais depressa que a taxa de crescimento dos preços dos cereais e como consequência provoque uma quebra nos rendimentos dos agricultores».

Os produtores de cereais pretendem ainda que a comissão consultiva do mercado de cereais entre em funcionamento o mais rapidamente possível.

A amaça do trigo espanhol

Soube-se entretanto através do próprio presidente da Federação dos Industriais de Moagem que os produtores portugueses de trigo têm de se adaptar rapidamente às normas de qualidade da CEE sob risco de verem a sua posição no mercado ameaçada pelas farinhas espanholas.

Estas farinhas produzidas na Espanha são mais baratas e de melhor qualidade, garantiu o presidente da Federação das Moagens, Albino Soares Carneiro, pelo que a longo prazo há o perigo de extinção pura e simples das empresas portuguesas de moagem.

Actualmente a diferença do preço oficial do trigo é da ordem dos 10 escudos por quilo (26 escudos em Espanha contra 36 em Portugal) aproximando-se o preço espanhol da média praticada nos países da Comunidade Europeia.

Os acordos bilaterais entre Portugal e Espanha para o período transitório de cinco anos estabelecem contudo mecanismos de protecção do mercado nacional.

A indústria de moagem portuguesa, que importou até agora cerca de dois terços das suas necessidades dos Estados Unidos da América verá certamente uma nítida modificação das suas fontes de aprovisionamento nos próximos anos.

Com efeito Portugal comprometeu-se a comprar à CEE um mínimo de 15 por cento dos seus cereais importados logo após a adesão, apesar de a organização comum do mercado de cereais («acquis» comunitário) só se vir a aplicar a partir da segunda etapa.

ANDAR

EM MEM MARTINS

COM:

255 contos de entrada e 6 prestações mensais de 30 000$00.

Você pode adquirir a sua casa ficando a pagar à Caixa apenas 16 163$00/mês

— SEM MAIS DESPESAS —

beirobra
sociedade de construções, S.A.R.L.

ESTRADA DE MEM MARTINS 219 C
Telef. 9211513, 9217322

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	54$95	60$95
ALEMANHA FED (marco)	60$80	62$00
ÁUSTRIA (xelim)	8$60	8$80
BÉLGICA (franco)	2$845	3$045
BRASIL (cruzeiro)	$980	1$100
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$10	121$60
(notas de 5 a 1000)	119$60	122$10
DINAMARCA (coroa)	16$75	17$15
ESPANHA (peseta)	$979	1$099
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	163$50	167$00
(notas de 5 a 1000)	164$50	167$50
FINLÂNDIA (marka)	28$40	29$00
FRANÇA (franco)	19$95	20$65
HOLANDA (florim)	53$95	55$05
IRLANDA (libra)	189$25	193$25
ITÁLIA (lira)	$082	$092
JAPÃO (iene)	$727	$762
NORUEGA (coroa)	20$40	20$90
REINO UNIDO (libra)	231$15	235$65
SUÉCIA (coroa)	20$30	20$80
SUÍÇA (franco)	74$05	75$55
VENEZUELA (bolívar)	9$95	10$95

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Visado o passaporte para o México

Sonho de Torres foi realidade

José António, Mário Jorge, Bento, Inácio, Pacheco, Frederico, Venâncio e Gomes acompanharam o brilho extraordinário de Carlos Manuel, num espectáculo de grande emoção onde a madeira das nossas balizas valeu como excelente "back"

Não há palavras para descrever o brio, a humildade, o companheirismo, a aplicação, a tenacidade e o espírito de corpo com que os rapazes comandados por José Torres deram a alegria maior aos adeptos do futebol português, catapultando a nossa selecção para a fase final do mundial (México, 86: 20 anos depois da gloriosa gesta britânica). Verdade que, ontem, todos os santos estiveram a nosso favor: e já não era sem tempo. Checoslovacos derrubaram suecos mesmo em cima do risco da meta. E, em Estugarda, as bolas batiam na nossa madeirinha e não entraram. Mas isso faz parte do jogo: também Jordão (em Alvalade e perante os nórdicos) falhou um a grande penalidade que, a ser concretizada logo nos teria concedido passaporte para terras mexicanas.

Emfim: foi preciso sofrer até à última pinguinha. Carlos Manuel, com um golo inesquecível, foi o protagonista de um duplo «milagre»: colocou Portugal no «Mundial-86» e quebrou a invencibilidade histórica da RFA, com uma vitória (1-0) em Estugarda.

O «milagre», só possível graças à luta, suor e lágrimas e alguma sorte dos jogadores (obra dos deuses?), ganhou expressão com o tento de Carlos Manuel, num disparo fortíssimo de fora da área, aos 54 minutos.

Com o tempo a esgotar-se, os germânicos pressionaram ainda mais o último reduto nacional, com Bento (aos 80) a deter já perto da linha de golo um cruzamento de Briegel. A cinco minutos do fim, Meier centrou e Berthold, com um golpe de cabeça, atirou contra a trave da baliza de Bento, com Inácio a aliviar «in extremis» perante a ameaça contrária. Daí a instantes, Briegel, alcunhado de «tanque», viu a barra da baliza de Bento também devolver uma bola de cabeça, aos 87, num lance em que o médio germânico ia quase estragando o «sonho» português.

Sem esquecer o contra-ataque. Portugal esteve à beira de marcar o segundo golo, com Inácio e José Rafael a falharem situações fáceis frente a Schumacher, nos minutos derradeiros. Com o «banco» português todo de pé, a contar os segundos, veio o apito final, com os jogadores a festejarem entre lágrimas e abraços o «passaporte» para o México.

Portugal, ausente das fases finais do mundial desde 1966 (em Inglaterra) regressa volvidos 20 anos ao mundial pela mão daquele que foi um dos «magriços» (José Torres) agora no papel de técnico da selecção. Os seus pupilos, que beneficiaram do desaire (2-1) da Suécia (sua rival na prova) frente à Checoslováquia, em Praga, infligiram a primeira derrota à RFA em todo o historial desta equipa em jogos de apuramento para o «Mundial».

A RFA, duas vezes campeã mundial (1954 e 1974), desiludiu os seus 60 mil adeptos, ao evidenciar falta de soluções ofeensivas e poder de concretização junto à baliza de Bento, com o público a assobiar frequentemente os jogadores menos inspirados.

Carlos Manuel fez o 1-0 numa jogada em que, após fintar um defesa, progrediu no terreno e disparou de fora da área, surpreendendo o guardião Schumacher, que se encontrava ligeiramente adiantado e sem hipóteses de deter o remate ao ângulo.

Até final, os nervos e a emoção apoderam-se do jogo, com os alemães-federais a atirarem o esférico três vezes à madeira da baliza de Bento, em lances que causaram calafrios a todos os telespectadores que viram o jogo em directo no «primeiro canal» da RTP.

O sonho-milagre de José Torres

Afinal o «sonho-milagre» que José Torres esperava aconteceu, com Portugal a ganhar bilhete de viagem para o Mundial do México. Resta saber qual terá sido o maior «milagre», se o triunfo sobre uma selecção que nunca perdera em casa para o mundial, se a transfiguração da equipa das quinas, que no sábado, diante de Malta, parecera uma equipa de **terceira divisão.**

A RFA, apurada já para o México no grupo dois, estava tranquila, mas o «Kaiser» Beckenbauer prometera um **massacre** diante de uma selecção portuguesa que, em Praga e Lisboa, se mostrara inacreditavelmente fraca e desmotivada. O que sucedeu em Estugarda foi o **escândalo** da jornada europeia para o mundial do México: a RFA nunca fora derrotada para o campeonato do Mundo, mas os primeiros minutos de jogo logo mostraram que se poderia passar algo totalmente diferente do previsto.

José Torres, depois da derrota da Suécia em Praga, uma hora antes do jogo de estugarda (o derradeiro e decisivo para Portugal) fez alinhar uma equipa essencialmente defensiva e preocupada com segurar o jogo a meio-campo. Na frente, apenas Gomes como ponta-de-lança **encartado**, e na defesa a excelente estreia de José António, numa equipa em que, de facto, todos jogaram bem, embora alguns melhor ainda que os outros.

Carlos Manuel: o maior!

A RFA procurou instalar-se, desde início, no meio-campo português, mas o quadro defensivo, bem apoiado pelos médios onde Carlos Manuel uma vez mais foi incansável, logo mostrou estar em dia «sim». Segurando bem o jogo atrás, Portugal tentou o contra-ataque, com uma **revelação** chamada Mário Jorge a actuar em grande plano.

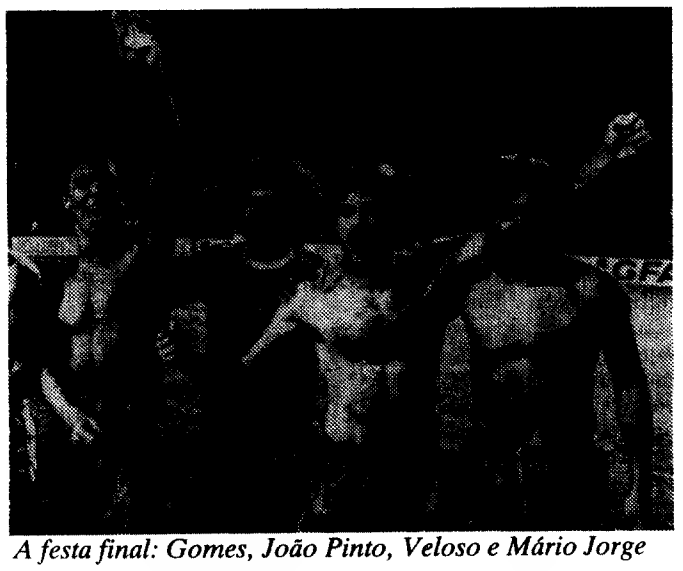
Daí que, sem surpresa mas já com **escândalo**, foi Portugal a perder a primeira grande oportunidade de golo, quando Veloso chegou atrasado a um cruzamento que deixara aberta a baliza de Schumacher.

Passado o primeiro quarto de hora, Portugal foi gradualmente controlando o jogo, com a equipa a mostrar inesperado à vontade diante dos poderosos e favoritos germânicos.

A turma de Beckenbauer, a ouvir assobios do seu público (que esgotou o Neckarstadium) cada vez mais evidenciando uma grande dificuldade de encontrar soluções para penetrar na forte e excelentemente coordenada defensiva portuguesa. Apenas Rummenigge mostrava a sua classe e, aos 26 minutos, teve uma boa oportunidade que José António, no último momento, desviou para canto.

Dominado o ímpeto do adversário, Portugal **assustou-o**: aos 29 e 30 minutos, Jaime Pacheco e depois Mário Jorge não fizeram golo por azar e porque Schumacher estava lá. À beira do intervalo, a selecção portuguesa, surpreendendo tudo e todos, desenvolvendo uma exibição das melhores de sempre,

Continua na pag. 17



A festa final: Gomes, João Pinto, Veloso e Mário Jorge

Táctica insólita resultou em pleno

Perante uma turma germânica constelada de altos valores individuais, Portugal apresentou um bloco essencialmente defensivo, com a retaguarda e o meio-campo superpovoados: José António a «libero», atrás de uma linha composta por João Pinto, Venâncio, Frederico Inácio e Veloso a funcionar como trinco, Mário Jorge descendo pela esquerda mas muito cautelosamente (voltava imediatamente a incorporar-se na defensiva) e a tarefa de armação de ensejos para golo confiada a Carlos Manuel (pela direita ou pelo corredor central) e a Jaime Pacheco (no cento ou apoiando a esquerda). Fernando Gomes ficou encarregado de lutar com a última defesa/germânica, especialmente tentando ganhar-lhe bolas de cabeça que pudessem ressaltar para os companheiros que viessem em corrida, para recarga. Por fim, no chamado «período de grande aflição», até o nosso «bota de ouro» passou a fechar mais a defesa: era necessário (muito logicamente) impedir, a todo o transe, que o sonho lindo fosse pelos ares.

Os "heróis" de Estugarda

Foram treze os «heróis» que, em Estugarda, conseguiram superar a **«missão impossível»** de vencer a RFA e qualificar a selecção nacional de futebol para o Mundial do México. José António, pela primeira vez internacional A e Mário Jorge constituiram as principais novidades que José Torres apresentou para contrariar o natural favoritismo alemão. Os onze «heróis» que jogaram de início:

Bento (Benfica), nasceu na Golegã, a 25-6-1948; João Pinto (FC Porto), Vila Nova de Gaia, a 21-11-1961; Frederico (Boavista), Castro Verde, a 6-4-1956; Venâncio (Sporting), Setúbal, a 21-11-63; José António (Belenenses), Cascais, a 29-10-1957; Inácio (FC Porto), Lisboa, 1-2-1955; Veloso (Benfica), S. João da Madeira, a 31-1-1957; Carlos Manuel (Benfica), Moita, a 15-1-1958; Jaime Pacheco (Sporting), Paredes, a 22-7-1958; Fernando Gomes (FC Porto), Porto, a 22-11-1956; Mário Jorge (Sporting), Ponta Delgada, a 24-8-1961; Litos (Sporting), S. João da Madeira, a 6-1-1967; José Rafael (Boavista), Faro, a 21-11-1958.

Jogadores que foram suplentes: Damas (Sporting), Lisboa, 8-10-1947; Jaime (Belenenses), Cova da Piedade, a 27-9-1963; Álvaro (Benfica), Lamego, a 3-1-1961.

O jogador mais velho dos 16 que estiveram não jogou: Vítor Damas. Bento é o mais velho de todos os que jogaram e Litos é o mais novo. Curiosamente, na selecção nacional de futebol estiveram três jogadores que fazem anos no mesmo dia (21 de Novembro): João Pinto, Venâncio e Jose Rafael.

Estamos na mina de ouro

Enquanto por estas áreas círculos normalmente muito bem informados garantem que a vitória de ontem rendeu o prémio de 500 contos a cada futebolista da selecção e o dobro ao seu responsável (José Torres), notícias vindas da América do Sul dizem que a selecção que vencer o «Mundial» no México vai receber cerca de dois milhões de dólares (330 mil contos), segundo afirmou, em Montevideu, o vice-presidente da FIFA, Eduardo Rocca Couture, actual tesoureiro da Confederação Sul-Americana de Futebol, que salientou que só a presença na fase final no México garante a cada equipa entre 750 a 800 mil dólares, enquanto os que se qualificarem para a 2.ª fase terão, no mínimo, mais 50 a cem mil dólares. Os quartos de final do Mundial vão dar de lucro a cada equipa entre cem a 150 mil dólares mais, enquanto os semifinalistas irão receber outros 200 ou 250 mil dólares, e uma importância idêntica será distribuída pelos dois finalistas.

Assim, em números redondos, os dois finalistas do Mundial do México-86 irão receber cerca de um milhão e meio de dólares, salientou Rocca.

O dirigente da Federação Internacional de Futebol afirmou que é difícil calcular de momento as importâncias que cada país irá receber, tudo dependendo dos grupos e dos estádios onde vão jogar. O vice-presidente da FIFA recordou, no entanto, o exemplo registado no Mundial de 1970 (no México) **em que a selecção classificada em 5.º lugar recebeu mais dinheiro do que a Itália (vice-campeã) porque jogou com equipas famosas em amplos estádios e em cidades com muitos adeptos de futebol.**

Felicitações de todos os quadrantes

Quero telicitar-vos pelo comportamento brioso que alardearam no encontro com a RFA — disse o presidente da República, general Ramalho Eanes, em telegrama dirigido à selecção nacional de futebol. **A vossa vitória proporcionou ao desporto português, a todos nós, a alegria pela passagem à fase final do Mundial de futebol** — refere o telegrama de Ramalho Eanes. **Felicidades para o México, onde se espera e deseja comportamento identico dos seleccionados de Portugal** — acrescenta.

O Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, declarou, em telegrama dirigido à selecção **estar emocionado com esta brilhante vitória do futebol português. Não quero deixar de felicitar os técnicos e os jogadores que conquistaram o direito de representar Portugal no Mundial do México, facto que não acontecia desde 1966** — refere Mário Soares.

Desejo que o êxito de hoje se repita no México — disse o vice-primeiro-ministro, Rui Machete, em telegrama dirigido à selecção. **Estou muito emocionado com esta brilhante vitória, fruto do esforço colectivo em que cada um deu o seu melhor. Um abraço amigo a todos aqueles que tornaram este triunfo possível** refere Rui Machete.

Foi com grande emoção e alegria que acompanhei esta grande vitória do futebol português — disse o Secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, em telegrama enviado à selecção. **Portugal inteiro estava à espera deste triunfo. Bem hajam** — refere o telegrama de Miranda Calha.

Para a frente Portugal no México de 1986 — disse o candidato à Presidência da República, prof. Freitas do Amaral, em telegrama enviado à selecção nacional de futebol. **Parabéns, vibrei com a nossa vitória — acrescenta o telegrama de Freitas do Amaral.**

Carlos Manuel: golo-espectáculo em emocionante espectáculo

Continuação da pág. 16

(certamente) do seleccionado nacional, mostrava já claramente que a longínqua qualificação estava, afinal e muito justamente, à sua mercê.

Para o tempo complementar, Beckenbauer reforçou o ataque, fazendo entrar Grundel: e Torres não mexeu na equipa. O esforço germânico não resultou e o corolário da 1.ª parte aconteceu quando Carlos Manuel, em magnífica jogada, rematou o tal golo que, pela sua técnica e significado, ficará nos arquivos do futebol português.

A RFA reagiu e a derradeira meia hora de jogo, com a equipa portuguesa justificadamente exausta pela proeza conseguida, foi por vezes aflitiva. Sem jogar bem, a RFA pressionou, com a selecção portuguesa a recuar, num excesso de imprudência, para a defesa. Bento (porém) esteve lá: e a sorte também.

Depois de Bento ter defendido duas vezes golos quase certos, foi a madeira da sua baliza que não deixou, por três vezes, a bola entrar. O apito do britânico Hackett (com uma boa actuação) pôs fim à quase dramática espera de ver Portugal no México. E, a propósito das bolas à madeira, convirá lembrar que também se confirmou o ditado: a sorte acompanha as boas equipas.

Beckenbauer em «brasa»

Franz Beckennauer foi duramente criticado por recusar declarações à Televisão alemã-federal. O técnico da selecção da RFA, ostensivamente de mau humor, afastou os repórteres da televisão que lhe pediam declarações no final da primeira derrota do país num jogo para o Mundial de futebol. Esta atitude do «kaiser» do futebol da RFA, foi duramente criticada pelos comentadores da Televisão germânica.

O percurso

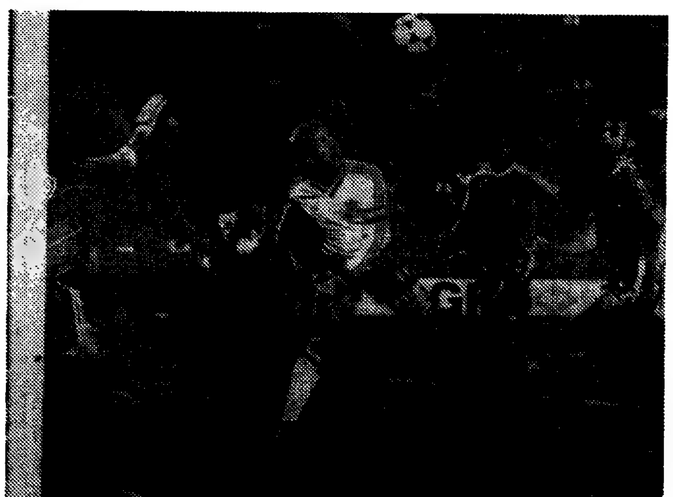
A selecção nacional de futebol ganhou cinco dos oito jogos do Grupo Dois de qualificação para o Mundial. Portugal perdeu três vezes e não empatou nenhuma. Marcou 12 golos e sofreu 10, tendo o «Bota de Ouro» Fernando Gomes sido o melhor marcador, com 5 golos. Quadro dos resultados que Portugal obteve no Grupo Dois de qualificação para o México:

Suécia-Portugal, 0-1; Portugal-Checoslováquia, 2-1; Portugal-Suécia, 1-3; Malta-Portugal, 1-3; Portugal-RFA, 1-2; Checoslováquia-Portugal, 1-0; Portugal-Malta, 3-2 e RFA-Portugal, 0-1.

Após estes jogos, tudo ficou decidido no Grupo Dois: Alemanha Federal e Portugal são as selecções apuradas, quando faltam ainda dois encontros (RFA-Checoslováquia e Malta-Suécia). A classificação do Grupo é actualmente a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
RFA	**7**	**5**	**1**	**1**	**20-7**	**11**
Portugal	8	5	–	3	12-10	10
Suécia	7	3	1	3	12-8	7
Checoslováquia	7	3	1	3	9-10	7
Malta	7	–	1	6	5-23	1

Bento (protegido por João Pinto) desfaz um remate para a linha de cabeceira



O famoso Karl-Heinz Rummenigge entre João Pinto, Bento, Mário Jorge e Frederico: autêntico colete de forças

Uma dúzia já no México

Resultados dos jogos ontem disputados dos grupos europeus de qualificação para o «Mundial» de Futebol do México:

- Grupo Dois: Alemanha Federal - Portugal, 0-1; Checoslováquia - Suécia, 2-1. Apurados: RFA e Portugal.
- Grupo Três: Inglaterra - Turquia, 5-0; Roménia - Irlanda do Norte, 0-1.
- Grupo Seis: Noruega - Dinamarca, 1-5; União Soviética -Irlanda, 2-0.
- repescagem (Grupos 1 e 5), primeira «mão»: Bélgica - Holanda, 1-0.

Portugal foi o 13.º país a qualificar-se para o Campeonato Mundial de Futebol do México, em 1986. A Inglaterra também conseguiu o lugar no México, pelo que as selecções já apuradas para a fase final do campeonato são, neste momento, as seguintes: México (como país organizador); Itália (detentor do título mundial); Polónia, Alemanha Federal, Portugal, Inglaterra, Bulgária, Hungria e Espanha (pela Europa); Argentina, Brasil e Uruguai (pela América do Sul); Canadá (pela Concacaf).

Sob a direcção do britânico Stuart Hackett as equipas alinharam, no Neckar Stadium:

RFA: Schumacher; Berthold, Jakobs (Grundel, 45), Foerster e Briegel; Brehme, Herget, Meier e Allogoewer; Littbarski (Allofs, 64) e Rummenigge.

PORTUGAL: Bento; João Pinto, Venâncio, Frederico e Inácio; Carlos Manuel (Litos, 85), Jaime Pacheco, José António, Veloso e Mário Jorge; Gomes (José Rafael, 83).

Cartão amarelo a José António (15 minutos).

encher uma «Baixa» a deita[illegible] pelas costuras público festejando o êxito futebolístico.

A fachada apagada do edifício da Federação de Futebol contrastava com o fervor da festa dos adeptos portugueses que ali rumaram. As visit[illegible] foram ali por um [illegible] emocionadamente [illegible] hino nacional e gritou o [illegible] noite: «Carlos Manuel», «Carlos», «Carlos»...

Cumpridas as «homen[illegible] era a festa de «todos n[illegible] descer da Avenida (da [illegible]dade) por uma multid[illegible] progressivamente engros[illegible] recém-chegados. Era a [illegible] Transeuntes, estranhos [illegible] coisas do futebol, contemplavam divertidos a felicidade transbordante daquele [illegible] gente que nada poderia [illegible]. Turistas interrogavam os passantes sobre o que tin[illegible] ocorrido e comungavam daquela euforia,l juntando-se à [illegible]tiva».

Aquilo que centenas [illegible]ticos, dezenas de di[illegible] infinitas promessas n[illegible] conseguiram, fê-lo Carlos Manuel com o seu remate im[illegible] nesta noite todos os portu[illegible] eram irmãos.

O Rossio acolhia a n[illegible] mana que ali escorria[illegible] coloridos, bandeiras de [illegible]gal e de diversos clubes most[illegible]vam à noite a alegria daquel[illegible] gente. Buzinas, apitos e grit[illegible] acordavam os dorminho[illegible] sua paz.

Passageiros em carr[illegible] cumprimentavam-se, [illegible] acordo de festa, esquec[illegible] sua guerrilha quotidiana [illegible] eles «enterravam», por [illegible]tos, as divergências que [illegible]ram. Nem os mergu[illegible] fonte fronteira ao T[illegible] Maria, saciaram a sede [illegible] a romaria dos adeptos [illegible] espraiou-se novamente Ave[illegible] acima. Noite fora, bandeiras [illegible] ar, pulmões a berrar, o [illegible] o futebol e o orgulho port[illegible]

Por mais um pouco...

Carlos Manuel: candidatura à Presidência da República?

Foi um quase delírio colectivo: centenas de pessoas saíram ontem à noite para a rua, para comemorar o apuramento do nosso futebol para o México.

«Portugal, Portugal», «México, México» eram gritos de ordem que agregavam transeuntes da Avenida da Liberdade aos adeptos mais precoces no festejo nocturno. Em viagem do Rossio à Praça da Alegria (sede da Federação Portuguesa de Futebol), carros, bandeiras, peões, buzinas e apitos tudo fazia parte da festa que começava a

O jogo que nos empurrou

E vivam os checos!

Uma hora antes do nosso jogo em Estugarda, concluiu-se, em Praga, o embate em que os checos derrotaram a Suécia, rasgando o melhor caminho aos desejos portugueses. A Suécia, que esperava garantir a sua qualificação para o México, sofreu rude golpe nas suas aspirações ao ser derrotada pela Checoslováquia (2-1) durante a tarde e viu-as totalmente destruídas à noite, com a vitória de Portugal na RFA. Perante cerca de 6000 espectadores e sob a arbitragem do suíço Sandoz, as equipas alinharam assim, em Praga:

Checoslováquia: Miklosko; Levy, Chovanec, Straka e Ondra; Hasek, Berger e Kula; Vizek, Lauda (Luhovy, aos 76 minutos) e Micinek (Novak, aos 82).

Suécia: T. Ravelli; Hysen, Erlandsson, Dahlqvist e Frederiksson; A. Ravelli (Holmqvist, aos 67 minutos), Prytz, Svensson (Magnusson) e Stromberg; Corneliusson e Nilsson.

Golos: 0-1, aos 6 minutos, por Corneliusson, a passe de Nilsson; 1-1, aos 42 minutos, remate de Vizek que ainda embate em A. Ravelli antes de ultrapassar a linha de golo; 1-2, por Vizek, aos 69 minutos, aproveitando uma falha de T. Ravelli.

A Checoslováquia postou-se ao ataque desde o início do jogo, impulsionada pelo centro-campista Berger, mas foi a Suécia quem, no seu primeiro ataque digno desse nome, conseguiu um golo que praticamente lhe garantia o passaporte para o México.

Após o tento sofrido, a Checoslováquia empenhou-se ainda mais na ofensiva, embora com pouco discernimento. Apesar disso, os visitados estiveram prestes a marcar (aos 16 minutos) quando na sequência de um pontapé de canto, primeiro Lauda e logo a seguir Hasek atiraram aos postes da baliza de T. Ravelli. Um desentendimento na defesa sueca propiciou mais tarde o ansiado golo checo, que permitiu aos locais iniciar a 2.ª parte com maior confiança, na busca de um triunfo que não lhes cerrasse em definitivo as portas do México. Após numerosos falhanços frente à baliza sueca, foi a defensiva dos visitantes que, por sua vez, teve um deslize clamoroso, colocando a bola de bandeja diante de Vizek, o qual não teve qualquer dificuldade em marcar: a Suécia dizia adeus ao Mundial.

Futebol: árbitros portugueses em acção

O encontro da 1.ª «mão» da 2.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de futebol, entre o Barcelona e FC do Porto, será arbitrado pelo holandês Vanlang Enchove. A UEFA divulgou a lista dos árbitros nomeados para os encontros da 2.ª eliminatória das competições europeias, sendo os seguintes os juízes que couberam aos clubes portugueses:

- Taça dos Campeões: Barcelona - Porto, Valang Enchove (Holanda) 23 Out; 6 Nov. -Porto - Barcelona, Mc Ginglay (Escócia).
- Taça das Taças: 23 Out -Benfica - Sampdoria, Christov, (Checoslováquia) e 6 Nov -Sampdoria - Benfica, Roth (Alemanha Federal).
- Taça UEFA: 23 Out - Dínamo de Tirana - Sporting, Petrescu, (Roménia) e 6 Nov — Sporting - Dínamo de Tirana, Farrel, (Rep. da Irlanda).

A UEFA nomeou também dois árbitros portugueses para as provas europeias, indigitando Raul Nazaré para o jogo Waregem - Atlético Osasuna e Carlos Valente para o Spartak de Moscovo - Bruges.

Federação: mão dura

O Conselho de Disciplina da FPF, em resultado de processos disciplinares, oportunamente instaurados, divulgou a aplicação das seguintes sanções:

A Clubes — Ao FC Porto, no pagamento da indemnização de 899 955$00 por distúrbios e danos causados no final do jogo FC Porto — Sporting, disputado no Estádio das Antas em 25 de Novembro de 1984; ao Famalicão, na indemnização de 176 178$00; ao Fafe, na indemnização de 53 830$00 e na multa de 21 300$00; [illegible]res, na indemnização [illegible] 44 842$00; ao Paivense, n[illegible] multa de 36 900$00 e [illegible] indemnização de 6 162$0[illegible] Vilafranquense, na multa [illegible] 21 000$00; ao União Sport, n[illegible] multa de 20 000$00; ao União de Tires, na multa de 14 10[illegible] e na indemnização de 8 0[illegible]; ao Montalegre, na [illegible] 14 000$00 e na inde[illegible]ção de 300$00; ao Oliveira do Hospital, na multa de 10 000$00; ao Vila Real, indemnização de 5 700$00; ao Nazarenos, n[illegible] multa de 45 000$00; [illegible] da Barca, na indemn[illegible] 4 300$00; ao Bragança e ao Seia, na multa de 3 800$[illegible] Celoricense, na multa de 3 000$00.

Interdição de Campos — Por seis jogos, ao Paivense e ao União de Tires; por quatro jogos, ao Montalegre; por três jogos, ao Fafe.

Derrotas — Duas, ao Seia:

Continua na pág. 1

INTERINOVAÇÃO PORTUGUESA, EQUIPAMENTOS DE MOEDAS E NOTAS, L.DA

Certifico que, por escritura de 16 de Julho corrente, lavrada a fl. 90 v. do livro de notas n.º 89-D do 1.º Cartorio Notarial de Vila Franca de Xira a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Interinovacao Portuguesa Equipamentos de Moedas e Notas, L.da com sede na Rua Antonio Maria Eugenio d'Almeida, 30 em Vila Franca de Xira transferiu a sua sede social para a Quinta da Piedade, lote 1.5 A freguesia da Povoa de Santa Iria deste concelho alterando o artigo 1.º dos respectivos estatutos que rege a dita sociedade o qual fica com a seguinte redacao

1

A sociedade adopta a denominaçao de Interinovacao Portuguesa Equipamentos de Moedas e Notas, L.da fica com a sua sede na Quinta da Piedade, lote 1.5 A freguesia da Povoa de Santa Iria, concelho de Vila Franca de Xira, durara por tempo indeterminado, a contar de 13 de Dezembro de 1982

Esta conforme o original

1.º Cartório Notarial de Vila Franca de Xira, 25 de Julho de 1985.

A Ajudante
Maria Celeste Santos Lima Martins de Almeida

D.L. 17/10/1985

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 63 736 para: «MÁQUINA SEMEADORA».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, LD.ª
PATENTES E MARCAS
RUA CASTILHO, 201 - 3.º Esq.º
1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OVAR
ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Ovar, correm éditos de 30 dias citando a ré AZEVEDO & BASTOS LD.ª com sede na Rua de Goa-Lote 4 r/c Alvogar-Loures, para no prazo de vinte dias, contando depois de decorrido o dos éditos, após a segunda e última publicação do presente anúncio, contestar querendo, a Acção Ordinária n.º 153/83 que lhe move Safina-Sociedade Industrial de Alcatifas LD.ª, com sede em Cortegaça-Ovar, pela qual pede a condenação da ré a pagar: a) A quantia em dívida de Esc. 477 638$40; b) A quantia de 18.280$00 de juros de mora vencidos; c) juros vincendos até integral pagamento; d) As custas, selos e demais encargos processuais, tudo conforme a petição inicial, cujo duplicado fica apenso ao processo.

Ovar, 4 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito
Luís Manuel de Vilhegas de Lucena e Vale
O Escrivão Adjunto
Lauro dos Santos Martins

D.L. 17/10/85 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
SEGUNDO JUÍZO
ANÚNCIO

P.º 1332
1.ª Sec.
2.º Juízo

O DOUTOR, JOSÉ MANUEL BRANQUINHO DE OLIVEIRA LOBO, Juiz de Direito da 1.ª secçao do 2.º Juizo Civel de Lisboa.

FAZ SABER, que no 2.º Juizo Civel de Lisboa, 1.ª secção de processos nos autos da Acção Ordinaria de Preferência, registados sob o n.º 1332, que os autores MARIA TERESA VALENTE PIRES SERRA DE MATOS, e marido JOSÉ ANTONIO DE CASTRO SERRA DE MATOS residentes na Estrada das Laranjeiras, 208 2.º B Lisboa, movem contra ALVARO PINTO, com ultima residência conhecida na Rua dos Arneiros n.º 11 2.º Lisboa, e outros, correm éditos de TRINTA DIAS, contados a partir da segunda e ultima publicação do anuncio respectivo, citando o dito réu, para no prazo de VINTE DIAS, posterior ao dos éditos, contestar, querendo o pedido formulado pelos autores e que consiste em os reus serem condenados a reconhecerem aos autores o direito de preferência na alienação, por venda da facção autónoma designada pela letra «p» correspondente ao 2.º andar, letra B, do predio sito na Estrada da Laranjeiras n.os 206 a 208, consequentemente, serem os autores investidos na propriedade da mesma fracção, bem como na quota que lhes deve ser atribuida nas partes comuns do mesmo predio, que a investidura na propriedade seja feita em substituição da 2.ª ré, e ainda serem os réus condenados a pagar solidariamente, as custas, selos e procuradoria condignas

Lisboa, 9 de Outubro de 1985
O Juiz de Direito
Jose Manuel Branquinho de Oliveira Lobo
O Escrivão Adjunto
Jose Monteiro Heleno

«D.L.» - 17/10/85 - 2.ª Pub.

INTERINOVAÇÃO PORTUGUESA, EQUIPAMENTOS DE MOEDAS E NOTAS, L.da

Certifico que, por escritura de 13 de Dezembro do corrente ano, lavrada a fls. 13 v.º e seguintes do livro n.º 48-D de escrituras diversas do 1.º Cartório Notarial de Vila Franca de Xira, a cargo da notária licenciada Maria do Carmo Antunes dos Santos, Victor Hugo Santos Bernardino e sua mulher, Maria Paula Rocha Penetra Bernardino, residentes na Póvoa de Santa Iria, deste concelho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Interinovação Portuguesa, Equipamentos de Moedas e Notas, L.da tem a sua sede na Rua de António Maria Eugénio de Almeida, 30, em Vila Franca de Xira, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é a comercialização e produção de equipamentos de moedas e notas, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade em que os sócios acordem e dentro das limitações legais.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na caixa social, é de 1 000 000$, no qual o primeiro outorgante, Vítor Hugo Santos Bernardino, subscreveu uma quota no valor nominal de 455 000$ e a segunda outorgante, Maria Paula Rocha Penetra Bernardino, subscreveu uma quota no valor nominal de 545 000$.

4.º

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser determinado em assembleia geral, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar validamente a sociedade em todos os actos e contratos, inclusive compra e venda de veículos automóveis, podendo qualquer deles constituir mandatários através de procuração.

5.º

É vedado a qualquer gerente ou mandatário assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à mesma, tais como letras de favor, fianças ou abonações.

6.º

A cessão, total ou parcial, de quotas é livre entre os sócios, mas em relação a estranhos depende do consentimento escrito dos sócios não cedentes, aos quais é reservado o direito de preferência na sua aquisição.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas, a pedido de qualquer sócio, por meio de carta registada com aviso de recepção, dirigida aos sócios com antecedência mínima de 10 dias, salvo nos casos em que a lei prescreva formalidades especiais de convocação.

8.º

Os resultados apurados anualmente, depois de retirada a parte destinada ao fundo de reserva legal e o que a assembleia geral deliberar para qualsquer outros fins sociais, serão divididos pelos sócios, na proporção das respectivas quotas.

9.º

A sociedade só se dissolverá nos casos legais, ou por acordo de todos os sócios, sendo divididos pelos sócios os bens e valores da sociedade, na proporção das suas quotas.

§ único. No caso de dissolução da sociedade por acordo, serão liquidatários todos os sócios.

10.º

Em caso de morte ou de interdição de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os restantes e com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito, os quais, enquanto a quota estiver indivisa, deverão escolher, no prazo máximo de 30 dias, um só, de entre todos, que os represente na sociedade.

Está conforme.

1.º Cartório Notarial de Vila Franca de Xira, 20 de Dezembro de 1982. — A Ajudante, *Maria Celeste Santos Lima Martins de Almeida*.

4-0-77

D.L. 17/10/1985

AGORA em 3ª edição,

de 4000 exemplares
"O VINHO DOS MORTOS"
do

POETA FERNANDO GRADE

Autor consagrado
de **"SANGRIA"**
e de
"SAUDADES DE SER ÍNDIO"
LEIA
a 3.ª edição de
"O VINHO DOS MORTOS"
(480$00)
Lançamento da Mic
Pedidos a:
Edições Mic
Apartado 4
S. João do Estoril
2768 ESTORIL CODEX

Sonho de Samaranch: olimpícos sem boicote

Portugueses treinando para o «show» de amanhã

O presidente do Comité Olímpico Internacional, o espanhol Juan Samaranch manifestou o desejo de que os Jogos Olímpicos de Seul não sofram qualquer espécie de boicote, ao contrário do que aconteceu nas três últimas edições.

O nosso sonho é ter em Seul todos os Comités Olímpicos do Mundo o que só aconteceu em 1972, em Munique, disse Samaranch, na cerimónia oficial de abertura dos trabalhos do Comité Olímpico Internacional, a decorrer em Lisboa, até sábado. O presidente do COI realçou que o Movimento Olímpico Internacional depende, muito, infelizmente, da situação política mundial, **o que levanta sérios problemas.**

Samaranch revelou que as recentes reuniões que teve com os Comités Olímpicos da Coreia do Sul e do Norte tiveram como objectivo **conseguir para a Coreia do Norte as melhores condições de participação nos Jogos de Seul.** A reunião com os Comités Olímpicos das duas Coreias prosseguirá em Janeiro de 1986, em Lausanne, informou Samaranch.

Para o presidente do COI, a grande meta do olimpismo é a actualização das normas da «Carta Olímpica», no qual considerou existirem **regras que têm de ser alteradas por forma a dar maior abertura à participação dos jovens.**

Na sessão de abertura dos trabalhos do COI, em Lisboa, estiveram presentes o secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, presidente do Comité Olímpico Português, Fernando Lima Bello e ainda Pedro Feist, vereador da Câmara Municipal de Lisboa.

Controlo «antidoping»

Todos os atletas devem concordar em ser submetidos a um controlo «antidoping» antes e durante os Jogos Olímpicos — afirmou Richard Pound, membro da Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional.

Richard Pound disse à NP que o assunto do controlo médico dos atletas foi um dos temas mais quentes da ordem de trabalhos da Comissão Executiva do COI e afirmou existir uma grande convicção para **um controlo rigoroso. Nesta conformidade** (explicou Pound) **não está excluída a hipótese de os atletas poderem ser submetidos a um controlo «antidoping» antes das competições. Pretendemos que os Jogos Olímpicos sejam uma manifestação de saúde, alegria, um convívio são de desportistas** disse o membro do COI.

A formulação de um artigo que regulamente esta vontade do COI vai ser objecto de análise em futuras reuniões da Comissão Executiva, a próxima ainda este ano, em Lausana. Richard Pound adiantou mesmo ser vontade do COI impedir que um atleta possa participar em futuros Jogos Olímpicos caso se confirmar que **ingeriu uma substância dopante para ganhar uma medalha. Neste momento, se um atleta tiver uma análise positiva é suspenso de toda a actividade, mas a respectiva Federação pode apelar para a redução do castigo. No futuro, pensamos que não deve haver benevolência para quem tomar deliberadamente uma substância dopante.**

Nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, onze atletas foram desclassificados por terem tomado substâncias dopantes, sendo o caso mais flagrante o do finlandês Martti Vainio que, na prova dos 10 mil metros, tinha sido 3.º classificado.

Hóquei em patins: demonstração nos jogos de 1992

O hóquei em patins poucas possibilidades tem de figurar como modalidade nos Jogos Olímpicos de 1992, mas poderá figurar como modalidade de demonstração. Para uma modalidade figurar no programa oficial dos Jogos Olímpicos é necessário ser praticada em 45 países de três continentes, o que não acontece presentemente com o hóquei em patins.

Assim, e apesar dos esforçados desejos manifestados pelos presidentes dos Comités Olímpicos de Portugal e de Espanha, é mais que provável que o hóquei em patins seja admitido apenas como «modalidade de demonstracção» nos Jogos Olímpicos de 1992.

Uma fonte próxima do presidente do COI declara que o Hóquei em Patins **é uma modalidade em crescente desenvolvimento, mas qua ainda não adquiriu projecção à escala olímpica. A aprovação do hóquei em patins como modalidade olímpica não depende apenas unicamente de nós** esclareceu abalizada fonte. **Tudo depende da implantação que tiver, das suas tradições, do apoio do público. Os Jogos Olímpicos são também uma manifestação popular.**

Na reunião do COI, a 17 de Outubro de 1986, em Lausana, irão ser analisadas as possibilidades de algumas modalidades figurarem no programa oficial dos Jogos Olímpicos de 1992. **Esta será a primeira reunião, onde se procederá a uma recolha dos primeiros dados** dizem diversos membros do COI.

Ténis lá está

Para os Jogos Olímpicos de Los Angeles (em 1984) o ténis e o basebal figuraram como «modalidades de demonstração» e para os Jogos de Seul (em 1988) três outras modalidades irão ter demonstrações: badmington, takendo e judo feminino. Uma fonte do COI disse à agência Notícias de Portugal que o hóquei em patins é um desporto muito popular em Portugal e Espanha e com um crescente entusiasmo nalguns países da América Latina, **mas a sua expressão é ainda reduzida no contexto do movimento olímpico.** Aliás (prosseguiu) **o mesmo se passou em relação ao voleibol. Esta modalidade começou com o «estatuto de exibição» e hoje tem uma forte implantação a nível mundial e no movimento olímpico.**

Os dirigentes do Comité Olímpico Internacional que se encontram reunidos num hotel de Lisboa assistem amanhã, à noite, no pavilhão «Carlos Lopes» (em Lisboa) a um encontro Portugal — Espanha que servirá de demonstração constituindo uma forma de sensibilização para a modalidade figurar a nível oficial no calendário olímpico. Neste encontro, que contará com a presença de altos dirigentes do COI, será também prestada homenagem à equipa espanhola vencedora do campeonato do Mundo de 1984, em Portugal.

Entretanto, para os jogos de Seul, o ténis surge já como modalidade oficial no calendário olímpico, existindo fortes possibilidades de nomes como John McEnroe, Boris Becker e Ivan Lendl se poderem defrontar. **De qualquer das formas um país só poderá apresentar, no máximo, três tenistas, à semelhança do que acontece com as restantes modalidades.**

Nosso futebol continua violento

A Guarda Nacional Republicana informou ter registado incidentes em três campos de futebol, no passado fim-de-semana. Em Lourosa, no encontro entre a equipa local e o Famalicão (para a 2.ª divisão nacional) **espectadores não identificados** arremessaram pedras para o recinto do jogo, tendo causado ferimentos ligeiros num jogador da equipa visitante. Em Arrifana, em jogo dos donos da casa com o Lobão (da 1.ª divisão distrital de Aveiro) a equipa de arbitragem saiu protegida pela GNR, dando o jogo por terminado, após adeptos dos visitantes terem invadido o campo. Finalmente, jogadores do Valecambrense e do Cucujães (também do distrital de Aveiro) pegaram-se ao murro e, no fim da partida, a GNR teve que proteger a equipa de arbitragem, ameaçada pelos sócios do clube local.

Freire estava "dopado"?

Segundo notícias que correm por aí, a análise a Freire (Portimnense) no termo do jogo do seu clube com o Benfica teria revelado «**resíduos de um produto proíbido—**, mas o jogador garante que isso é impossível porque, tal como os demais colegas da sua turma, apenas toma «Desocor», «Ergadyl» e «Sargenor».

Hóquei: Cascais desiste

O Dramático de Cascais informou a Federação Portuguesa de Patinagem de que não participa na próxima Taça CERS em hóquei em patins. O motivo apresentado pela direcção é o de ter tomado posse em 1 de Julho passado e **ter encontrado o clube em situação económica caótica, com uma dívida superior a seis milhões de escudos.**

Microscópio

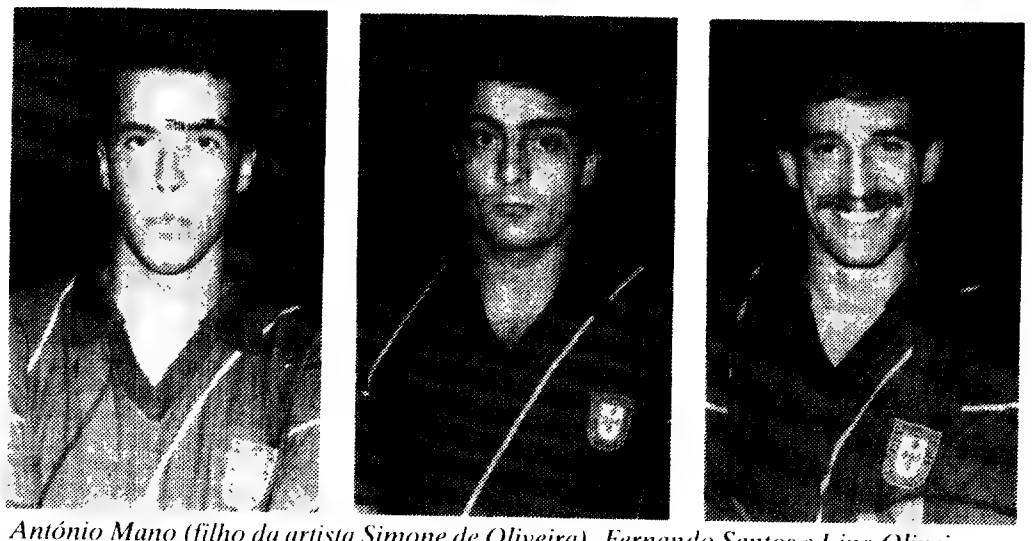
Hipismo: campeonato

As provas do Campeonato de Portugal de Cavaleiro de Obstáculos e dos Critérios do Cavalo Nacional de Obstáculos começaram ho Hipódromo do Campo Grande em Lisboa.

A jornada de abertura teve três competições, sendo a primeira do Critério do Cavalo Nacional de Obstáculos (de cinco anos) em que venceu António Caldeira, montando «Xará», que fez o percurso da tabela (caça) em 74,31 segundos. Na 2.ª posição ficou Francisco Caldeira em «Xacara do Passo» com 75,43 segundos.

Na prova para cavalos de quatro anos, de adaptação aos obstáculos, salientaram-se «Zigue Feld» de João Charola e «Zeen Rubi» de João Sá.

Na última prova do dia do Campeonato de Portugal de Cavaleiro de Obstáculos participaram 37 conjuntos que fizeram um percurso de caça. Venceu Bernarndo Moniz da Maia em «Judith K» com 66,34 segundos, e obteve também o 3.º lugar, montando «Rekort», com 72,12 segundos. Na 2.ª posição ficou Luís Xavier de Brito, em «Fifty-Fifty», com 71,41 segundos.



António Mano (filho da artista Simone de Oliveira), Fernando Santos e Lino Oliveira: os três guarda-redes que integram a selecção que está em Espanha, no mundial de futebol de salão

Selecção de futebol de salão treinou hoje no Real Madrid

Madrid — Correu excelentemente a viagem da caravana portuguesa que se desloca ao Campeonato Mundial de Futebol de Salão que esta noite em Huelva tem já a partida de abertura: Espanha - Canadá, precedida de uma cerimónia em que usarão da palavra o presidente da FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) o brasileiro dr. Januário d'Alessio e D. Antonio Alberca (presidente da federação espanhola) devendo também ser lida uma mensagem de D. Juan Carlos, rei de Espanha e presidente de honra deste torneio mundial.

A formação portuguesa, que está rodeada de um grupo de representantes dos órgãos de Comunicação Social (que fizeram a viagem por gentileza do Totobola e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa) está alojada no madrileno Hotel Colon (Av. Dr Esquerdo, 119, Telefone 00 - 34 - 1 - 2735900) e tem recebido as melhores provas de simpatia dos dirigentes da FIFUSA e da federação espanhola, extensivas (aliás) às demais turmas do nosso grupo (Paraguai, Costa Rica e Checoslováquia) que se encontram no mesmo hotel.

Ontem foi dia de aniversário do avançado lusitano Raul José: festa comemorada a primor e extensiva até ao brinde aos jogadores da selecção nacional de futebol de onze que, em Estugarda, tinham dilatado o prestígio do nosso desporto. Por decisão total, foi decidido remeter à Federação Portuguesa de Futebol um telegrama de parabéns pelo feito em terras alemãs da turma comandada por José Torres.

Esta manhã, a formação portuguesa esteve a treinar no fabuloso parque desportivo do Real Madrid, em Chamartin. Todos os jogadores estão em perfeito estado físico, sem problemas para o técnico José Eduardo, para o médico dr. José Feio ou para o massagista Joaquim Grilo.

Amanhã em Guadalajara Portugal faz o primeiro (e difícil) teste perante a formação da Checoslováquia, com a Antena Um (também por iniciativa do Totobola) a dar o relato do jogo a partir das nossas 19 e 30 através da voz do jornalista António Pedro.

Na sua agenda

Ténis: Portugal na Davis

A selecção portuguesa de ténis defrontará em Maio de 1986 a equipa vencedora da primeira zona africana em jogo a contar para o Grupo A (zona eorupeia) da Taça Davis. O sorteio realizado em Paris determinou ainda que França, Áustria e Romenia ficarão isentos no Grupo A. Os jogos serão realizados nos dias 9, 10 e 11 de Maio de 1986.

Futebol

Continuação da pág 17

uma ao Oliveira do Hospital, ao Bragança, ao Nazarenos e ao Celoricense.

A Jogadores — Noventa dias de suspensão, ao jogador Luís Manuel Monteiro dos Santos, do S. Romão; um mês de suspensão aos jogadores Manuel Eurico Gonçalves dos Santos, do Bragança, Paulo Fernando da Costa Russo, do Vilafranquense, e Alfredo Manuel Rossa Sargaço, do União Sport; quinze dias de suspensão, ao jogador Marco Paulo de Almeida Santos, do Seia; repreensões por escrito aos jogadores Mário João Fernandes Vigia, do Nazarenos, João António Caetano Pinto, do Celoricense, e Carlos Filipe da Fonseca de Jesus, do Seia.

A Dirigentes — Irradiações ao delegado Júlio Baptista dos Santos e ao dirigente Fernando José Gomes Rodrigues, ambos do Seia; um mês de suspensão aos dirigentes Lídio Manuel Fernandes Marques, do Varzim, e José António Teixeira de Freitas, do Vitória de Guimarães.

Libertadores

O Argentinos Juniores e o América da Colômbia disputam hoje o jogo da 1.ª mão da final da Taça Libertadores da América, no Estádio do Clube River Plate (Buenos Aires) e não no de Velez Sarsfield, como estava previsto inicialmente. O Clube de Buenos Aires optou pela troca do local de jogo devido aos estragos que o Estádio do Velez apresenta, em consequência de uma série de concertos de música «rock» realizados ali

O presidente do clube disse: **Lamentavelmente, não se pode disputar um jogo de futebol no nosso campo, porque a relva está totalmente destruída e, inclusive, um grupo de roqueiros fez uma fogueira enquanto esperavam pela actuação da cantora alemã Nina Hagen.**

O Jornal de Amarante, x11 111 xxx x2xx; Jornal da Beira, 211 111 x11 12x1; Correio de Coimbra, 211 1x1 xxx 12x1; Correio do Vouga, 211 111 x11 1211; Jornal «A Defesa», 211 1x1 xx1 x121; Jornal Defesa de Espinho, 211 1x1 1xx 1121; Diário de Coimbra, 211 1x1 11x 12xx; O Dia, 211 1x1 1x2 1121; Diário de Viseu, x11 1x1 112 1xxx; O Distrito de Portalegre, 211 1x1 11x 2x1x; Folha de Domingo, 211 1x1 1x1 11x1; Ecos do Cacia, 211 1x1 1x1 11x1; O Jornal de Felgueiras, 211 1x1 x11 111x; Jornal do Fundão, 2x1 1x1 112 1x2x; Jornal Gazeta das Caldas, 211 1x1 x11 1x11; Jornal Totobola em Linhas de Elvas, 211 111 11x x211; Litoral, 211 1x1 x11 1xx1; Maria da Fonte, 211 1x1 111 1xx1; O Mensageiro, 211 1x1 xxx 11xx; No Estúdio e no Estádio, x11 12x 11x 121x; Notícias de Felgueiras, x11 1x1 x1x 11xx; Jornal Notícias de Gouveia, 211 1x1 x1x 1112; Jornal Notícias de Guimarães, 211 121 x1x 11x2; Jornal Notícias de Viseu, x11 111 xx1 12xx; Reconquista, 1x1 111 x11 1212; Rádio Altitude, x11 111 x11 1xx1; Noticiário das 18h.00, xxx 1xx 2x1 1xx2; Noticiário das 11h30, 11x x21 221 1xx2; RDP/Manhã Manhã, 21x 111 xx1 1xx1; RDP/Secção Desportiva, 211 1x1 11x 12x1; RDP/Tempo de Desporto, x1x 111 xx1 xx21; Boomerang, x11 1x1 1xx 11xx; Programa da Manhã, 21x 121 xx1 111x; Canal Mais, 21x 1xx x11 xxx1; Fotogramas, x1x 111 1x1 111x; Palavra Puxa Palavra, 211 1xx x1x 1x11; Fora de Jogo, 2x1 111 1xx xx11; Grande Sábado, x11 1x1 xxx 1111; Sintonia Desportiva, x1x 111 111 xx11; Rádio Sports, 211 111 x11 1111; Jornal do Sul, 211 1x1 xx1 1121; Voz do Ave, 211 11x 112 1xxx; A Voz do Domingo, x11 1x1 x1x 11xx; Voz de Lamego, 211 1x1 2x2 1x12; Diário de Lisboa, 211 111 xxx x2x1; O Diário, x11 1x1 11x 21x1; Clube da Manhã, 211 111 x2x 11xx; Jornal de Sintra, 211 1x1 xx1 1221; Notícias de Évora, 211 1x1 x11 1xx1; Penalty, 211 111 122 1211; RR/Desporto, 211 1x1 1xx 1x11; Bola Branca, 211 111 x11 xx11; RR/Diário do Desporto, 211 111 x11 1111; Rádio Totobola, x11 111 x1x 12xx; O Jornal da Lixa, 211 1x1 x1x 11x1; O Algarve, x11 1x1 121 1112; Guia do Apostador, 211 111 11x 11x1; A Ordem, x11 111 112 112x; O Jogo, 211 1x1 xxx x2xx; Dribling, 211 121 xxx 12xx; A Voz das Beiras, 211 1x1 111 1111; Jornal de Santo Tirso, 111 121 1x1 1111; Notícias do Douro, 211 12x xxx 11x1; A Arte de Bem Madrugar, 21x 1x1 1x1 x2x1; O Comércio de Leixões, 21x 1x1 111 1xx1; De Tudo um Pouco, x11 1x1 x11 1x11; Jornal de Gaia, x11 1x1 2x2 12xx; Jornal da Graça, 21x 111 11x 1x2x; Jornal de Notícias, x11 1x1 xx1 11x1; O Primeiro de Janeiro, x11 1x1 1x1 1x11; Quadrante Norte, 21x 1x1 xx1 x2xx; Repórter do Dia, 211 1x1 x2x 1x21; Resenha Desportiva, 1x1 1x1 212 1221; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111; Rádio Alvo, x1x 1xx 1xx 11xx; Alvo, 2x1 1x1 2xx 1xx1; Alvo Suplementar, 111 121 121 x1x1; A Voz dos Ridículos, x11 111 111 1121; Página Desportiva, 21x 12x xx2 xx2x.

assim vai o totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42/85 20. Outubro. 85

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(*)
1. Portimonense-Sporting	6	23	50	1	3	8	
2. Guimarães-Chaves	73	6	0	11	1	1	
3. Covilhã-Penafiel	66	13	0	10	2	1	
4. Setúbal-Aves	78	1	0	11	1	1	
5. Marítimo-Braga	25	45	9	4	7	1	
6. Boavista-Belenenses	71	8	0	11	1	1	
7. Gil Vicente-Leixões	33	40	6	5	6	1	
8. Vizela-Varzim	39	34	6	6	5	1	
9. Tirsense-Fafe	38	31	10	6	5	1	
10. Beira-Mar-Elvas	63	14	0	10	2	1	
11. U. Leiria-Águeda	32	27	20	5	4	3	
12. Olhanense-Farense	26	40	13	4	6	2	
13. E. Amadora-Montijo	47	25	7	7	4	1	

(*) – Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
211 1X1 X11 11X1

CRÓNICA DE TOUROS

A memória do tempo e o cavaleiro andaluz

Soliloquio

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 19 de Setembro de 1985. Corrida da Imprensa. Touros de João Dias Coutinho para Álvaro Domecq Romero, que se despedia de Lisboa, João Moura, Paulo Caetano e forcados amadores Lusitanos e de Alcochete.

Campo Pequeno. 1985. 19 de Setembro. Uma noite para a memória do tempo. Para a memória dos que estávamos na praça. Mas principalmente para a memória de um cavaleiro andaluz. De Álvaro Domecq Romero, que assim em beleza se despedia de Lisboa. Da capital do toureio marialva. Dos marialvas que ele sempre afrontou com essa garra própria, sua e toureira.

Uma noite para a memória do tempo. A memória, escreveu Bergamin, é alma. E o tempo, como disse Santo Agostinho, é o estender da alma. Longa será, a memória do tempo toureiro, da alma toureira, de Alvaro Domecq. Vinte e cinco anos toureando a cavalo por todas as arenas do planeta, da grandeza imensa do México à pequenez castiça da Palha Blanco vila-franquense; lembro aquela tarde de triunfo, em que deixou encantado o senhor Goes, pela lide e porque na volta à arena, no devolver das prendas, não as atirava, subia ao estribo, debruçava-se para a barreira, em mão as entregava, um cavalheiro.

Vinte e cinco anos toureando a cavalo. Com altos e baixos, decerto. Os mais altos, por serem os mais verdadeiros, no período em que arrostou com o luzido comodismo do moderno rejoneio, e se pôs a seguir as pisadas de Cañero, touros são para ser lidados íntegros, a pé ou a cavalo: e em pontas os exigiu para si. Os mais baixos, quando aqui e ali se deixava andar, no ofício do espectáculo parecia apagada aquela raça sua, de quem não aceita perder nem a feijões. Mas sempre presente o sentido da lide. E com o sabor toureiro que não se aprende, nasce.

Chegou jovem ao Campo Pequeno, à Lisboa que ainda guardava vivas as lembranças de seu pai, Don Álvaro, e da sua «Esplêndida», rainha entre as éguas, parecia ter alma. Enfrentou com dignidade, como seu pai já fizera (e era tempo do senhor João Núncio), os escribas puritanos, os conservadores que ficaram da última corrida que não houve em Salvaterra; para quem tourear a cavalo é só coisa de marialvas, os espanhóis o que fazem é compinar. Pois sim.

Alvarito aguentou, não só a guerra dos escribas e dos seus leitores convictos, mas também a principal, a das arenas: seu ofício era tourear, e combatendo nada menos que esse guerreiro único que era o Baptista. E Lisboa rendeu-se ao jovem cavaleiro que vinha de Jerez, vestido de curto, chapéu de aba larga, punha a gente simples do sol a perguntar: «Mas por que é que aquele não trás farda?» Perguntavam, mas viam como dela não precisava. Recordo aquele primeiro de Outubro do ano 64, com o «Universo», o cavalo beleza das ondulantes crinas brancas. Se aquilo era campinar, o toureio é uma batata. As ovações ouviram-se em Jerez, naquele dia em que, em Lisboa, o salero andaluz era armado cavaleiro.

E agora, vinte anos depois, com mais de um milhar de corridas toureadas, Álvaro Domecq estava ali, na arena do Campo Pequeno, a despedir-se de Lisboa. Capital do toureio a cavalo? Reduto inexpugnável de tantas ideias feitas? Pois vão ver como a cidade se reconquista. E reconquistada foi. Com a fortuna, é certo, de lhe tocarem, do curro cumpridor de Dias Coutinho, dois touros suaves no andamento e na reunião. Com a fortuna, também, daquele público que o acolhia com o sentimento de uma antecipada saudade. Mas, para Domecq, a fortuna maior da noite era a sua arrebatada inspiração.

E com essa inspiração construiu o triunfo grande. No primeiro touro foram os recortes alegres da brega, os compridos postos no espaço de uma moeda, um sesgo rematado por dentro, pois então, e dois pares entrando de frente, e o adorno do ferro de palmo, e a volta à arena, pausada, saboreada, a praça rendida. Depois, no quarto da noite, seu último touro lisboeta, aí estava Álvaro, outra vez como se fosse ainda Alvarito, a pôr o público em alvoroço, na euforia acompanhava com palmas a música, e rebentava em ovações, maiores quando chegou o «Opus», o cavalinho português de Domeq, e com seu bailado enfeitava os cites, e para o touro partia com seu temperamento vibrante; a chave de ouro foi aquele par, empolgante logo no ir à cara do inimigo, depois no cravar reunido e certeiro, no donairoso sair, no garbo do desplante.

À porta dos cavaleiros se apeou Domecq do «Opus», a pé recolheu a ovação clamorosa da praça cheia, que toda se erguia dos assentos, parecia rebentar, da emoção do que ali estava acontecendo, e de tanta coisa que lembrava, e daquilo que raros ali evocavam em hora de alegria: que aquela mão que Domecq levantava agradecida, fora a primeira a chegar, em certa tarde de Barcelona, e se empapou do sangue de José Falcão, querendo conter a vida do bravo português, que pela cornada de «Cuchareto» se escapava. Também os forcados se não lembravam disso, quando aos ombros levantaram Domecq, e depois seus companheiros marialvas. Nessa altura já o de Jerez dera, andando por seu passo toureiro, duas voltas triunfais, e ao meio da arena saíra, com o coração metido num punho, e os olhos inundados de lágrimas, que eram tanto da tristeza da despedida como da orgulhosa alegria de tamanha conquista. Marialva honorário? Não senhor: cavaleiro andaluz, toureiro de Jerez.

Houve, nesta corrida da Imprensa, transformada em noite de Domecq, outras coisas. Moura, fenómeno de atracção mesmo na mó de baixo, esteve desigual no segundo, que brindou ao retirante, para crescer no quinto, cuja lide brindou à mulher do dito, acabando em grande, trocadas as cambiadas pelo sesgo que o touro acobardado pedia, vibrante foi o último ferro, a merecer a volta, de que fez compartilhar Domecq: assinada estava, da guerra das esporas, a paz. E Paulo Caetano, correcto no terceiro, teve no que fechou praça uma actuação excelente, a confirmar que não está por acaso na primeira fila. E não falharam as filas dos forcados, os Lusitanos e os de Alcochete. E não falhou a Casa da Imprensa: é obra, em tempo assim de vacas magras encher a praça de gente, e vê-la sair assim feliz, desde os grã-finos à malta do frango assado, todos lembrando o cavaleiro andaluz que partia.

Domecq partia, e era como se tivese chegado. Como se as lágrimas fossem só de um ardor nos olhos, do fumo que as palmas tinham feito, de serem assim tantas e calorosas. Como se não tivesse havido aquele adeus, que na noite se não perdia, ficava na memória do tempo, na alma do cavaleiro andaluz.

Cinema húngaro para si, leitor

Filme de Kováks na sessão de amanhã

Prosseguindo o Ciclo de Cinema Húngaro, organizado pelo ABC-Cineclube de Lisboa **em colaboração com o** DL, **apresentamos amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444, o filme** Os dias frios **de András Kovács, inédito comercialmente entre nós e obra de proa no renascimento da cinematografia magiar na década de 60. Como é hábito, os leitores do** DL **têm acesso à sessão em condições especialmente favoráveis.**

De todos os nomes desconhecidos do grande público, no que ao cinema húngaro respeita, o de András Kovács é, talvez, a mais injusta omissão.

Se Jancso se constituiu em celebridade, no decorrer dos anos 60, assumindo o destaque emblemático de uma cinematografia que o excedia, o papel de Kovács no seio desse movimento é menos protagonista mas tão essencial quanto o de Jancso.

O relevo de András Kovács é prévio à sua entrada no território da realização, parte da duríssima primeira metade dos anos 50, quando crítico reputado e director do departamento de argumento nos estúdios de Budapeste, foi o primeiro a erguer frontalmente a voz para denunciar (num célebre artigo, publicado em 1956, na revista «Szabad Nep») a esclerose e a rigidez do cinema do seu país, ousando defrontar a ortodoxia política e concluindo que «até hoje só se pôde iludir problemas e dizer meias verdades».

Quando em 1960 — já com 35 anos — Kovács enveredou pela realização, de pronto se fez notar, não tanto por uma evidência estilística mas por uma aguda atenção ética: não fechar os olhos, não esconder as chagas, não virar a cara às duas realidades, da memória como do presente.

De algum modo, András Kovács constituiu-se em garante de uma viva reflexão sobre a realidade húngara, do passado político, do presente social, da individualidade de cada cidadão; recusar a irresponsabilidade individual, afrontar as vergonhas recalcadas, expurgar o território de coisas não-ditas, tal vem sendo a difícil via deste realizador arguto, culto, ponderado, que sabe afirmar e aludir, construir sagazes parábolas como ecnontrar, numa imagem, o choque do real.

O filme que lhe propomos veja amanhã, **Os dias frios,** foi a obra que projectou o nome de Kovács para lá das fronteiras da sua Hungria natal, tendo vencido o Festival de Karlovy - Vary de 1966. Narra a história de um massacre de sérvios, em 1942, quando os húngaros eram aliados dos nazis. Ou, melhor: narra o exame de consciência de quatro participantes nesse massacre, em 1946, na prisão.

O que interessa a Kovács é, muito visivelmente, mostrar a vergonha e a ignomínia e, depois, encará-la — para que nenhuma ferida moral, nem a do colaboracionismo com os nazis, fique a infectar o tecido social húngaro.

Filme, a vários títulos, notável, **Os dias frios** é mais uma pequena amostra de uma cinematografia a que é devida cuidada atenção. A iniciativa do **ABC-Cineclube de Lisboa,** em colaboração connosco, é apenas isso que pretende — mostrar que há mais cinema que a ampla dominação americana.

Para que os nossos leitores tenham acesso à sessão de amanhã, às 18.45h, no Estúdio 444, basta recortarem o cupão que publicamos (hoje e amanhã) e seguir as instruções nele expressas.

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Estúdio 444
Dia 11
18.45 h

"OS DIAS FRIOS"

de ANDRÁS KOVÁCS

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

"Je vous salue Marie" indigna mulheres do CDS

As mulheres centristas manifestaram «indignação» pela estreia do filme «Je vous Salue Marie» com a classificação de «para todos».

O Secretariado Nacional das Mulheres Centristas Democratas Cristãs exige em comunicado que a exibição do filme de Godard seja suspensa imediatamente e aguarda que «os novos governantes não mais permitam agressões como esta».

As mulheres centristas consideram ainda grave que organismos oficiais como a Direcção-Geral de Espectáculos tenham «dado o seu apoio a iniciativas inqualificáveis como esta».

I.P.U.

INSTITUTO DE PREPARAÇÃO PARA A UNIVERSIDADE

CURSO COMPLEMENTAR NOCTURNO

(Regime intensivo)

- Os melhores professores
- Acesso à Universidade

AINDA HÁ VAGAS – INSCREVE-TE JÁ!

Rua Victor Cordon, 41-47

Telefs. 373771/2 - 371722 - 368837

PASTELARIA VERSAILLES

COMUNICADO

Comunicamos aos estimados clientes e público em geral de que, após obras de remodelação e restauro, reabrimos ao público no próximo sábado dia 19.

Informamos ainda, que para além do serviço tradicional de pastelaria e sala de chá funcionaremos também com restaurante.

A Gerência

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h.

Alfa 2
"DUNE"
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 3
HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(para maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

Alfa Club
T. 763319

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
"007 – ALVO EM MOVIMENTO"
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Amoreiras 2
"HISTÓRIA INTERMINÁVEL"
(maiores 6 anos)
13.30, 16.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45h

Amoreiras 3
"UM HOMEM APAIXONADO"
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Apolo 70
A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Avila
— T. 539930

HERÓIS E AMANTES
(para maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45h

Avis
— T. 547163

MALÍCIA DE VÉNUS
(n. acons. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Berna
— T. 776098

"DUNE"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30h

Caleidoscopio
— T. 795093

HERBIE
(para maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Capitolio
— T. 372358

A CABANA DAS GATINHAS
(para maiores 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23h

Uma cena do filme «AMAR NÃO MATA», realizado por VILGOT SJÖMAN.
Uma comédia sueca como nunca se viu.
Em exibição no Estúdio 444.

Castil
T. 530194

MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Cinebloco
— T. 556824

"O MUNDO A SEUS PÉS"
(não acons. men. 13 anos)
(Homenagem a Orson Welles)
14.30, 16.45, 19 e 21.30h
"AMANHECER VIOLENTA"
(maiores 16 anos) 24h

Cine Camões
T. 324194

«OS DISCÍPULOS DE SHAOLIN»
(n/ acons. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Cinemateca
«OS PRIMOS DA AMÉRICA/1985»
18.30h
O CORVO/1962
21.30h

Cine 222
— T. 579460

A MULHER DO ÍDOLO
(maiores 12 anos
14, 16.30, 19, 21.30h
«ESMERALDAS SANGRENTAS»
(não acons. men. 18 anos)
24h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
"OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO"
(para maiores 12 anos)
16.00 e 21.45h

Estúdio Sheza
«EMANUELLE»
(int. 18 anos)
15.30 e 21.30h

City Cine
— T. 549999

A PRIMEIRA MISSÃO
(maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30h
A VIDA DE RYAN
(n/ acons. 13 anos)
23.45h

Condes
— T. 322523

OS GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Eden
— T. 320768

A FÚRIA DO HERÓI
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Estudio
— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Estudio ACS
— T. 887255

A BALADA DE NARAYAMA
(para maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Estúdio 444
— T. 768078

AMAR NÃO MATA
(int. men. 18 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 24h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Sala 2
DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45h

Sala 3
FUGA DO INFERNO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 18.45 e 21.15h

Gemini
— T. 734009

JAMES BOND 007
"ALVO EM MOVIMENTO"
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
OS GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24h

Sala 2
DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Império
— T. 555134

DR. JIVAGO
(para maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.30h
(O filme começa no início das sessões)

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30h

Sala 2
DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45h

Londres
— T. 801313

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24h

Mundial
— T. 538743

ANGEL
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Nimas
— T. 574362

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Odeon
— T. 326283

MISSÃO FINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30h

Olimpia
T. 325309

SEXO À CHINESA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe
— 821933

ASSIM NASCE UM HERÓI
(maiores 12 anos)
14, 16.30 e 21.30h
«UMA VIÚVA A CONSOLAR»
(maiores 16 anos) 24h

Politeama
T. 326305

OS SELVAGENS DA ESTRADA 66
(maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
OS FAVORITOS DA LUA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15h
ESTADO DE GUERRA
(maiores 18 anos)
23.30h

Sala 2
PARA ALÉM DAS MURALHAS
(para maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15h
O EXTERMINADOR
(maiores 18 anos)
23.30h

Sala 3
AMANTES — LOVE STREAMS
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 e 23.30h

Sala 4
MAD MAX III — PARA ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h

NÓGOA
JE VOUS SALUE MARIE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45h

Restelo
T. 610375

O MAIS DURO DO TEXAS
(int. 13 anos)
15.30 e 21.30h

Roma
T. 889192

ANGEL
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Roxy
T. 548560

OS COMANDOS DE SUA MAJESTADE
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
007 — ALVO EM MOVIMENTO
(para maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2
A ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(para maiores 6 anos)
15, 17, 19 e 21.45h

Sala 3
A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

7.ª Arte
— T. 730715

CUSTOU MAS VALEU
(maiores de 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45

Star
— T. 804210

UM HOMEM APAIXONADO
(para maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30h

Terminal
— T. 371573

MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(para maiores 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30h

Tivoli
— T. 570595

HISTÓRIA INTERMINÁVEL
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30h

Turim
T. 706666

O CAMINHO DO SUCESSO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45h

Vox
T. 880808

MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO
(maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30h

Xenon
T. 368480

NOVA IORQUE 2 HORAS DA MANHÃ
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Zodiaco
— T. 570151

O IMPÉRIO DO DESEJO
(int. men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30h

Linha de Sintra
AMADORA — Cinestúdio — "Uma Cama para Três", às 15.30 e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro Lido — "O Clube", às 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Cine Plaza — "Angel", às 15.30 e 21.30 (maiores 16 anos)
AMADORA — Babilónia — "Os Eleitos", às 14.15, 17.45 e 21.15 (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — "Motos diabólicas", às 15 e 21.30 (não acons. men 18 anos).
MEM MARTINS — Cine Chaby — Descanso
CARLOS MANUEL — «Krull», às 21.30 (maiores 6 anos)

Linha de Cascais
CASINO ESTORIL — "A Testemunha", às 17.00 e 21.15 (maiores 12 anos)
SPORT ALGÉS E DAFUNDO — «Meus Problemas com as Mulheres», às 21.30 (maiores 12 anos)
CINE IMPALA — «Revolta no Pacífico», às 16 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda
ALMADA — Academia — "Como nos velhos tempos", às 15.00 e 21.30 (n/ acons. 13 anos)
ALMADA — Incrível — «Odisseia Submarina 96», às 15.30, 21.30 h (interdito 13 anos)

Porto
ÁGUIA DE OURO — "A Fúria do Heroi", às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores 16 anos)
BATALHA — "Mad Max — Alem da cupula do trovão", às 14.30, 16.30 e 21.45 (maiores 12 anos)
CHARLOT — "Missão Hong-Kong", às 15.15, 18 e 21.30 (m. 12 anos)
COLISEU — "007 — Alvo em Movimento", às 16.40, 18 e 21.30 (maiores 12 anos)
FOCO — "História Interminavel", às 14, 16.30 e 21.45 (maiores 6 anos)
JÚLIO DINIZ — "A Pensão do Amor Livre", as 15.30 e 21.30 (int. 18 anos)
LUMIÈRE — Sala A — "Jerry, tu es louco", às 15, 17.45 e 21.30 (maiores 16 anos)
NUN'ÁLVARES — "007 – Alvo em Movimento", as 15.30 e 21.45 (maiores 12 anos)
OLÍMPIA — "Vivendo e Amando", as 14.30 (maiores 18 anos)
PASSOS MANUEL — "História Interminavel", às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores 6 anos)
PEDRO CEM — "Os Deuses Devem Estar Loucos", às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. 13 anos)
RIVOLI — "Missão Hong-Kong" – as 15, 18.15 e 21.30 (maiores 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BRANDOA -AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA; Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALFAMA: Costa, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE: Brasil**, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **ENCOSTA DO RESTELO -ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **SANTOS: Marcos Nascimento**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T.2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mira**, P. Jorge Af. (T. 20427). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146 (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE; Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777); **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **Cavaca**, R. José Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Instituto Franco-português

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 45 74

De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.30.

«EMBALAGEM PERDIDA», de Vera Feyder. Encenação: Ricardo Marquez. Cenografia: Mário Jorge Bonito.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00

«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Cascais Espaço TEC

Av. Marechal Carmona, 6-B Tel. 2867933

De terça a sábado às 21.45
domingos às 17.00

«DUAS ANEDOTAS PROVINCIANAS», de ALEXANDER VALENTINO PONAS. Tradução de Helena Ramos e Artur Ramos. Encenação de Artur Ramos.

Centro de Arte Moderna

Sala Polivalente
R. Nicolau Bettencourt
(Tel. 73 01 830) «De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00h)
Pilades, de Pier Paolo Pasolini. Encenação de Mário Feliciano, música: Constança Capdeville. Cenografia: Carlos Amado. Figurinos: Rosa Ramos.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18
Às quintas, sextas e sábados, às 22.00.

«COZIDO À PORTUGUESA», de Fernando Gomes. Interpretação de Cândida Vieira, Fernando Gomes e Teresa Madruga.

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«AMADIS», de Abel Neves. Encenação: João Mota.

Casa da Comédia

Rua S. Francisco de Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45
domingos, às 18.00

«SAVANNAH BAY», de Marguerite Duras. Encenação e cenografia: Filipe La Féria. Interpretação: Glicínia Quartin e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 875626

De terça a sábado, às 22, sábados e Domingos, às 17.00

O Grupo Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fill

— **«A NOITE E O MOMENTO»**. Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando, e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paulo Bicho.

Cenogradia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos às 16.00

«O CANTEIRO VEADOSO»

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 58 — Tel. 89 70 17
De quarta a sábado, às 21.45; aos sábados e domingos, às 16.00 horas)

Um Homem é um Homem — Damião de Góis. Texto e encenação: Hélder Costa. Cenografia: João Brites. Figurinos: Maria do Céu Guerra. Música: António Vitorino d'Almeida. Interpretação: António Gomes, Cármen Santos, João Azevedo, João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Carretas, José Gomes, Paulo Sousa, Teresa Faria e Vítor Carvalho.

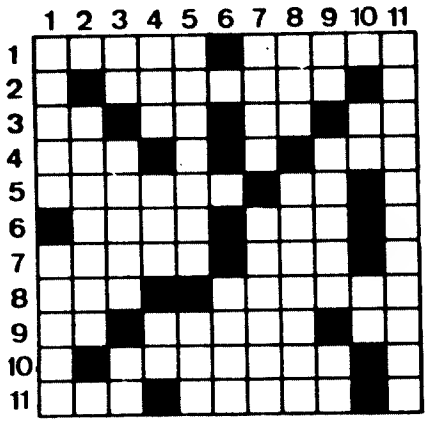
Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86
Todos os dias , às 21.30; domingos às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolay Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 559



HORIZONTAIS:

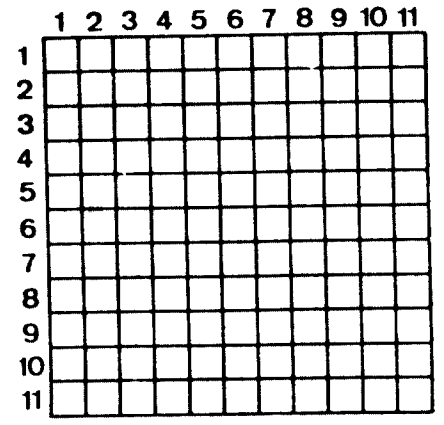
1 Chouriço de sangue. Escritor espanhol, cronista dos Reis Católidos.
2 Artigo definido. Esfomeado.
3 Cálcio (s.q). Apelido. Preposição e artigo. Post scriptum.
4 Fedor. Recusa.
5 Abjuro. Plutónio (s.q).
6 Romance de Emílio Zola. Familiar.
7 Apelido. Pega.
8 Agora. Devasta.
9 Rádio (s.q). Retruca. Cidade da antiga Caldeia.
10 Graça.
11 Nome de letra. Doce do Oriente semelhante ao manjar-branco.

VERTICAIS:

1 Tomar moça. Falece.
2 Provocara.
3 Pequena ilha francesa fortificada do Atlântico. Cobre de nata. Preposição.
4 Chefe etíope. Cidade da Turquia da Europa no delta do rio Mariza. Cobalto (s.q).
5 Sofres (fig). Nome de mulher.
6 Anual.
7 Nome científico do pato. Tédio.
8 Sufixo que designa pequenez. Entregara.
9 O sono das crianças. Freguesia do concelho de Vila Nova de Foz Coa. Pertences.
10 Utensílio doméstico. Lutécio (s.q).
11 Aterraras.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 399



HORIZONTAIS:

1 Porto e cidade de França. Venero.
2 Conciliar. Língua vernácula indiana.
3 Grande quantidade. Aparência. Tempo do verbo ir.
4 Ópera de Verdi. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
5 Trapos.
6 Indignar. Serra de Portugal.
7 Equipais. Aves pernaltas.
8 Esquadra.
9 Acrescentei. Sufixo que designa abundância. Zombar.
10 Roubo (pop). Descarnada.
11 Lavrar. Um dos Estados do Brasil.

VERTICAIS:

1 Espécie de palmeira, que fornece fibras muito sólidas. Fedor.
2 Para Barlavento. Desviar de um lugar.
3 Voltaram. Cólera.
4 Batráquio. Apre! Doutor.
5 Freguesia do concelho da Covilhã. O sono das crianças.
6 Bebedeiras (prov).
7 Preposição e artigo. Ósmio (s.q). Cidade de Itália.
8 Educassem. Clima.
9 Serra de Portugal. Brisa.
10 Mamífero carnívoro da América do Sul. Acrescentar.
11 Preposição e artigo. Guarnecerás de asas.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N.º **14 558**

HORIZONTAIS:

1 Marrã. Amara.
2 Adia. Amor.
3 NÃO. Mar. Ace.
4 Cales. HÁ.
5 Somaras. Bar.
6 Asa.
7 Marrafa.
8 At. Urros.
9 Russos. Afãs.
10 Caen. ROCA.
11 Armar. Rosas.

VERTICAIS:

1 Manas. Marca.
2 Ada. Atuar.
3 Rio. Mar. SEM.
4 Rã. Ca. Rosna.
5 Maria.
6 Cala. FUSO.
7 Restar.
8 Má. Raro.
9 Ama. Balofos.
10 Rochas. Saca.
11 Arearas. Sãs.

Provérbio: NÃO HÁ ROCA SEM FUSO.

SOLUÇAO DO PROBLEMA

N **14 398**

HORIZONTAIS:

1 Ba. Abre. Uma.
2 Ama. Airó. As.
3 Giraram. Ena!
4 Aa. Sr.
5 Doaras. Aí.
6 Será. Sa.
7 Pás. Ga.
8 Simularias.
9 AC. Morar. Ar.
10 Bateras. Ari.
11 Ares. Eras.

VERTICAIS:

1 Bagodá. Sabá.
2 Ami. Picar.
3 Arearam. Te.
4 Sumes.
5 Barras. Roi.
6 Ria. Segaras.
7 Erma. Raras.
8 Aba. Ir.
9 Aa. Ar.
10 Mansas. Sara.
11 Asariam. Ris.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: A viver também se aprende; **23.00**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: «Y Entonces Comprendio», para 6 vozes femininas coro e banda magnética, de Luigi Nono; **16.33**: Sonata 11, de António da Silva Leite; **16.45**: Trechos de óperas; **17.00**: Quarteto, eh si bemol maior, op. 1i n.ºQ «, DE Hayen; **17.17**: Sinfonia, n.º 1, em mi menor, op. 39, de Sibelius; **18.00**: «Oito Prelúdios», do 1.º caderno, de Debussy; **18.40**: Música vocal; **19.30**: Música; **20.00**: Quarteto, em mi bemol maior, K. 493, de Mozart; **20.40**: Poema sinfónico, «Poema do Extase», op. 54, de Alexander Scribian; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Sinfonia, n.º 7, de Mahler; **23.20**: «Concerto Brandeburguês», n.º1, em fá maior, BWV 1046, de J. S. Bach; **23.45**: Peças, de Rameau; **00.05**: Variações, sobre um tema de Haydn.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Som de retorno; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **23.00**: Vigésima quarta hora; **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé-de-vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

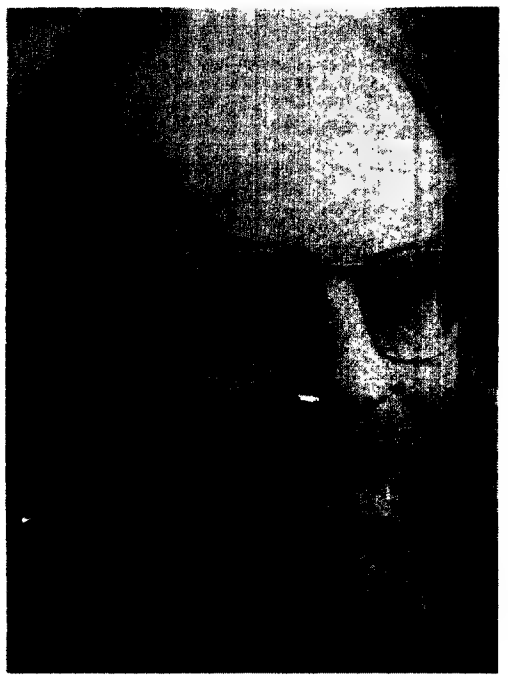
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Som de uma noite de Verão; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entrecampos; **19.30**: Transmissão do teeço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO



No «Da... Música» de hoje, o último concerto de Ton Koopman gravado na Aula Magna

«Marco Polo» no Tempo dos Mais Novos

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das sérios «As Aventuras de Marco Polo» o «Calimero».

18.35 — Notícias

18.50 — Desporto

«Golo»

19.15 — A Mulher no Mundo

«Nigéria» (9.º episódio): Desta vez é a mulher nigeriana o motivo de abordagem nesta série, que se tem dedicado à situação da mulher no mundo, ao nível dos mais diferentes países. A Nigéria é o país mais densamente povoado de África, sendo a agricultura a principal activieade dos seus habitantes. Os grupos étnicos contam-se em mais de duas centenas e daí resulta que a situação da mulher nigeriana tenha de ser enquadrada num contexto social diversificado, marcado por profundos contrastes.

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Vamos Jogar no Totobola

20.45 — Louco Amor

Encorajado por Muriel, Edgar comunica a Renata que vai casar com Gisela. Renata e Muriel discutem o assunto em tom violento, enquanto Edgar se afasta incomodado com os gritos.

Renata pede a Filipe que a ajude a impedir o casamento do tio e acusa novamente Muriel de interferir na vida da família.

Claudia procura Filipe para o cumprimentar pelo livro e dizer-lhe que a obra a ajudou a descobrir um homem diferente.

Lipe perde a coragem de lhe dizer quem é o verdadeiro autor.

21.30 — Musicais Eleições/85

Programa recreativo gravado por ocasião das eleições legislativas.

23.05 — A Montanha Mágica

(4.º episódio): Hans Castorp vê-se cada vez mais envolvido pela atmosfera que se vive no sanatório e a sua ligação com Claudia Chachat é agora uma realidade. Mas, um dia Clawdia desaparece sem deixar qualquer rasto. Castorp está convencido que ela há-de voltar, pois essa é a ordem natural de quem deixa a «Montanha Mágica». Dois outros doentes tentam cativar Castorp para o seu grupo: Settembrini e Naptha. Só que Castorp fica um pouco baralhado com as suas personalidades, tão diferentes. Entretanto, Joachim Ziemssen, o primo de Hans, resolve ir-se embora do sanatório, sem ainda estar curado. Decorrido um ano ele acaba por voltar, mas agora são nulas as suas esperanças de vida. Realização: Hans W. Geissendorf.

23.55 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados

«O Recruta Bailey»

19.55 — Conheça Melhor

«A Áustria»

20.15 — Munch, Pintor da Angústia

(4.º episódio): Em destaque a vida e a obra de Edward Munch, pintor norueguês, natural de Loten, onde nasceu em 1863 e que é considerado como um dos pioneiros da arte moderna. Esta série de programas, que hoje termina, fala-nos da sua associação inicial com um grupo de artistas e autores contemporâneos. A sua pintura, a princípio, seria influenciada pelos impressionistas, mas em breve abandona esta tendência optando por um estilo que exprimisse a ansiedade do homem em relação à vida. A obra de Munch reflecte muito da angústia e das obsessões próprias do povo nórdico. Muitas vezes os quadros deste pintor causavam discussões acaloradas, pois Munch, de certo modo, estava bastante avançado para a época, o que provocaria grandes oposições.

21.10 — Da ... Música

«Concerto com Ton Koopman»: Último Concerto gravado na Aula Magna com Ton Koopman e a «Amsterdam Baroque Orchestra» comemorando o 20.º Aniversário do programa em órbitra, com o seguinte repertório: Concerto para 2 cravos BWV 1060 em Dó Menor, Concerto para 3 cravos BWV 1063 em Ré Menor.

Produtor: Isabel Ayres

Realizador: Luís Miranda

21.45 — Arquitectura do Século XVI

«O Manuelino»

22.40 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Documentário
19.30 — Poesia ao Vivo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.15 — Televisão — A Caixa que Mudou o Mundo
22.15 — Crime, Disse Ela
23.10 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Recordações
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13-B e R. de Macau, 8-1.º LISBOA

EMELO INFORMÁTICA
CLUBE VIDEO
VISITE-NOS!
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 – cave/dt.º
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodíaco: 54 99 04 – Tel. Melo: 52 56 69 – 1100 LISBOA
Demonstrações 3.as e 5.as das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP1 22.15 A Montanha Mágica
RTP2 20.30 Da... Música
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

«Louco Amor» na RTP-1

DL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.53	**4,30 m**	10.34	**0,80 m**
17.17	**4,10 m**	22.55	**1,00 m**

Dia 18

05.39	**4,10 m**		
18.07	**3,80 m**	23.24	**1,30 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	8º
VIANA DO CASTELO	10º
VILA REAL	10º
PORTO	11º
COIMBRA	12º
CABO CARVOEIRO	16º
CASTELO BRANCO	15º
PORTALEGRE	21º
LISBOA	15º
ÉVORA	16º
BEJA	15º
FARO	18º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	21º

Costa Brás anunciou "disponibilidade"

O tenente-coronel Costa Brás, alto-comissário contra a Corrupção, anunciou hoje de manhã a sua disponibilidade para se candidatar à Presidência da República. Costa Brás, que foi nomeado para o cargo que actualmente ocupa pelo Governo de Mário Soares e que é amigo íntimo do comandante Gomes Mota, animador da candidatura presidencial do Primeiro-Ministro, poderá ter tomado esta atitude depois de a discutir com o general Ramalho Eanes. Fontes contactadas pelo «DL» esta manhã afirmaram que foi o Presidente que impulsionou e incitou Costa Brás a anunciar a sua disponibilidade. No entanto não conseguimos confirmar esta informação.

Costa Brás escolheu como veículo de divulgação da sua intenção de se candidatar a agência estatal Anop, a quem revelou os seus propósitos em primeira mão.

Nas declarações prestadas àquela agência noticiosa, aquele militar assinalou que tem vindo a receber, nos últimos meses e da parte de numerosas personalidades «que muito prezo pela sua grande responsabilidade humana cívica e política», estímulos e manifestações de apoio «para que me candidate à Presidência da República».

As actuais circunstâncias» e a «própria natureza das candidaturas» levaram Costa Brás a anunciar agora a sua disponibilidade para apresentar a candidatura à Presidência da República.

Para além deste anúncio, o alto-comissário contra a Corrupção, desenhou também o perfil do que poderá ser o seu programa eleitoral, caso venha a candidatar-se.

Para já, Costa Brás entende que um candidato suprapartidário é necessário porque «as recentes eleições legislativas conduziram a uma significativa alteração do leque e do peso relativo das forças políticas e ter-se-á tornado ainda mais remota a possibilidade de obtenção, a curto prazo, de uma maioria absoluta por qualquer dos principais partidos».

Mas como se exige no futuro imediato uma maior continuidade da acção governativa e um clima de diálogo, torna-se imperioso um Presidente que possa exercer um papel de árbitro e que a todos represente.

O Presidente da República deverá promover e viabilizar, através de acordos gerais ou específicos, soluções de empenhamento multipartidário e das diferentes forças sociais», disse Costa Brás à Anop.

Segundo este alto-comissário, «tal só poderá ser alcançado desde que o Presidente da República possua e mantenha uma posição suprapartidária e de clara independência face à totalidade das forças políticas».

«Aliás, apenas neste caso, acrescentou, estará o Presidente da República apto a ser o intérprete da unidade e da representação nacionais».

Quem é Costa Brás?

— O coronel Manuel da Costa Brás, que hoje disse à Anop estar disponível para se candidatar à Presidência da República, é alto comissário contra a Corrupção, nomeado por Mário Soares, desde Dezembro de 1983.

Nascido em Pombalinho, Santarém, em 1934, participou na preparação do 25 de Abril e na elaboração do programa do MFA e foi dos primeiros subscritores do «Documento dos Nove», no verão de 1975.

Foi ministro da Administração Interna no segundo e terceiro Governos provisórios (1974/1975) e no primeiro, segundo quinto governos constitucionais (1976/1977, 1979, 1980), neste último acumulando com as funções de ministro-adjunto do primeiro-ministro.

Embaixador itinerante em 1975, foi no ano seguinte o primeiro provedor da Justiça português.

Com três comissões de serviço em Angola e na Guiné, foi de 1979 a 1981 administrador da Hidroeléctrica de Cabora-Bassa, Moçambique.

Coronel de artilharia, prestou serviço na Escola Prática de Artilharia, Vendas Novas, e no Estado-Maior do Exército e está na reserva desde 1981.

Cavaco recebido por Soares

O Primeiro-Ministro Mário Soares recebeu esta manhã em São Bento o líder do PSD, Cacavo Silva.

/D/E/C/A/R/A/S/

RUI MACHETE, que acumula o cargo de vice-primeiro-ministro com o de ministro da Defesa encerrou ontem um colóquio sobre o tema «A Família e a Defesa Nacional», promovido pela Associação dos Auditores de Cursos de Defesa Nacional. Quando a Pátria está ameaçada, os problemas de Defesa são da responsabilidade de todos os cidadãos e não só das Forças Armadas, disse o ministro que enalteceu também a iniciativa e capacidade dos promotores.

MOTA AMARAL, presidente do Governo Regional dos Açores foi eleito na terça-feira, em Estrasburgo, vice-presidente da Conferência dos Poderes Locais e Regionais da Europa. Membro daquela conferência desde 1976, o dirigente social-democrata dos Açores é o primeiro português a ocupar o cargo de vice-presidente, num aerópago que junta autarcas e líderes regionais dos 21 países membros do Conselho da Europa.

MÁRIO SOARES, recebeu ontem em S. Bento, os presidentes e secretários-gerais dos Conselhos Económicos e Sociais dos Estados membros das Comunidades Europeias. Estes funcionários encontram-se de visita a Lisboa e deslocaram-se à residência oficial do Primeiro-Ministro para apresentar cumprimentos na qualidade de membros do Comité Económico e Social das Comunidades Europeias.

SOUSA LEITÃO, almirante-chefe do Estado-Maior da Armada recebeu ontem no seu gabinete o vice-chefe do Estado-Maior da Armada dos Estados Unidos, vice-almirante Donald Jones. Este militar está em Lisboa à frente de uma delegação da Armada americana para conversações com a Marinha portuguesa.

MICHELANGELO ANTONIONI, realizador de cinema já acusado pelas autoridades chinesas de ser «servo de Mussolini e de Brejnev» vai estar em Lisboa nos finais deste ano para ser homenageado pela Cinemateca Nacional no âmbito de uma retrospectiva total da sua obra. «A Aventura», «A Noite», e «O Eclipse» serão exibidos na sala da Barata Salgueiro, juntamente com a película «Chung Kuo», sobre a China de Mao, que esteve na origem da fúria dos dirigentes da Revolução Cultural.

JACQUES DELORS, presidente da Comissão Europeia chega hoje a Madrid para participar no Congresso sobre «O Espaço Cultural Europeu», que reunirá na capital espanhola uma centena de intelectuais europeus. Durante a sua estada em Madrid, Delors vai-se avistar com o presidente do governo Gonzalez, que propavelmente lhe confirmará que o primeiro-comissário espanhol será o responsável pelas negociações, Manuel Marin e o segundo nome indicado por consenso entre o governo e a oposição.

Nobel da literatura para Claude Simon

A Academia Real sueca atribuiu ao fim da manhã de hoje o Prémio Nobel da Literatura ao escritor francês, Claude Simon, 72 anos, um pioneiro do «Nouveau Roman», nos anos 50.

O professor Lars Gyllensten, secretário-geral da instituição, declarou que o Nobel foi atribuído a Simon porque «põe nos seus romances a veia criadora de um poeta e de um pintor, associada a uma consciência profunda do tempo e a descrição da condição humana».

A concessão do Nobel de Literatura motivou em muitas ocasiões críticas e polémicas, pois considerou-se que, por vezes, foi atribuído por oportunismo, ou razões políticas e outros interesses, ou nem sequer foi outorgado a quem o merecia.

Deste modo, não o receberam os escritores Jorge Luís Borges (argentino), James Joyce (britânico), Marcel Proust (francês), Franz Kafka (checoslovaco) e Bertold Brecht (alemão).

Os países que mais vezes receberam este galardão foram a França, 11, os Estados Unidos e Grã-Bretanha, 8, Alemanha, 7 Suécia, 6, Itália, 5, Espanha, 4, Noruega, Polónia e União Soviética, 3, Chile, Grécia, Dinamarca e Holanda duas vezes.

O Nobel da Literatura de 1984 foi outorgado ao poeta e jornalista checoslovaco Jaroslav Seifert, pela sua «poesia de sensualidade ardente e grande riqueza inventiva».

O Nobel da Literatura foi atribuído 77 vezes, tendo sido outorgado a 75 homens e seis mulheres e em quatro ocasiões foi compartilhado por duas pessoas.

Nobel da Química

Ontem o Prémio Nobel da Química, foi atribuído a dois norte-americanos, cujos trabalhos serão de grande importância no fabrico de medicamentos, segundo os académicos.

O Prémio, no valor equivalente a 224 mil dólares, foi concedido aos professores Herbert A. Hauptman, e Jerome Karle.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 225 • 17 de Outubro de 1985

Sobre "A Esfera dos Dias" de Pedro Alvim

Um rigor quase algébrico

Mário Avelar (*)

TALVEZ que um dos motivos de sedução exercida por estes textos resulte do modo como o autor articula uma forma determinada, o soneto, com uma discursividade tão próxima do quotidiano. Embora tomando como ponto de partida a divisão estrófica típica do soneto, Pedro Alvim joga na economia discursiva, manipulando assim simultaneamente a contensão e a ilusão da ausência formal. No entanto esse rigor inicial estende-se à estruturação do livro e também ao olhar que em cada poema desvenda o real.

Três momentos compõem **A Esfera dos Dias**: «Sol» «Sol Posto» e «Lua». O ciclo indiciado no título será explicitado em subtítulos que se instituem enquanto partes de um percurso do olhar filtrado pela luminosidade subjacente ao próprio decorrer desse ciclo. Não se trata todavia de um olhar que se repete, antes de um olhar que se transfigura ante a metamorfose e a singularidade do espaço, nele apreendendo especificidade e diferença. «Sol» e «Lua», poemas homónimos das peimeira e terceira parte, reflectem de uma forma evidente este aspecto. Observe-se o primeiro:

Sete homens foram presos
quando pela noite
os cabelos puxavam
a uma rapariga.

Algures na cidade
eles só buscavam
o dia sumido.
— «olha ali o sol»

— dissera um
na solidão do Metro. Era
uma cabeça loira

— e mal os raios tocaram acesos
ali se prenderam
e foram presos.

E, sem seguida, «Lua»;

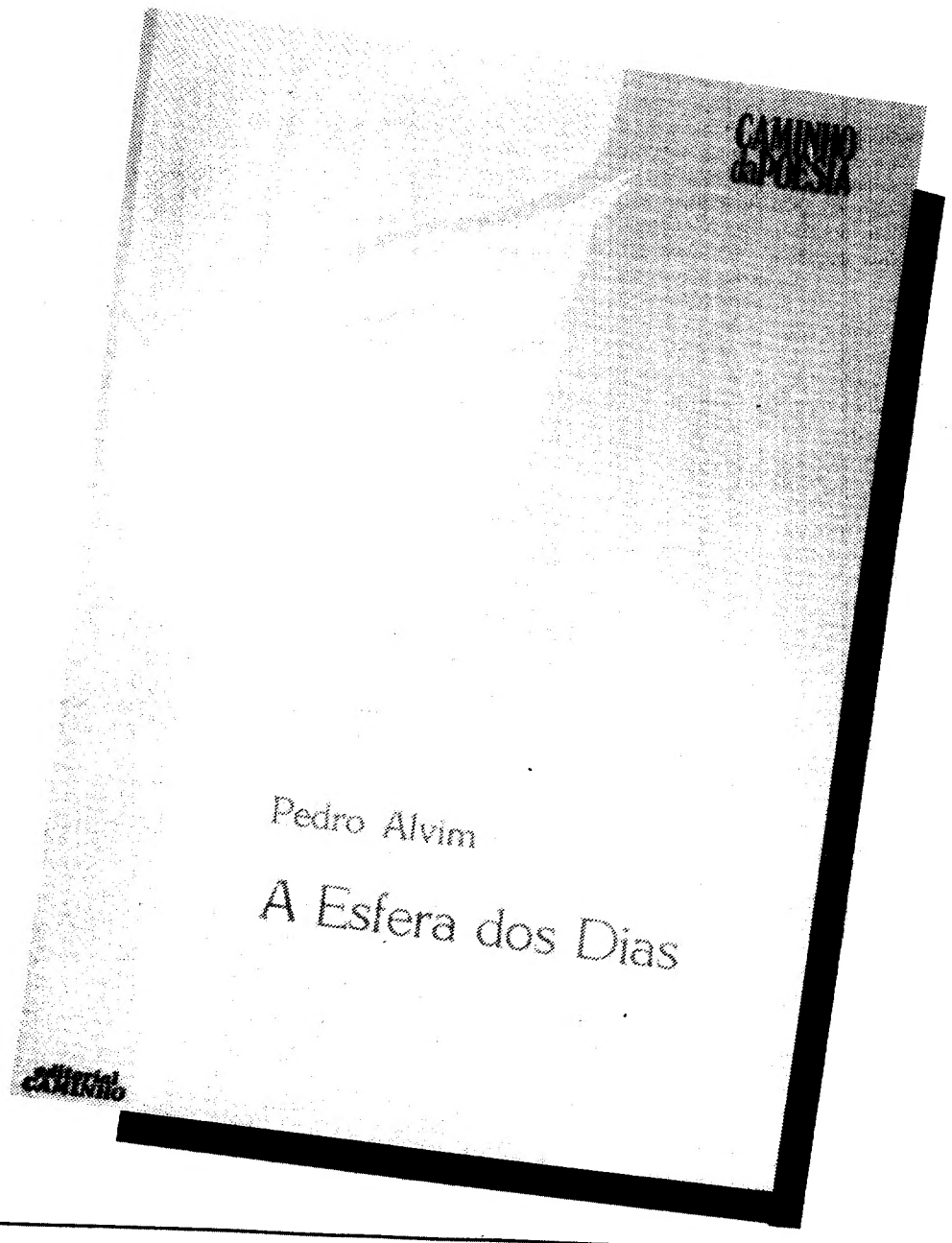
Sete homens são libertos
porque pelo dia
os cabelos soltaram
à longíngua avó.

Algures na cidade
eles só buscavam
a noite noitinha.
«Olha ali a lua»

dissera um
na solidão do Metro. Era
uma cabeça branca

— e mal os raios tocaram incertos
eis se libertaram
e são libertos.

A óbvia analogia de situação e construçã0 revela, contudo, duas atmosferas onde se desvenda a diferença. Mais do que uma dicotomia de euforia — disforia espelhando-se, estes poemas revelam a fugacidade de instantes em que se procura o prazer. Será no entanto em «Lua» que a liberdade se insinua como instância dominante: na procura da escuridão, do não-dizer, solta-se a memória e consequentemente o dizer.



Alguns títulos de poemas incluídos neste último momento como «Fomo», «Toque», «Infância», «Novelo», «Dúvida», apontam para esse dizer reflectivamente encontrado na memória que a poesia, no silêncio, escreve. Embora o percurso traçado pelos textos apresente um certo divagar em tempos e em referentes diferenciados, o seu objectivo permanece distinto. É ele o do olhar penetrando a materialidade do quotidiano através de uma concisão e de um rigor quase algébricos.

Com efeito, torna-se evidente uma estruturação equilibrada pelo número, desde a organização global de **A Esfera dos Dias** ao pequeno universo de cada soneto. Em primeiro lugar, como já se referiu, a divisão tripartida do livro que não pretende recuperar pressupostos alquímicos que funcionaram como solo de significação de muita poesia do passado, antes referenciando um discurso escrito na materialidade do quotidiano que encontra no número o rigor necessário.

Em segundo lugar a divisão de textos pelas diferentes partes ecoará esse rigor: 12 em «Sol», 1 em «Sol Posto» e novamente 12 em «Lua». Dois espaços de luminosidade diferente são assim equitativamente observados. Mediando-os encontra-se «Sol Posto», instante de transição, poema de uma ausência que é ainda imagem de uma presença não distante na memória. Ainda a luz determinando o olhar sobre o real do compasso de espera:

Ai que luz
ora tão pouca
pelos caules
mastigados!

É a noite
branca e preta
demorada (...)

Em terceiro lugar o número encontrado no olhar singular que cada poema é. Embora mais comum na primeira parte, logicamente devido à atmosfera que preside à enunciação, aquela presença alongar-se-á à segunda se bem que de uma forma específica. Por um lado em «Sol» encontram-se referências em «Dia 1», «Sol» (sete homens) «Lua» (miliciosas, mil números», «Eléctrico» fracção) e em Bosque (mil lebres, mil coelhos). Por outro, em «Lua» encontram-se referências em «Infância» (três sabores... num só sabor), «Manhã» (coisas somando / uma a uma / e coisas subtraindo / / nada a +, nada a -) em «Lua» (sete homens) e em «Totalidade» (nunca mais / ao ar / quarenta / fósforos!)...

Todas estas presenças não deverão todavia ser encaradas como espartilho de um discurso que «matematicamente» domina o real. Pelo contrário elas associam-se à luminosidade própria de cada instante num olhar que pretende entender a singularidade de cada objecto ou momento a diferença que eles são:

(...) Avaros
são da terra

os fundos
maquinismos
e nunca os mortos
à superfície sobem. (...)

(*) (Da Faculdade de Letras de Lisboa, Literatura. Assistente)

Diário de Lisboa LER ESCREVER

José Trindade Santos

"Antes de Sócrates — introdução ao estudo da filosofia grega"

Ana Paula Portugal

TENTAR compreender a cultura grega é tarefa que se nos impõe reflectir, em primeiro lugar, os poemas homéricos. Porquê? Porque eles são os guardiões, por excelência, de uma memória colectiva em que os valores ético-políticos são as principais coordenadas do viver humano.

Inicialmente transmitidos por um processo oral, estes poemas conheceram (no século VIII a.C.) a sua expressão escrita...

Por que razão foram a «Ilíada» e a «Odisseia» a perene expressão de uma cultura que se manifestou graficamente? Porque a sua mensagem continha um passado cultural que se infiltrava nos gregos devido à sua intenção educativa. Pedagógicos, os poemas homéricos teriam de ser os primeiros a conhecer a imortalidade da palavra escrita. E foram-no no seio da cultura grega.

Este escrever de uma oralidade criada por poetas, esta grafia posterior, coloca-nos algumas reflexões em torno de:

Primeiro — Uma escrita simultaneamente criadora e conservadora no seio de um modo de ser basicamente vinculado a longínquos tempos. Isto é, preservando uma memória colectiva, a escrita possibilita a expansão de ideias que não subsistem uniformemente dentro dos indivíduos que formam o todo social. Refiro-me à criação, à necessária ruptura que o inovador constrói no modelo institucionalizado. Originariamente aceite como passivo instrumento de um passado comum, a escrita tornou-se o necessário veículo de todo o evoluir dado que permitiu a divulgação do pessoal e do colectivo. Ou seja: a inserção do novo modelo paradigmático que é a cultura em que se insere.

Segundo — Um exprimir poético como a primeira tentativa de captação do ser. É o poeta o sentinela da identidade cultural de um povo porque o poeta tem o privilégio de ser agraciado pela deusa Memória. O poeta é aquele que tem a capacidade de penetrar o comum passado da cultura em que se insere como o contador fiel e imprescindível. O poeta tornava possível o emergir de uma verdade que aos outros era vedada — e, por isso, se pode afirmar (como Martin Heidegger) que a palavra «é a casa do ser» e que «a poesia é o falar por excelência.»

Terceiro — A escrita poética como impulsionadora de um modo de pensar que se interroga sobre a causa das coisas: refiro-me ao pensamento desenvolvido pelos Milésios no século VII a.C.

Tudo o que acabo de dizer alude ao tema (implícito ou explícito) do livro «Antes de Sócrates — Introdução ao estudo da Fillosofia Grega», da autoria de José Trindade Santos. Em meu entender, um rigoroso e claro discursar sobre a origem da filosofia grega — o espectacular suporte de uma posteridade histórica na qual me insiro sua herdeira. Em vez de um singular, um plural: nos inserimos.

«Pelo cão!» Vou-me deixar de comentar o que li para proceder a uma esquemática exposição das ideias que José Trindade Santos (professor da cadeira de Filosofia Antiga na Faculdade de Letras de Lisboa e cujo discurso, em outros tempos, tive o ensejo de acompanhar como aluna) desenvolve neste seu brilhante detectar da mudança de uma **pré-história** do pensamento para a sua **história.** Não quero de modo algum ser acusada de distorcer a palavra do autor...

Depois de uma introdução em que, recorrendo ao testemunho de Karl Popper, JTS divide o universo vivencial em três mundos («o dos objectos e estados físicos — as pessoas e as coisas; o dos estados da consciência — pensamentos, volições, determinações para agir; e, finalmente, o dos conteúdos de saber, de que se destacam as ciências e as artes — as ideias»), procede o autor a uma problematização de temas pertinentes e inesgotáveis que se encontram ao longo do estudo de um período histórico comummente de denominado de Milagre Grego.

(Acentue-se que há uma dificuldade enorme em estudar os antecedentes da Filosofia nascente — e isso porque nos defrontamos com testemunhos nem sempre merecedores de confiança. Se o comentador é útil devido ao facto de anotar as opiniões dos pensadores pré-socráticos, também é incómodo pela sua tendência para distorcer o que regista. E o caso mais típico deste desvio ao que foi dito pelos Milésios é o de Aristóteles em «A Metafísica». E porquê? Porque ao defender na sua filosofia a existência de quatro causas — a material, a formal, a final e a eficiente — projecta no seu testemunho sobre os Milésios a concepção de um princípio material de todas as coisas...)

Seguindo o correcto inquirir do autor, eu dividiria os temas por ele abordados nos seguintes tópicos:

1) A memória enquanto «matriz do saber» dentro do período que, na Grécia, precede a escrita.

2) O impacte da «literariedade» na vida cultural grega (a escrita introduziu-se «no primeiro quartel do século VIII a.C., data que também se atribui à composição por escrito dos poemas homéricos»).

3) «(...) que razões terão levado os gregos, de entre tantas mensagens saídas de um passado tumultuoso e obscuro, a escolher estes poemas para seu primeiro registo cultural?»

4) A importância de Homero («Ilíada» e «Odisseia») e de Hesíodo («Teogonia» e «Trabalhos e Dias») na cultura grega.

5) O elo existente entre o «mito cosmogónico» desenvolvido por Hesíodo e Homero e a «cosmologia» de os «primeiros filósofos».

Na tentativa de inteligir criticamente os anteriores temas, chega (José Trindade Santos) às seguintes conclusões:

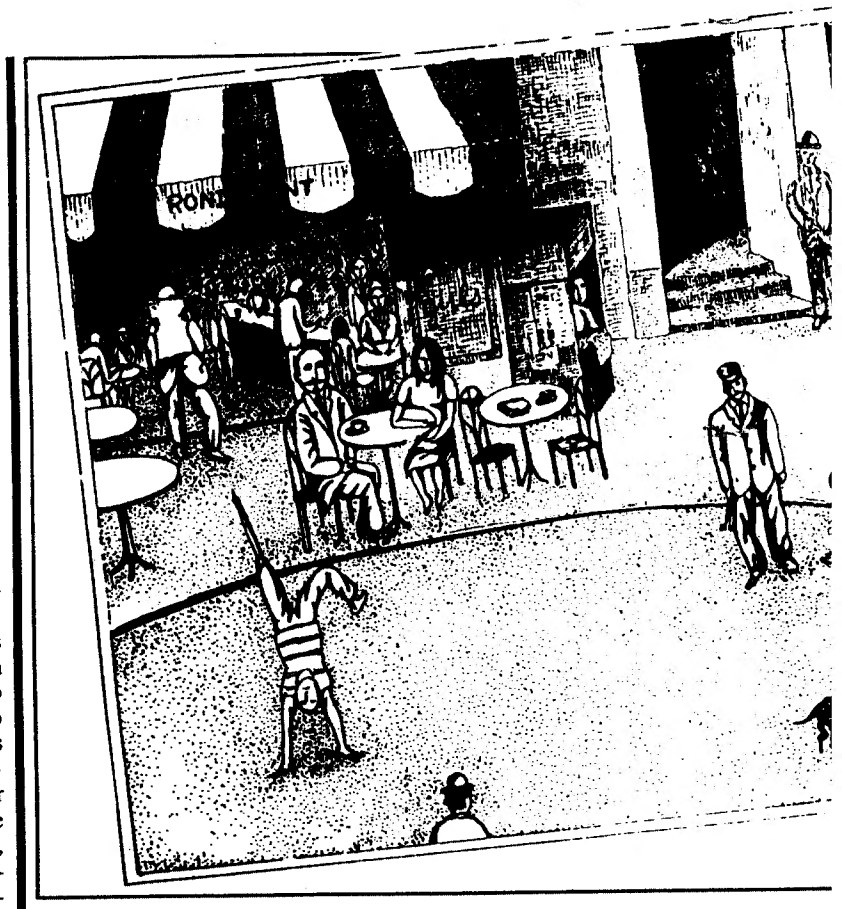
I) O êxito que a «Ilíada» e a «Odisseia» obtiveram nas gerações vindouras deve-se ao «quadro ético-político que os poemas condensam. O modelo do herói homérico impõe-se como a expressão de um ideal de vida, ideal de vida que os Gregos — e muitos outros depois deles — nunca perderão de vista, mesmo quando absolutamente o questionam.»

II) Homero e Hesíodo são os «pais da cultura grega» — e na «Teogonia» de Hesíodo, muito especialmente, se encontra o apontar para a cosmologia dos Milésios. Tanto na «Teogonia» de Hesíodo, e pese o facto de ser um mito cosmógónico onde se conta a história dos deuses, como nas cosmologias dos primeiros pensadores gregos. Utilizo este termo porque parto do pressuposto de que o seu racionalizador, o real, é impregnado de influências mitológicas, embora a razão as ultrapasse... Claro que as escolas Itálicas já se exprimem bastante abstractamente, mas tanto os pitagóricos (espécie de confraria religiosa que por razões de fé elege o número como princípio e faz do universo uma harmonia numérica em que o dez era venerado...), como os Eleatas (e aqui não posso deixar de referir Parménides de Eleia, o criador do princípio de identidade...) — não desenvolveram um saber sistematizado e obrigatório em todo o que se quer merecedor do título de Filósofo. Apesar de Pitágoras de Samos ser o autor do termo **filósofo,** só Platão o transformará em mais do que conceito ao desenvolver um sistema em que um método, uma definição e um objecto conferem legitimidade a um pensar coeso e ordenado que se quer Filosofia. E aqui se encontra a noção de que tudo teve um começo no tempo. Bem como de que no universo há deuses...

III) Há uma diferença entre a exposição da «Teogonia» de Hesíodo e a dos fragmentos de Anaximandro de Mileto, isto é, de todos os pré-socráticos.

Uma vez feito o levantamento de todos os pensadores pré-socráticos, aborda JTS «A formação da Filosofia como disciplina». Fá-lo com o mesmo rigor transparente que usou ao longo de todo o estudo.

Em suma: acerca deste livro («Antes de Sócrates — Introdução ao estudo da Filosofia Grega», ed. Gradiva) só me resta concluir que me parece ser um instrumento de trabalho a utilizar por todos aqueles que nos liceus ministram a disciplina de Filosofia. Mais: e que é um precioso contributo para todos aqueles que pretendam aperfeiçoar o que já estudaram sobre uma época histórica tradicionalmente designada por «Milagre Grego».



O cágado esperto

José Manuel Jara

MOVIMENTAVA-SE o bicho com o à-vontade próprio da espécie, protegido na sua toca portátil. O que lá por dentro acontecia, só ele, no íntimo, sabia.

Certo dia, andava no seu costumado pastar em lentos passinhos, com que peso às costas, quando, zás, tropeçou! E que tropeção! Sem tempo para se dar conta, ficou de pernas para cima e cabeça para baixo, posição muitíssimo incómoda para a categoria zoológica.

Mexeu-se, remexeu-se, esticou o pescocito, esperneou para a esquerda e para a direita, escancarou quanto pode a carapaça a ver se saía, mas a pose era a pior. A um cágado, assim, não podem acontecer coisas destas...

Estava ele todo esticadinho a dar uso à ginástica inata, já a noite caía, quando pelo sítio da desdita passou o mocho, em voo raso. Todo curioso para ver o desfecho, foi poisar por perto. E manteve-se num circunspecto silêncio, a ver...

O carapaça topou-o lá em cima e, revirando os olhos, disse-lhe numa voz maviosa:

— Caro mocho, como me hei-de safar desta aflitiva posição tãao ao contrário do meu horizontal andar? Faz-me tanta falta pôr, de novo, a gravidade ao meu serviço, ai, ai...

— Olha, meu cágado, vira-te do avesso, vira-te do avesso... ilustre, arranja umas asas!

DIU

O S
v
d
ti
-nos. Se
as pref
-nos. Ma
somos n
perdurar
como só
quecemo
provoca
-nos, se
lhes opo
os opón
Damos-
nossa li
permane
acaso,
jectivo.
mos. S
brio. Ma
a nós
Como o
sua quie
fine —
gávamo
dido. F
ligação
prova (
sólidos)
ainda p
que toc
o copo.
vel. De
que não
nimo (
diminu
possíve
limite
Form
riedade
objecto
tes. A
o Ser,

Diário de Lisboa
LER ESCREVER

Requiem dona eis domine...

José Carlos Gonzalez

SÁTIROS volantes algas frias
na combustão aquática dos dias

reino do incompleto do infecundo
que algum dia quis saber do mundo

carneiros de panurgo rabo alçado
com machotes e damas perna ao lado

torpor atlântico cansadas velas
águas entorpecidas podres caravelas

povo tão pouco e arganazes tantos
sempre à espera de doutores e de santos

venham pois bentinhos e milagres
sujar as pedras do antigo Sagres

o nome de Portugal desaparece
cinza espessa de terra que arrefece.

Poema

Jorge Ferreira

DA árida sílica liberta
a rosa é um libelo
breve, como as mãos
no regaço do tempo

Enquanto de Março se veste
o trigo mais puro
(que sustenta as ilusões),
de seda
se cobrem os olhos
quando os lábios
tecem Maio

De sol inda as cigarras
alimentam o canto
E já o profundo hálito
do Outono se abate
sobre as searas.

DIURNOS

A natureza sólida dos objectos

Théodore Fraenckel

OS objectos são muitas vezes a parte terminal dos corpos. Como sentimentos, continuam-nos. Selam pactos, conforme as preferências: estabilizam-nos. Materializam. Os objectos somos nós. Incólumes. Que nos perduram — aquém do acaso, como sólidos. Quando nos esquecemos de Ser, por exemplo, provocam-nos. Substituem-se-nos, se não os destituímos. Não lhes opomos resistência. Nem os opómos ao que é vivo (?). Damos-lhes nomes para que na nossa ligação com eles ainda permaneça alguma vertigem: o acaso, o resquício de um subjectivo. Por isso, deles nos rimos. Somos o seu desequilíbrio. Mas se os consideramos, é a nós que nos reconhecemos. Como o perfume do espírito. Na sua quietude, é ele que nos define — nos reconduz ao que julgávamos já não existir ou perdido. Formas dos outros na sua ligação comigo, eles são ainda a prova (Como mognos, móveis, sólidos) de que o contacto é ainda possível. O objecto é o que toco. O cálice. O bordo. Ou o copo. Sempre mínimo e tangível. Definível quase que pelo que não é, ou perde: o seu mínimo (deslize). Eis o que são: diminutos signos. Signos do possível — e que com o seu limite nos infinitizam.

Formas, portanto, de solidariedade com os sólidos. Pensar o objecto é conceber-lhe os limites. A consciência que se forma, o Ser, é ainda aquém do que lhe resiste. A consciência, repito, do que lhe resiste. Pensá-lo, o objecto (o corpo), é ter a percepção do que nos precipita: ao mesmo tempo uma queda e um fundo — ao qual vamos de encontro e que contudo não nos resiste (impossibilita). Ao mesmo tempo a pulsão e a enormidade (consciência) do objecto. Um sinal de não chegada e um fim de partida (Uma consciência dos limites que nos infinitiza). Tem-se a noção desse desmesura e no entanto, um momento que devia ser único, procura-se cindi-lo: erguer sempre uma barreira, uma resistência, que fixe o movimento até que ele retroceda e num flash-back se fixe, como uma incidência (isco): isto é, ao mesmo tempo como o aquém do que **podia** ter sido (entrecortado vazio, a experiência da resistência: dolorosa e física) e como o que nos **designa** (distingue e de-limita).

(*) Em baixo, uma citação de Lucrécio: «designarei estes elementos pelo nome de matéria, corpos procriadores, sementeira das coisas — e chamar-lhe-ei ainda os primeiros corpos, porque é neles que tudo tem a sua origem» (De Natura Rerum). Nos DIURNOS é, aliás, em muitos casos evidente a influência de Lucrécio (NT).

Nota por escrito

É um grande democrata e um grande pacifista, quem há, por esse mundo fora, que se não lembre da sua actividade contra a guerra do Vietname?...

Mas Benjamin Spock já era célebre em todo o Mundo, antes disso, como autor de livros sobre as crianças, obrigatórios em todas as famílias, prenda obrigatória a todos os noivos. Afirma-se que «Meu Filho, meu Tesouro» é o livro mais lido em todo o Mundo, depois da Bíblia...

Lembro-o agora aqui para registar uma frase sua exactamente sobre os brinquedos, problema que todos os educadores enfrentam. Dizia ele que o melhor brinquedo que se pode oferecer a uma criança é... um lápis.

É uma grande verdade que teve, para além de tudo, o mérito... de ter sido dita. É que às vezes uma pessoa até se envergonha que o tomem por **snob...**

Os grandes homens não receiam nada disso. Nem os grandes homens nem o povo que, obviamente, prescinde do adjectivo grande...

Há dias fui ao mercado das Picoas e, já aviado, parei diante dos vendedores ambulantes que se juntam diante da peixaria reclamando seus artigos de tostão. Uma mulher gritava para colocar os seus lápis às dúzias, apanhados sabe-se lá em que rusga de contrabando — e aqui ficam os meus pedidos de desculpa se acaso não for assim.

E ela dizia na voz já rouca de tanto argumentar:

— E pró menino e prá menina, lápis para escrever e para desenhar, a melhor coisa que lhes podem dar...

E repetia o slogan vezes sem conta...

Ali estava a grande verdade: para escrever e para desenhar, a melhor prenda que se pode dar.

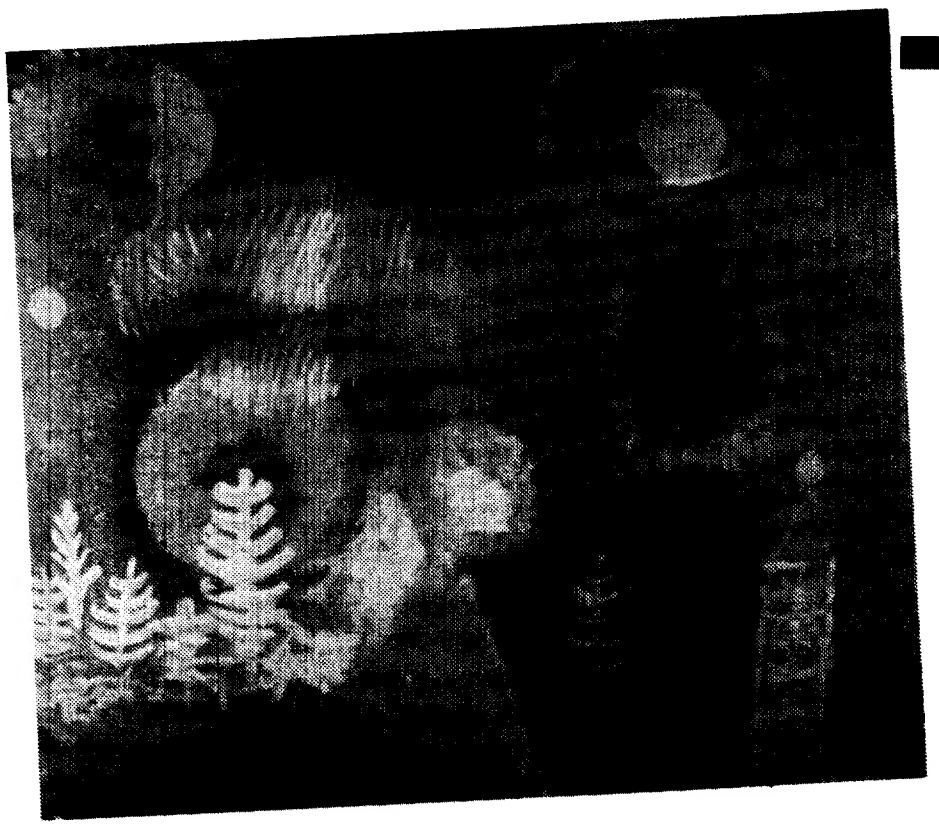
Uma coisa lhes garanto eu: ela nunca lera Spock. Spock é que ouvira o povo.

Como acontece, aliás, a todos os grandes homens.

M. C

Diário de Lisboa
LER ESCREVER

"Documento" (1933)



Paulo Tunhas

NÃO há poesia fora de uma elucidação da nossa relação com os objectos mais simples. Por isso sempre que escrevo me maravilha o próprio gesto de escrever e o meu primeiro poema de todos os dias é sempre (mesmo que o não escreva) sobre o espaço ocupado pela folha de papel, o lápis, a mesa na qual escrevo e a mão que escreve.

Não que eu pretenda ver nisto qualquer sinal de uma explicação completa da existência, alguma matriz do Mundo. Apenas quero dizer que me é impossível deixar de partir daqui, de me surpreender com o efeito benéfico e tranquilizador que este ritual para mim possui.

Por isso, quando penso em Klee, não posso deixar de imaginar que isto mesmo ele muitas vezes sentiu, só que genialmente ampliado. E este pensamento não é — atrevo-me a julgar — mera conjectura: quem quer que seja que veja uma pintura ou um desenho de Klee ou que leia algumas passagens dos seus Diários não pode deixar de intuir profundamente o prazer do artífice e do executante por detrás das suas obras.

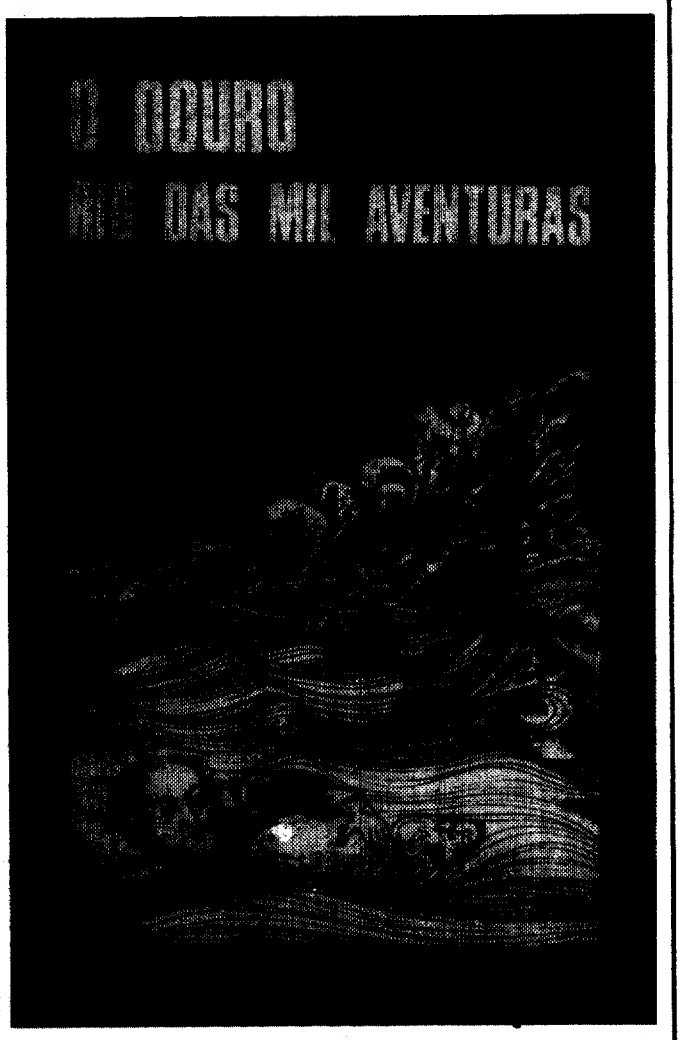
É claro que isto vale para toda a obra de arte e para todo o artista, mas para Klee vale superlativamente. Há em Klee uma permanente disponibilidade para a descoberta e essa disponibilidade (a aventura) começa logo no contacto com os instrumentos — o lápis ou o pincel — e concluiu-se (provisoriamente) na relação do desenho ou da pintura com o título, no humor mágico e luminoso do «título».

Poesia e pintura são estranhos ofícios. Klee pôde escrever um dia que «o desenho e a escrita são idênticos pelo seu fundo»; eu atrevo-me a acrescentar que tirando o fundo, a noite, o universo, eles são completamente diferentes, e nisto eu o não contradigo, antes o sublinho: é que poesia e pintura, para serem realmente poesia ou pintura, precisam de mergulhar no universo das fascinação das formas, da colecção dos objectos, e esse universo é o do «coração do mundo», universo comum a toda a arte e a toda a vida, origem luminosa da criação — mas, tirando essa unidade originária, esse fundo comum, pintura e poesia são completamente diferentes, sem o que não seriam, de resto, poesia e pintura.

Quando me disponho a escrever sobre as realidades iluminadas por Klee, tudo o que eu quero é fazer um pouco minhas essa disponibilidade para a descoberta e essa relação com os objectos que eu reconheço em Klee.

E para isso só posso buscar, através da separação dos caminhos, o fundo originário comum à pintura e à poesia e a toda a criação, o caminho principal relativamente ao qual pintura, poesia e música são caminhos laterais.

ESTANTE INFANTIL



TÍTULO — O DOURO — Rio das Mil Aventuras
AUTOR — Adolfo Muller
ILUSTRADOR — Guilhermina Morais
EDITOR — Editora Figueirinhas

NUNCA será de mais acarinhar quem, neste país desertificado, se dedica à literatura infantil. Nem os que, no âmbito da sua actividade, não se esquecem de que existe neste mundo um pequeno país chamado Portugal.

Dois motivos, qual deles o mais forte, para aqui falarmos do último livro de Adolfo Simões Muller, **O Douro, rio das mil aventuras.**

E podíamos acrescentar mais um: este livro, dedicado inicialmente aos jovens e às crianças, pode perfeitamente andar nas mãos de muitos adultos, de muitos que sabem da terra onde nasceram, menos do que doutras onde nunca puseram os pés.

As aventuras de que nos fala Adolfo Simões Muller não são propriamente as tropelias das suas águas, de pedra em pedra. Eis que, percorrendo o caminho do Douro, nos vamos encontrar a todo o instante com a vida da nossa pátria através do tempo. De tal modo se pode justamente dizer que, por obra e graça de Adolfo Simões Muller, (ah, estes poetas...) o Douro desagua não no mar, mas no povo...

Povo que, com o seu trabalho, cobre penhascos com a terra que depois dará o vinho de ouro. Povo que, com todo o sacrifício, levanta uma pátria e a defende. Povo criador de culturas, senhor de uma personalidade cujo símbolo estaá bem neste rio que se não deixa vencer por qualquer obstáculo.

Vamos, com a impetuosidade do grande rio, saltando de história em história, de lenda em lenda, de nome em nome, de terra em terra. A história, com as aventuras de que a juventude e a infância tanto gostam, o folclore, a poesia, a arte — inclusive a gastronomia: verdadeira cavalgada, da primeira à última linha.

A recolha de elementos representa, no livro de Adolfo Simões Muller, um colossal esforço. Amplamente recompensado? Sem dúvida. Assim o amor, que tal esforço justifica, venha a encontrar eco nos leitores e os motivos para a defesa de um rio que certas aventuras e desventuras nucleares tanto ameaçam.

MÁRIO CASTRIM

AS LETRAS EM DIA

«Nome de thriller», de Renato Solnado, é uma estreia em Livros Horizonte. Uma estreia, para já, que merece atenção: trata-se de um romance policial, muito bem urdido, desenvolto no diálogo, com a atmosfera de «suspense» até à última página. Sem sombra de dúvida que o autor se revela (não o tememos dizer) um escritor. Fazemos votos, no entanto, para que Renato Solnado se deixe de uma ficção alheia à nossa vida e se debruce sobre a nossa realidade. E isso porque, fora qualquer elogio fácil, estamos na presença de um homem (aliás jovem) que sabe preencher as páginas em branco com personagens, ambientes, situações, intriga. Segundo nos consta, o próprio Renato Solnado já se apercebeu de que se deve dedicar a obras que aproveitem o material português que todos nós somos: na forja estaria já um novo romance devidamente agarrando a parte que somos no mundo. No entanto, nada de menosprezar este «Nome de thriller». É um livro mesmo para ler, a fim de que nos surpreendamos que há escritores entre nós.